



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DIMITRI ANDREY SCARINCI

CARNAVAL EM REFORMA(S): Centralidade das Grandes Sociedades
Carnavalescas em meio à nova Avenida Central

Rio de Janeiro

2021

DIMITRI ANDREY SCARINCI

CARNAVAL EM REFORMA(S): Centralidade das Grandes Sociedades
Carnavalescas em meio à nova Avenida Central

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Scott Willian Hoefle

Rio de Janeiro

2021

CIP - Catalogação na Publicação

A572c Andrey Scarinci, Dimitri
 CARNAVAL EM REFORMA(S): Centralidade das Grandes
Sociedades Carnavalescas em meio à nova Avenida
Central / Dimitri Andrey Scarinci. -- Rio de
Janeiro, 2021.
 158 f.

 Orientador: Scott Willian Hoefle.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, 2021.

 1. Rio de Janeiro. 2. Carnaval. 3. Grandes
Sociedades. 4. Espacialidades. 5. Reformas Urbanas.
I. Willian Hoefle, Scott, orient. II. Título.

DIMITRI ANDREY SCARINCI

CARNAVAL EM REFORMA(S): Centralidade das Grandes Sociedades
Carnavalescas em meio à nova Avenida Central

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

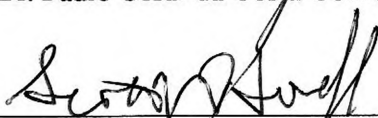
Aprovada em: 25 de Outubro de 2021.



Orientador: Prof. Dr. Scott William Hoefle (PPGG/UFRJ)



P/ Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes (PPGG/UFRJ)



P/ Prof. Dr. Luiz Felipe Ferreira (PPGARTES/UERJ)

Nesse Rio que vem e que vai,
Traço o meu destino,
E viro menino para brincar de Carnaval.

(G.R.E.S. Portela, 2015).

AGRADECIMENTOS

As forças da natureza, representadas em diferentes formas e significados, que nos ensinam a viver em busca de um mundo mais fraterno, justo, equilibrado e harmônico.

Aos meus pais, avós, tios e padrinhos por enriquecerem esta caminhada com suas experiências, ensinamentos, afetividade e companheirismo.

Aos meus irmãos e sobrinhos por permitirem que a jornada não seja solitária, mesmo que as condições adversas, algumas vezes, possam fazer-me pensar o contrário.

Aos meus amigos, pela companhia e convivência em diferentes tempos e lugares, por serem os irmãos que escolhemos pelo simples fato de cruzarem nossos caminhos.

Ao meu orientador, pelo apoio, contribuição e pelos conhecimentos transmitidos ao longo da orientação, que viabilizaram a pesquisa apresentada nesta dissertação.

Aos membros da banca, pela aceitação do convite, pelo tempo dedicado à leitura e as considerações feitas para o enriquecimento e aprofundamento da pesquisa.

Aos professores ao longo da graduação, em especial ao meu orientador da graduação, e bem como os grupos de pesquisa que participei, que contribuíram com suas experiências, métodos e visões de mundo para as minhas atividades de pesquisador e educador.

Ao Carnaval, pela alegria e felicidade dos dias do reinado de Momo em contraponto aos demais dias do ano em meio ao obscurantismo dos tempos atuais.

Ao PPGG e a UFRJ, pela formação acadêmica e pela infraestrutura disponibilizada na busca de contribuir com as problemáticas da sociedade em meio a grupos que não acreditam na Educação e na Ciência como ferramentas para a melhoria e o desenvolvimento do país.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos que possibilitou a dedicação integral ao desenvolvimento da pesquisa.

E caminhar, sob o brilho e o ar de Paris
Um *boulevard* passos para um novo país
Nas rimas da minha poesia
O meu Rio de Janeiro
Derrubava o passado e erguia
O cenário pra encantar o mundo inteiro [...]

(G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, 2009).

RESUMO

ANDREY SCARINCI, Dimitri. Carnaval em Reforma(s): Centralidade das Grandes Sociedades Carnavalescas em meio à nova Avenida Central. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. 158f.

O objetivo central da presente pesquisa procura identificar a construção da centralidade simbólica pelas práticas das Grandes Sociedades Carnavalescas – Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos, na Avenida Central, em meio às intervenções urbanas que o Rio de Janeiro passou entre 1902 e 1906. A “reforma” do Carnaval compreende a perspectiva do Rio de Janeiro através do Carnaval e como essa festa produz espacialidades na cidade tanto nos dias do reinado de Momo quanto em demais atividades ao longo do ano. Dessa forma, as intervenções que a cidade passava criaram diálogo com as formas que as Grandes Sociedades realizavam suas atividades. O caminho metodológico percorrido tem proveniência da Geografia Histórica através da perspectiva da sincronia espacial, também denominada como inscrição, uma vez que aborda recortes espaciais e temporais definidos pela leitura de ações humanas através da reconstrução de práticas e usos da cidade de então. A operacionalização adotada abrangeu a elaboração de revisão bibliográfica pertinente ao tema, levantamento de notícias em periódicos, constituídos de jornais e revistas, e busca de imagens, compreendidas entre mapas e figuras, nos acervos de órgãos públicos de pesquisa. A discussão e os produtos gerados em torno dessas ferramentas viabilizou o desenvolvimento deste trabalho dissertativo. Como resultados, a “reforma” do Carnaval relaciona os impactos nas atividades das Grandes Sociedades na inserção de novos logradouros para as suas atividades, em especial os desfiles carnavalescos. Além de representar a nova imagem que o Rio de Janeiro ansiava desde o século XIX e que também estava representada nos desfiles das Sociedades e na formação do Carnaval carioca. O recorte empregado em observar os Carnavais antes, durante e após a reforma configura e exemplifica a noção de cidade que o Rio de Janeiro tinha; aquele que era esperado através das obras e a criação das novas avenidas com infraestrutura e edificações que representassem a modernidade e civilidade propagadas pelas Grandes Sociedades em suas atividades e existências.

Palavras – Chaves: Rio de Janeiro; Carnaval; Grandes Sociedades; Espacialidades; Reforma Urbana.

ABSTRACT

ANDREY SCARINCI, Dimitri. **Carnaval em Reforma(s):** Centralidade das Grandes Sociedades Carnavalescas em meio à nova Avenida Central. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. 158f.

The main objective of this research seeks to identify the construction of symbolic centrality through the practices of the Grandes Sociedades Carnavalescas – Tenentes do Diabo, Fenianos and Democráticos, on Avenida Central, in the midst of urban interventions that Rio de Janeiro underwent between 1902 and 1906. The "reform" of Carnival comprises the perspective of Rio de Janeiro through Carnival and how this festival produces spatialities in the city both in the days of Momo's reign and in other activities throughout the year. In this way, the interventions that the city underwent created a dialogue with the ways that the Grandes Sociedades carried out their activities. The methodological path taken comes from Historical Geography through the perspective of spatial synchrony, also known as inscription, since it addresses spatial and temporal cuts defined by the reading of human actions through the reconstruction of practices and uses of the city at the time. The operationalization adopted included the elaboration of a bibliographic review pertinent to the theme, survey of news in periodicals, consisting of newspapers and magazines, and search for images, included between maps and figures, in the collections of public research bodies. The discussion and the products generated around these tools enabled the development of this work. As a result, the "reform" of the Carnival realises the impacts of the activities of Grandes Sociedades in the insertion of new places for their activities, especially the Carnival parades. In addition to representing the new image that Rio de Janeiro yearned for since the 19th century and which was also represented in the parades of the Sociedades Carnavalescas and in the formation of the carioca Carnival. The approach used in observing the Carnivals before, during and after the reform configures and exemplifies the notion of city that Rio de Janeiro had; that which was expected through the works and the creation of new avenues with infrastructure and buildings that would represent the modernity and civility propagated by the Grandes Sociedades in their activities and existence.

Key – Words: Rio de Janeiro; Carnival; Grandes Sociedades; Spatialities; Urban Reform.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema Centro e Periferia	27
Figura 2 - Arranjos espaciais e fortificações no século XVI	29
Figura 3 - Planta de Buenos Aires em 1708	31
Figura 4 - Planta do Rio de Janeiro em 1750	33
Figura 5 - Rio de Janeiro em 1608, 1710 e 1839	37
Figura 6 - Caricatura da epidemia em 1878	41
Figura 7 - Mapa da cidade antes da reforma em 1852	49
Figura 8 - Mapa da cidade após a reforma em 1910	50
Figura 9 - Caricatura sobre as obras	52
Figura 10 - Planta da Comissão de Melhoramentos com destaque para as principais avenidas	55
Figura 11 - Planta da Avenida Central	59
Figura 12 - Fachadas da Avenida Central e a cidade velha ao fundo	61
Figura 13 - Entrudo Familiar e Entrudo Popular	68
Figura 14 - Entrudo versus Carnaval	71
Figura 15 - Ataque aos policiais	76
Figura 16 - Emblemas das Grandes Sociedades	81
Figura 17 - Sócios dos Tenentes do Diabo em 1909	85
Figura 18 - Sócios do Club dos Fenianos em 1909	87
Figura 19 - Sócios do Club dos Democráticos em 1909	90
Figura 20 - Especialização das sedes das Grandes Sociedades antes das Reformas	93
Figura 21 - Especialização das sedes das Grandes Sociedades durante as Reformas	96

Figura 22 - Espacialização das sedes das Grandes Sociedades após as Reformas	99
Figura 23 - Piquenique de sócios dos Democráticos em 1909	101
Figura 24 - Desfile dos Tenentes do Diabo em 1910 saudados pelo público	112
Figuras 25 e 26 - Carro Alegórico e de Crítica dos Fenianos em 1910	113
Figura 27 - Desfile de Carnaval dos Tenentes em 1899	119
Figura 28 - Passeata dos Fenianos em 1902	121
Figura 29 - Desfile de Carnaval dos Fenianos em 1904	125
Figura 30 - Passeata Pré-Carnaval dos Tenentes em 1907	127
Figura 31 - Desfile de Carnaval dos Democráticos em 1908	131
Figura 32 - Préstito de Ano Novo dos Democráticos em 1908/1909	133
Figura 33 - Caricatura do aspecto francês na Avenida	136
Figura 34 - Carnaval de 1906 na Avenida	140
Figura 35 - Carnaval de 1907 na Avenida	141
Figuras 36 e 37 - Carros Alegóricos dos Democráticos em prol da(s) Refoma(s)	143

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 RIO DE JANEIRO: FORMAÇÃO, CENTRALIDADE E REFORMA(S)	24
2.1 A cidade e seu centro	25
2.2 A cidade à moda Lusitana	28
2.3 As heranças coloniais	35
2.4 Os melhoramentos da cidade	42
2.5 A cidade em reforma	45
2.6 O Rio “centraliza-se”	53
3 AS GRANDES SOCIEDADES E A VIVÊNCIA NA CIDADE	62
3.1 Do carnaval e da festa	63
3.2 Dos festejos de Momo no Rio de Janeiro	66
3.3 As Sociedades Carnavalescas	73
3.3.1 Sociedades Pioneiras	74
3.3.2 Demais Sociedades	78
3.4 As Grandes Sociedades	80
3.4.1 Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo	83
3.4.2 Club dos Fenianos	86
3.4.3 Club dos Democráticos	88
3.5 Das práticas carnavalescas no espaço da cidade	91
4 DO CARNAVAL DAS GRANDES SOCIEDADES NA CIDADE	104
4.1 Da festa nos dias de Momo	105
4.1.1 Da preparação	107

4.1.2 Dos dias de festa	110
4.2 Das centralidades da festa	114
4.2.1 Da cidade colonial	116
4.2.2 Da cidade em reforma	122
4.2.3 Da nova cidade	128
4.3 Do Carnaval na Avenida	134
4.4 Da cidade, da Avenida e do seu Carnaval	141
5 CONCLUSÃO	146
REFERÊNCIAS	150

1 INTRODUÇÃO

Uma cidade é composta por símbolos, significados e espacialidades. Há diversas formas e elementos que compõem esta leitura como, por exemplo, as ruas e o Carnaval, que produzem novas espacialidades e, logo, novos usos. Desse contexto, a cidade do Rio de Janeiro teve ocorrências desse arranjo desde os seus tempos coloniais, como diversificação e surgimento de novas manifestações ao longo da segunda metade do século XIX em busca de construir o que seria o Carnaval carioca em meio às novas configurações espaciais simbólicas que ocorriam durante esses dias festivos. O Carnaval praticado até os dias atuais passou por diversas reformulações, manifestações, contextos e espaços em coexistência com as mudanças e usos que o Rio de Janeiro passou, ora com a permanência de novas manifestações, ora com os desaparecimentos das mesmas, conforme Cunha (2001), Ferreira (2004; 2005) e Moraes (1958).

Um das dessas reformulações foram as que ocorreram durante os primeiros anos do século XX através das reformas urbanas na área central do Rio de Janeiro, especialmente pela abertura de novas avenidas. Essas medidas tomadas pelo poder público esperavam conferir o ar cosmopolita e moderno em contraponto aos problemas herdados tanto dos tempos coloniais quanto dos tempos imperiais, segundo Abreu (1997) e Azevedo (2003a; 2003b). Porém, o Carnaval que era praticado na cidade, em especial o das Grandes Sociedades Carnavalescas, que já tinham suas principais atividades carnavalescas aperfeiçoadas ao longo dos anos se deparou com novos palcos para as suas atividades, com destaque para a Avenida Central, cujo nome escolhido reflete o desejo da nova centralidade que se formasse em seu entorno, leva ao questionar em que medidas a inauguração desse logradouro vai funcionar na polaridade e atividades das Grandes Sociedades na composição do seu Carnaval antes, durante e após a reforma.

A discussão a ser apresentada ao longo dos próximos capítulos tem como elemento central identificar o processo de construção da centralidade simbólica na Avenida Central através das práticas das Grandes Sociedades em meio às reformas que o Rio de Janeiro passava. Essa noção terá a abordagem construída pela existência das festas e atividades carnavalescas em concomitância à “nova cidade” que as reformas urbanas deveriam conferir à área central do Rio de Janeiro, com as obras concentradas entre 1902 a 1906. Estas tiveram impactos e formularam a “Reforma” no Carnaval entre os anos de 1903 e 1906, com a observação dos quatros anos anteriores – 1899/1902 - e quatro anos posteriores – 1907/1910;

possibilitam a viabilidade do desenvolvimento do eixo central da narrativa empregada ao longo deste trabalho dissertativo.

Como suporte à discussão central e à abordagem sobre a cidade do Rio de Janeiro, torna-se factível elencar a formação espacial, das centralidades e do contexto que desembocaram nas reformas urbanas, conhecidas como Reforma(s) Passos. O entendimento da cidade enquanto produção da ação humana e da vida urbana reflete a sua organização espacial e, conseqüentemente, problemática e desafios surgidos do seu crescimento populacional e de infraestrutura que comporte essa realidade. Esse era o retrato do Rio de Janeiro ao longo do século XIX, acentuado por diversos eventos históricos que levaram a cidade a aumentar exponencialmente sua população com estruturas espaciais herdadas das estruturas coloniais em meio à convivência com a insalubridade e os surtos de doença, como a Febre Amarela (ABREU, 2003; BENCHIMOL, 1992; CARVALHO, 1990). Logo, as discussões e planos para intervenções urbanas não soavam distantes.

Outra parte da discussão a ser inserida no desenvolvimento da pesquisa gira em torno de constituir o surgimento e organização das Grandes Sociedades enquanto manifestação carnavalesca e seu simbolismo, tanto para o Carnaval quanto para a cidade em si. A discussão sobre a formação do Carnaval no Rio de Janeiro reflete a pluralidade de influências e movimentos ocorridos em meio às demandas da cidade no tumultuado século XIX (FERREIRA, 2005). O embate cultural entre os diferentes grupos que compunham a sociedade também refletiam nos festejos carnavalescos. Esse embate, que muitas vezes foi taxado como violento, levou ao surgimento de novas manifestações, na qual as Sociedades Carnavalescas surgem como movimento organizado de idas às ruas em direção aos bailes que ocorriam nos teatros, conforme Ferreira (2004). Esse fato ocorrido em 1855 direcionou a mudanças na forma de se brincar a festa de Momo nos carnavais seguintes.

A recorrência do Carnaval no Rio de Janeiro, representado pelas reformulações e ciclos de práticas das Grandes Sociedades criaram espacialidades e significados que faziam esses grupos estarem presentes em discussões cotidianas da cidade. Visto que as atividades que eram realizadas também eram reflexos da visão de cidade que estavam inseridos, torna-se condicionante dessa perspectiva demonstrar a apropriação simbólica do espaço da cidade através das práticas carnavalescas tanto nos dias de folia quanto na vivência da cidade em si. Uma vez que o Rio de Janeiro estivesse em reestruturação do seu tecido urbano, o Carnaval praticado por esses grupos não passaria à margem desse processo e nem incorporaria em suas

ações a discussão da modernidade e civilidade, que eram propagados longamente em seus desfiles ao longo dos anos. Dessa maneira, a “reforma” do Carnaval possibilita a explanação de como foram as atividades antes, durante e após as intervenções urbanas compreendidas entre esses anos, que configura suas práticas como formas simbólicas espaciais, conceito empregado por Côrrea (2011).

A construção da justificativa que serve como base para o desenvolvimento do trabalho parte da investigação pessoal de compreender como ocorre a espacialização e a formação de significados das práticas carnavalescas. Tal processo exemplifica a utilização da cidade ao adquirir novos usos e relações durante os dias de Carnaval. O Carnaval, enquanto parte da cultura popular, foi apreendido de formas diferenciadas nos séculos anteriores ao século XX por diferentes camadas da sociedade; o fato sugere a construção de diferentes manifestações na época dos festejos carnavalescos. Vale ressaltar que essas diferentes apropriações resultam da ascensão de uma manifestação em detrimento de outra. Cunha (2001) afirma que as demais formas de brincar o Carnaval, como o entrudo, foram “consideradas indignas da civilização e progresso” (CUNHA, 2001, p.23).

Torna-se relevante o estudo do Carnaval como fenômeno pela Geografia, pois o mesmo apresenta diferentes espacialidades e usos simbólicos em comparação aos demais usos cotidianos ao longo do ano e também pelas diversas manifestações que coexistem dentro do objeto a ser desenvolvido ao longo deste trabalho. Apresenta-se a escolha pelo estudo das manifestações das Grandes Sociedades porque as mesmas representavam utilizações distintas da cidade e da festa. As representações das Sociedades Carnavalescas resultam nas rivalidades existentes entre elas, pois disputavam a utilização do recorte espacial como também das demais ruas da cidade. Dessa forma, produziam o espaço da cidade com a produção de significado através dos seus desfiles nos dias de Carnaval.

O desenvolvimento do trabalho se torna viável pela disponibilidade de materiais e de ferramentas de análise em acervos dos órgãos de pesquisa para consulta, tanto presencial quanto digitalmente. É imprescindível apontar que a investigação dos materiais existentes nesses órgãos é facilitada pelo avanço na digitalização dos acervos porque parte dele já se encontra em meio digital, como é o caso da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹ e do acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro², e porque esses órgãos se concentram

¹<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

² <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/acervodigital>

na cidade do Rio de Janeiro. Outro aspecto relevante no tocante à viabilidade do trabalho foi a construção da revisão bibliográfica acerca do tema para além das referências da Geografia, ponto este a ser retomado nas questões operacionais da pesquisa. Dessa forma, demonstra-se a interdisciplinaridade para a construção da reflexão acerca do tema do trabalho.

O recorte temporal adotado pode ser dividido em dois aspectos: um sobre a contextualização e a ocorrência das Reformas Urbanas no Rio de Janeiro e, o outro, sobre a formação das Sociedades Carnavalescas enquanto manifestação carnavalesca representada pelas Grandes Sociedades. Ressalta-se que a gênese das intervenções no tecido urbano da cidade foi fruto da escolha e desenvolvimento da ocupação espacial ao longo do tempo, que resultou nas problemáticas e desafios que a cidade chegou na virada do século XIX para o XX. Nesse aspecto, o período dos doze anos compreendem os quatro Carnavais anteriores à Reforma, os quatro anos durante a Reforma e os quatro anos após a reforma. Não cabe, neste trabalho, abordar todos os impactos, atores e consequências decorrentes desses doze anos, no que se propõem limitar nos aspectos referentes às atividades praticadas pelas Grandes Sociedades.

No que diz respeito ao segundo aspecto, torna-se necessária a abordagem sobre como o Carnaval na cidade do Rio era praticado, para que seja relacionado às condições que fizeram a ida às ruas pelos foliões em grupos organizados e fantasiados rumo aos bailes que ocorriam no interior dos teatros (FERREIRA, 2004). Logo, essa retomada temporal faz com que a leitura feita das atividades realizadas pelas Grandes Sociedades no período compreendido nos doze anos evidencia o crescimento e a relevância dos Tenentes, Fenianos e Democráticos dentro do Carnaval carioca se comparados com as demais sociedades e manifestações que coexistiam durante os dias dos festejos de Momo. Através desse viés adotado, espera-se que a “Reforma” do Carnaval esboce que os impactos promovidos pelas intervenções na cidade reflitam nas práticas carnavalescas como, por exemplo, os anseios pelas obras e a abertura das Grandes Avenidas, cujas ações levariam à reformulação dos desfiles para abranger a dimensão dos novos logradouros.

O recorte espacial empregado no desenvolvimento da pesquisa refere-se à cidade do Rio de Janeiro, até então capital do Brasil; ora capital imperial, ora capital federal, de acordo com a extensão do recorte temporal empregado nos dois parágrafos anteriores. A escala empregada na cidade do Rio concentra-se na área central, especificamente com a abertura da Avenida Central, como resultado das reformas urbanas e o destaque em segundo plano das

ruas existentes, onde ocorriam os desfiles e demais ações das Grandes Sociedades Carnavalescas, em especial a Rua do Ouvidor. A construção da dualidade entre a visão de cidade representada pela Rua do Ouvidor e a da Avenida Central configura a oposição entre o Rio de Janeiro colonial, insalubre, com o Rio de Janeiro moderno, arejado, no qual condizia com a ideia cosmopolita de que a capital do país deveria ter no início do novo século, conforme indica Benchimol (1992).

Por questões metodológicas, empregou-se o método da sincronia espacial proveniente da Geografia Histórica, uma vez que aborda eventos ocorridos em um determinado recorte temporal que não se estende até o presente, mas que refletem as espacialidades promovidas pela ação humana. Dessa maneira, o interesse do geógrafo pelo tempo se dá por meio da espacialidade da ação humana no curso da História, que está materializada em obras fixas e expressa em fluxos, ambas resultantes de complexos processos sociais (CÔRREA, 2016). Logo, a análise espacial leva em consideração o tempo; as noções de espacialidade e temporalidade possibilitam entender as ações subjetivas e objetivas nas práticas, tanto do passado como do presente. O estudo do passado, através dos recursos e olhar do presente, torna capaz de investigar as formas, tanto espaciais como não espaciais, evidenciando as práticas e mecanismos da produção do espaço ocorridos no passado.

O estudo do passado de uma cidade é uma forma de encontrar a interpretação dos lugares (SILVA, 2012). O uso urbano ou da cidade precisam ser definidos para o entendimento de suas respectivas funções ao longo do tempo, em que há a materialização do tempo através das técnicas, tal como suas formas e usos, segundo Silva (2012). O urbano está relacionado às “atividades urbanas, do emprego, das classes, da divisão do trabalho, etc” (BARROS e FERREIRA, 2009, p. 5). Já a cidade está relacionada ao uso da “propriedade, da habitação, da mobilidade residencial, da centralidade” (BARROS e FERREIRA, 2009, p. 9). Porém, para entender a cidade como produto socialmente construído, precisa-se analisar a mesma a partir da realização humana e que apresenta diferenciações em função dos fatores históricos e geográficos próprios (CARLOS, 2015).

Se a abordagem apresentada até aqui tem por objetivo a reconstrução de histórias, lembranças e preservação do passado, a sincronia procura entender o passado pelo presente de então. Silva (2012) define essa perspectiva como a soma de dois ou mais recortes temporais simples, que possibilita analisar os processos de um tempo a outro, tanto regressivamente como progressivamente. Côrrea (2016) trata a sincronia através da perspectiva da inscrição.

Para este autor, a inscrição é a “inserção de um processo ou forma em um dado momento do tempo e em dada localização” (CÔRREA, 2016, p. 6). Tanto Silva (2012) quanto Côrrea (2016) indicam para os problemas em torno da sincronia, que compreendem a abordagem rasa e limitada das ações em torno dos processos observados, mudança dos fenômenos e o uso das escalas em objetos considerados não fixos. A inscrição demanda a combinação entre as escalas espaciais oriundas do tempo e do lugar para que a interpretação do passado pelo presente seja totalmente efetiva e sem equívocos.

A pesquisa em Geografia retrata as transformações socioespaciais e indica o contexto em que estas mudanças aconteceram, da mesma forma como o registro dessas ações, pois o estudo do presente é resultado da produção de diferentes paisagens, que são compostas por elementos físicos e utilização humana por sucessivas gerações, conforme Darby (1991). Além dessa perspectiva, também devem ser considerados as formas de disponibilização, armazenamento e acesso desses registros. Realça-se que as utilizações dessas fontes devem ser interpretadas no contexto temporal abordado, além de possibilitar as comparações entre essas fontes a fim de evidenciar o objeto de estudo amparado por esses registros (WHITE, 2010). Da mesma forma, a tomada de decisão e busca por informações seguem pelo mesmo caminho através dos considerados dados oficiais e não oficiais (CLOKE et. al. 2004).

Sobre a interpretação e análise das informações, Cloke et. al. (2004) indicam que a utilização dos jornais intermedia a desconstrução dos fatos ali relatados. Da mesma forma, tal seção do periódico foi abordada, para ser possível interpretar as ideias e a linguagem utilizada naquela notícia (CLOKE et. al. 2004). Outra inferência a ser realizada é a utilização de diferentes periódicos para dialogar com as “transformações particulares podem impulsionar mitos geográficos específicos” (CLOKE et. al. 2004, p. 72), onde os empregos dos jornais servem apenas para comprovar os questionamentos de pesquisa. Para além da concepção dos periódicos como uma fonte totalmente isenta, vale indicar que a sua construção e reprodução são reflexos do meio social em que estão inseridos, tais quais os produtos das inovações ou retrocessos no decorrer da consolidação da sociedade.

Se os jornais retratam o cotidiano de um determinado espaço, esse retrato no Brasil e, em especial, na sua antiga capital no Rio de Janeiro, passou a ser realidade apenas com a instalação da Família Real Portuguesa no início do século XIX, tal qual a função dos jornais foi reformulada e se expandiu na comunicação da monarquia portuguesa sediada no Brasil para as outras partes do mundo (SODRÉ, 1998). Logo, a história do cotidiano anterior a esse

período fica relegada aos relatos pessoais nos diários e cartas, como também nos documentos oficiais. Porém, os armazenamentos dessas informações também estavam suscetíveis às condições insuficientes para o seu armazenamento adequado a ponto da convivência com incêndios ser uma realidade. Um exemplo desse contexto foi o incêndio, em 1791, no arquivo público da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, conforme relatado por Macedo (2005).

A fim de estabelecer relações para desenvolver o entendimento das espacialidades produzidas pelo Carnaval e interpretar os costumes da sociedade carioca na mudança de concepção das relações de produção do espaço da cidade, serão utilizados como fontes de informação o levantamento e catalogação dos jornais e revistas através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A investigação dos periódicos pode ser dividida em dois grupos: jornais e revistas. O primeiro grupo é composto pelo Diário do Rio de Janeiro, Gazeta de Notícias, O Paiz, Jornal do Brasil e Correio da Manhã. Por sua vez, o segundo grupo compreende a Revista Ilustrada, Revista da Semana, Revista FonFon, O Malho e A Careta. No que diz respeito ao material encontrado, compõem-se de notícias, caricaturas, programação de eventos e fotografias. Ressalta-se que os fragmentos dos periódicos inseridos ao longo do texto dissertativo foram transpostos integralmente do que está disponibilizado na Hemeroteca Digital.

Os termos utilizados na pesquisa na base de dados da Hemeroteca Digital são definidos segundo a pesquisa prévia de local e por décadas para agrupar os jornais e revistas com publicações na cidade do Rio de Janeiro dentro do recorte temporal abordado. Os termos empregados foram “Carnaval”, “Tenentes do Diabo”, “Club dos Fenianos”, “Club dos Democráticos”, “sede”, “Caverna”, “Poleiro” “Castello”, “obras do porto”, “reforma”, “A Grande Avenida”, “Comissão Constructora”, “Embellazamento da Cidade”, “Pereira Passos”, “Dr. Passos”, “Comissão de Melhoramentos”, “Rua do Ouvidor” e “Avenida Central”. Os usos desses termos na pesquisa ocorriam tanto de forma individual como também combinados. Resultante dessa ação, as notícias encontradas surgiram das ocorrências encontradas ao longo da pesquisa que, posteriormente, foram organizadas a fim de viabilizar o andamento da pesquisa em diferentes abordagens dos periódicos indicados nos próximos parágrafos. Também indica-se que foi preservado a forma e grafia da língua portuguesa presente nos fragmentos.

O primeiro jornal usado na busca de notícias foi o Diário do Rio de Janeiro, o pioneiro dos jornais brasileiros, iniciado em 1821 sob a administração de Zeferino Vito de Meireles,

oriundo da Imprensa Régia (BRASIL, 2014). Entretanto, ao longo da sua existência, houve trocas de proprietários que levaram a períodos sem publicação e reconfiguração da linha editorial do jornal, como a de 1860, com direção de Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva e Henrique César Muzzio (ABREU, 2015). Esse periódico, ao longo da sua existência, teve como participante José de Alencar e Machado de Assis, segundo Abreu (2015). O jornal apresentou linhas editoriais distintas, ora imparciais, ora com posicionamento político definido de acordo com as convicções dos editores e do corpo de funcionários que faziam parte do periódico, conforme Brasil (2014). O jornal findou suas atividades em 2014 (BRASIL, 2014).

Outro jornal consultado foi a Gazeta de Notícias, com circulação iniciada em 1875. Teve como editores iniciais Ferreira de Araújo, Manuel Carneiro e Elísio Mendes e, como redatores, Henrique Chaves e Lino de Assunção (ASPERTI, 2006). No aspecto textual, a Gazeta se caracterizou pela produção literária em suas páginas, pois grandes literatos que residiam no Rio de Janeiro escreviam para o jornal e compuseram os gêneros conhecidos como folhetim e carta literária (SODRÉ, 1998). A Gazeta surge no boom da imprensa a partir da segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro, como reflexo do crescimento populacional da então capital imperial, além de informar as decisões políticas e o cotidiano da cidade através das suas notícias e anúncios, segundo indica Asperti (2006). Vale ressaltar que a presença dos anúncios fora determinante para a expansão da estrutura do jornal e para o reconhecimento por parte da população.

Em outro viés, o Paiz foi fundado em 1884 por João José dos Reis Júnior e, posteriormente, teve a relatoria de Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva (BRASIL, 2015). Esse periódico ficou caracterizado pelo teor político em suas publicações. De caráter expressivamente republicano, se portou contra os últimos anos do império e passou a ser veículo de divulgação dos governos subsequentes a 1889. Vale ressaltar o caráter conservador em sua composição, onde ficou conhecido como balcão de negócios para diversos governos, conforme indica Sodré (1998); porém, estes governos eram conservadores em sua essência, conforme o viés adotado na mudança da forma de governo para o republicanismo. Por ser conhecido como veículo não oficial do governo, o Paiz teve papel determinante na formação da opinião pública das medidas propostas pelo governo, em especial a intervenção capitaneada por Pereira Passos (CASTILHO, 2013).

O quarto jornal consultado foi o Jornal do Brasil, fundado em 1891 por Joaquim Nabuco e Rodolfo de Souza Dantas (BRASIL, 2015). Inicialmente, o posicionamento do

jornal era de oposição política, que perdurou até o controle dos irmãos Mendes de Almeida, ocorrido em 1894; conferiram o viés popular e local, com discussões de questões cotidianas, segundo Brasil (2015) e Barbosa (1997). Essa mudança de posicionamento demonstra a transição do periódico de um pequeno jornal para uma grande empresa (SODRÉ, 2015). Além desse fato, Sodré (2015) também aponta que tal processo reflete que a imprensa brasileira ia do aspecto artesanal para o aspecto industrial e, assim, aumentaria a tiragem de exemplares e o público leitor, ao invés de atender um grupo específico ligado ao pensamento crítico ou aqueles que escreviam para os jornais. Por essa perspectiva, o Jornal do Brasil exemplifica esse processo que a imprensa brasileira passava e indicado por este autor.

Já o quinto jornal se trata do Correio da Manhã, com fundação em 1901 através da iniciativa de Edmundo Bittencourt, conforme Brasil (2020) e com estrutura bastante modesta, comparada com a fama e o apelo popular que este periódico teve durante a sua existência. Esse jornal surgiu como contraponto aos que existiam e propagavam o posicionamento político do governo (SODRÉ, 2015). Tal oposição pode ser dimensionada com a postura oposicionista desse jornal se comparado ao servilismo do O Paiz, segundo este autor. Outro diferencial que este periódico teve foi a disputa pela atenção do público com o Jornal do Brasil (BARBOSA, 1997). A rápida ascensão desse jornal fez com que as críticas feitas pela tradicional Gazeta de Notícias direcionadas ao Jornal do Brasil também atingissem o Correio em meio à expansão da imprensa e a leitura dos pasquins, e se tornassem comum na cidade, segundo Barbosa (1997).

A Revista Ilustrada existiu entre os anos de 1876 e 1898 sob a direção de Angelo Agostini (ABREU, 2015). Sodré (2015) argumenta que o surgimento desse periódico foi “um dos grandes acontecimentos da imprensa brasileira” (SODRÉ, 2015, p. 215). Esses dois autores abordam que a estrutura e a veiculação dessa revista com a inserção de gravuras nas capas e no interior dos volumes tiveram popularidade e entrada nas residências brasileiras. A abordagem aplicada tanto nas ilustrações quanto nas colunas tinham conotação política e, muitas das vezes satírica, que a diferenciava dos demais jornais lidos na sociedade carioca. Um aspecto que ressalta esse fato foi a ausência de veiculação comercial, o que, segundo seu editor, mantinha a independência de interesses que pudessem modificar sua linha editorial e diálogo com o público (ABREU, 2015).

Por sua vez, a Revista da Semana foi fundada em 1900 por Álvaro de Tefé como periódico ilustrado com foco em notas, ilustrações e reportagens fotográficas do IV

Centenário do Descobrimento do Brasil (ABREU, 2015). Logo foi adquirida pelo Jornal do Brasil como suplemento literário, segundo aborda Abreu (2015). Considerada um periódico de variedades, a revista inaugurava métodos como a fotogravura (SODRÉ, 2015). Esse viés adotado pela revista buscava se distanciar da linha editorial adotada pelo Jornal do Brasil. Sodré (2015) aborda que suas páginas eram preenchidas com “atualidades sociais, políticas e sociais, tornando-se leve, alegre e elegante” (SODRÉ, 2015, p. 301). As inovações introduzidas por essa revista também são apontadas por Abreu (2015): as reportagens fotográficas tornaram-se recorrentes, inclusive com a utilização de sequência de fotos em estúdios para simular cenas de crimes (ABREU, 2015).

A Revista FonFon tem seu nome originado na menção ao som emitido pelas buzinas dos automóveis, como referência aos elementos que representavam a modernidade na cidade do Rio de Janeiro, segundo Abreu (2015). A revista foi fundada em 1907 com propriedade de Jorge Schmidt (ABREU, 2015). Sodré (2015) argumenta que tal publicação tinha como proposta apresentar o esnobismo carioca, críticas, flagrantes e personagens da cidade. Essa concepção dialoga com os valores modernos expressos pelo nome da revista, exposto no início do parágrafo. Fotografias, charges e caricaturas retratavam os costumes e cotidiano carioca, atualidades e vivência social, sátira política e crônica social, além de novidades sobre moda e comportamento. (ABREU, 2015). Assim, as páginas da revista contavam o dia a dia social da cidade.

A Revista O Careta foi outro periódico consultado que compunha, junto com a FonFon e a Kosmos, o trio de revistas que tinham como proprietário Jorge Schmidt (SODRÉ, 2015). Esse periódico tinha como escopo a linha editorial satírica e humorística (ABREU, 2015). O Careta começou a ser publicado em 1908 e foi considerada a revista com mais popularidade do trio e apoio popular, segundo Sodré (2015). Tinha publicação semanal, aos sábados, com uso de fotografias e ilustrações, além do repertório mundano eclético, segundo Abreu (2015). Por esse viés, estavam criadas as condições para a sua fama junto com a sua linha editorial independente e a adoção de posicionamentos políticos pautados na crítica humorada, diferentemente do que ocorria com a Kosmos (ABREU, 2015). Vale dizer que a revista supracitada foi direcionada ao público considerado “elegante”, com primoroso padrão gráfico; porém, o que ocorreu, na realidade, foi o contrário, segundo Abreu (2015) e Sodré (2015).

Por fim, O Malho foi fundado em 1902 por Crispim do Amaral e Luís Bartolomeu de Souza e Silva, que também comandava A Tribuna, jornal em circulação no Rio de Janeiro

(ABEU, 2015). A postura editorial dessa revista tem como primeiro foco o aspecto humorístico e, em 1904, acrescenta-se também o aspecto político (SODRÉ, 2015). Segundo Abreu (2015), essa revista substituiu a Revista Ilustrada, com suas caricaturas e os desenhos humorísticos através da utilização da crônica e da crítica política ilustrada. Compreende-se que essa revista surge com posicionamento crítico ao ironizar o andamento político do país, que a caracterizou como revista crítica, em contraponto às demais revistas como FonFon e Revista da Semana, que tinham como premissa divulgar a vida social e as novidades para os seus leitores.

Os elementos visuais levantados para o desenvolvimento da pesquisa compreendem a busca na Hemeroteca Digital, Portal ImagineRio³, Acervo de Fotografia do Instituto Moreira Salles⁴ e as referências bibliográficas dentro do universo temático a se desenrolar nos capítulos seguintes. Ressalta-se que os mapas gerados tanto no capítulo 2 quanto no capítulo 3 tiveram como os seus respectivos mapas originais três exemplares encontrados ao longo desta pesquisa. No que diz respeito aos outros elementos visuais utilizados, referem-se a fotografias, ilustrações e caricaturas como mecanismos de representar os elementos inseridos na discussão textual e que atualmente se encontram disponibilizados em meio digital, que facilitam o acesso e a divulgação desses dados históricos e, assim, remontar lacunas do passado.

Em paralelo aos dados coletados, também foi realizada a revisão bibliográfica acerca do assunto, conforme já indicado, com vistas a permitir um diálogo da Geografia com outras áreas do conhecimento. No que diz respeito à divisão por assunto do levantamento bibliográfico, serão agrupadas pelas temáticas da Geografia como as leituras acerca de espaço, simbolismo, Geografia Urbana, Cultural, Histórica, entre outras. Outras temáticas são referentes aos temas de Carnaval enquanto manifestação cultural e construção da abordagem jornalística, antropológica, artística, literária e outras áreas afins que dialogam com o objeto de estudo deste trabalho, pois o estudo do Carnaval possibilita o emprego de variadas perspectivas a fim de desmistificar os encantos e mistérios dos festejos dos dias de momo no passado como contribuição para entendimento da festa atualmente.

³<https://imagerio.org/>

⁴<https://ims.com.br/acervos/fotografia/>

2 RIO DE JANEIRO: FORMAÇÃO, CENTRALIDADE E REFORMA(S)

A formação das cidades pode seguir caminhos distintos; porém, quase sempre está atrelada ao uso e função, além do posterior desenvolvimento que os núcleos urbanos passam a ter historicamente. Não obstante, o predomínio de determinada função da cidade varia de acordo com a atuação dos agentes que a produzem. Sob essa perspectiva, a cidade do Rio de Janeiro apresentou diversos usos desde a sua fundação, como forte até a capital da República do Brasil, os quais compreendem o recorte temporal adotado na abordagem do objeto de estudo da presente pesquisa. O movimentado século XIX criou as condições necessárias para as medidas tomadas pelo Estado, de caráter conservador, para a solução dos problemas que eram comuns à urbe carioca e não a configuravam como moderna e civilizada, conforme Abreu (1997), Azevedo (2003a; 2003b) e Benchimol (1992).

O presente capítulo tem como objetivo estabelecer o processo de formação do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, as suas respectivas centralidades e intervenções urbanas. Busca compreender como ocorreu a organização espacial e como foi configurada, ao longo do tempo, a estrutura da área central da cidade. A abordagem proposta nas páginas a seguir foi gerada para criar o entendimento do centro do Rio de Janeiro e a construção da respectiva centralidade pelo Carnaval, especificamente das Grandes Sociedades, a serem incorporadas na narrativa nos capítulos seguintes desta dissertação. Pretende-se, com este trabalho, propor o diálogo entre Geografia Urbana, Histórica e Rio de Janeiro através da revisão bibliográfica, pela inserção das fontes oriundas tanto das notícias dos jornais quanto dos elementos visuais – esquemas, mapas e figuras.

O capítulo a ser discorrido nas próximas páginas não pretende recriar a história pré-reforma (s) Passos e nem elencar as inúmeras realizações feitas pelo Haussmann tropical, mas, sim, dialogar com a noção de cidade com a organização espacial ora colonial, ora imperial que geraram a área central do Rio de Janeiro que conhecemos hoje. Em especial, a ideia da nova cidade e o logradouro construído – Avenida Central -, para que a cidade pudesse ser contemplada e servisse de modelo para os demais núcleos urbanos do país, uma vez que cada novidade era propagada primeiro na capital para depois chegar às outras províncias. Em suma, a cidade do Rio de Janeiro serve de modelo do urbanismo colonial português. Sua diferenciação com o urbanismo colonial espanhol, além de ter tido a peculiaridade de ser sede do Vice-Reino, do Reino, do Império e da República, também viveu cotidianamente com problemas estruturais e desafios que, até hoje, atingem a urbe carioca.

2.1 A cidade e seu centro

O estudo da cidade mostra-se como um objeto de estudo complexo e em construção, pois não é um processo rígido, mas sim bastante diferenciado como fruto das diferentes práticas que a compõem. A cidade que hoje pode ser observada em sua organização socioespacial torna-se resultante das ações e vivência que a sociedade lhe impõe; logo, a cidade do presente se condiciona como resultante das ações tomadas no passado que podem ser modificadas ou mantidas, tanto no presente como no futuro. Em um exercício de indicar noções para embasar a discussão, autores como Côrrea (1989) e Carlos (2015) se aproximam a partir da visão de que a existência da cidade ocorre na produção e reprodução do espaço urbano; espaço esse que é articulado entre os atores, fragmentado de acordo com o uso e fruto da atuação capitalista, reflexo da sociedade que a compõe, repleto de símbolos e palco de lutas para a sobrevivência na cidade (CÔRREA, 1989). Vale ressaltar que a cidade possui estrutura heterogênea como resultante da sua produção variada através do tempo, pois

a cidade, em cada uma das diferentes etapas do processo histórico, assume formas, características e funções distintas. Ela seria, assim, em cada época, o produto da divisão, do tipo e dos objetos de trabalho, bem como do poder nela centralizado. [...] (CARLOS, 2015, p. 57).

Porém as práticas que procuram dar sentido à cidade é fruto de diferentes grupos, denominados como agentes modeladores do espaço (CÔRREA, 1989), que permeiam a construção ou a perda de relações e referências na cidade, de acordo com Carlos (2015). Esses agentes podem ser divididos em Estado, proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários e grupos sociais excluídos. A combinação desses agentes reflete a estrutura do espaço urbano ao longo do tempo e em suas modificações, a fim de atender os variados interesses econômicos de parte desses grupos ou aprofundar as desigualdades de acesso ao espaço da cidade. A coexistência desses atores pode ser interpretada naquilo que Lefebvre (1991) chama de ordem próxima e ordem distante, onde a cidade compreende as relações próximas, de vizinhança, de convivência ou as que vêm de instituições históricas e estruturadas, em que ambas são reguladas por códigos de cultura, significados e marcos jurídicos (LEFEBVRE, 1991; CÔRREA, 1989).

Uma vez que a função e forma da cidade apresentam variações ao longo do tempo, o espaço urbano possibilita diferentes concepções, diretamente relacionado ao desenvolvimento técnico e suas limitações existentes em um determinado intervalo temporal, que podem ser

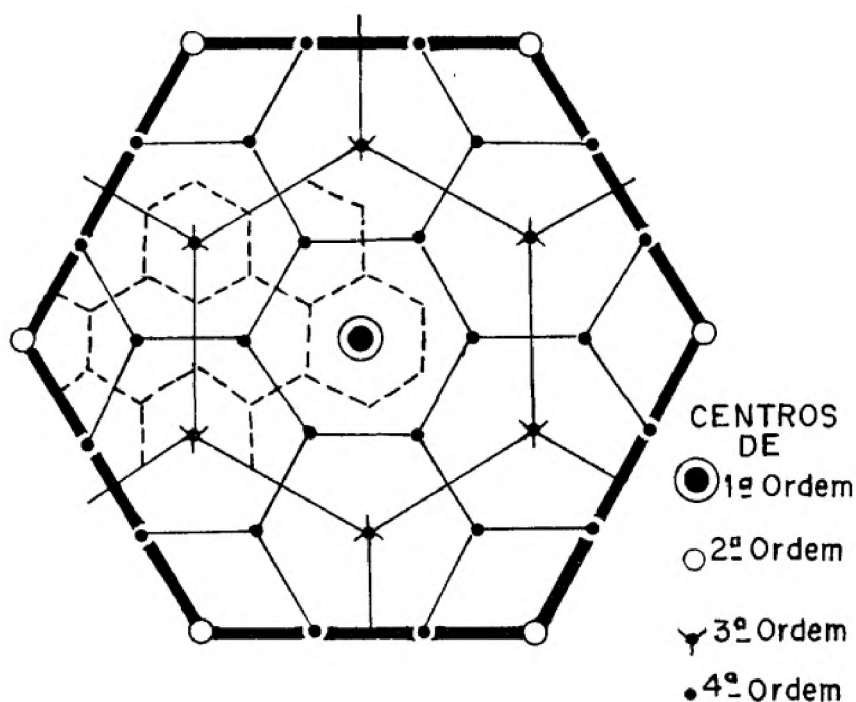
superados ou deixados de lado, de acordo com as variações do espaço físico em que a cidade está inserida e com o modo capitalista em prática, em que a cidade torna-se elemento de mediação e de reprodução das suas forças produtivas e sociais (LEFEBVRE, 1991). Os surgimentos de muitas cidades aconteceram como resultantes desse processo, onde era necessário estabelecer ocupação e povoamento como pontos estratégicos para defesa do território, movimento de interiorização ou busca por recursos a serem comercializados posteriormente. Esses três pontos de abordagem servem como subsídios à formação dos núcleos urbanos coloniais na colônia portuguesa, regulamentados pelas decisões prescritas nas Cartas Régias, de acordo com Santos (1968).

Da mesma forma em que a cidade tem a sua função de acordo com o seu uso, a presença de elementos, tanto fixos como móveis, permanentes ou temporários, públicos ou privados, entre outras dualidades existentes, são capazes de conferir significado ao espaço urbano. As interações espaciais, segundo Côrrea (2016), possibilitam e são reflexo das formas e processos espaciais que são inerentes à existência da espacialidade humana e, com isso, originam os elementos que compõem o espaço urbano. Sob essa perspectiva, o espaço urbano é resultante dessas interações espaciais que acabam por gerar novos elementos da cidade. Por exemplo, um prédio é somente um prédio se o considerar como elemento fixo. Porém, se o mesmo prédio tiver diversos usos, com diferentes pessoas, com variações ao longo do tempo, esse prédio passa a conferir significado e formas próprias que levam a escala de observação para além da noção de entendê-lo apenas como uma edificação. A estrutura, a localização e a aparência também são produtos da cidade em que está inserido, como também é capaz de servir como ilustração da vivência humana ao produzir novos “modos de vida, valores, comportamentos, cultura, estética e transformação de mundo” (CARLOS, 2007, p. 42).

Ao considerar a composição do espaço urbano, assim como os elementos da sua organização espacial, a noção do centro e, respectivamente, da área central e da centralidade que viabilizam o entendimento da observação sobre o centro da cidade. O centro, segundo Carlos (2007), aglutina fluxos com variadas recepção e difusão, uma vez que este recorte espacial configura-se como o ponto mais alto da hierarquia do espaço urbano, pois em torno dele se tornam homogêneas as relações entre os cidadãos, devido a sua concentração e, ao mesmo tempo, são articuladas e fragmentadas, como fruto do uso capitalista desse espaço. Com isso, o centro da cidade abarca funções e usos que, em outras partes da cidade, não são encontrados ou existem em menor proporção, apenas para atender demandas locais. Diferentemente das demandas ocorridas na área central, com suas diversificações e

pluralidade, tanto em termos objetivos, subjetivos, simbólicos, entre outras relações existentes. A justaposição entre o centro e demais áreas urbanas configura a fragmentação do espaço urbano (CÔRREA, 1989) e representa as relações e hierarquias entre centro e periferia, representados na figura 1.

Figura 1: Esquema Centro e Periferia



Fonte: Roberto Lobato Côrrea, 1970⁵.

A relação centro–periferia reafirma a fragmentação do espaço urbano, fruto da reprodução capitalista. Se a área central da cidade está relacionada à atuação econômica, representada pela concentração dos fluxos de capitais, como também do fluxo da circulação de pessoas, as áreas periféricas encontram-se à margem desse processo, ao conferir o tratamento de mercadoria ao espaço urbano (CARLOS, 2007). A existência de áreas periféricas, tanto em relação ao centro como também em áreas com maior poder aquisitivo, reflete a organização espacial da cidade capitalista. Côrrea (1970), ao abordar a teoria dos lugares centrais, desenvolvida por Walter Christaller, exemplifica que a cidade se organiza de

⁵ Princípios de Centralidade. Curso de férias para professores de geografia do ensino médio. Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, Fundação IBGE, p. 132-141, 1970.

acordo com a distribuição e frequência dos bens e serviços. Sob essa lógica, torna-se possível realizar processos de diferenciação entre as cidades e, dessa forma, indicar as áreas centrais e as áreas não centrais, periféricas e os fluxos e hierarquias criadas em torno dos centros de 1ª ordem e ordens inferiores, conforme ilustrado na figura 1.

A ligação do centro com as demais áreas revela o grau de hierarquia urbana que foi construído ao longo do tempo com as variações dos usos que ocorreram no espaço da cidade. A ideia de hierarquia, conceito trabalhado por Côrrea (1988), permite transparecer que diferentes arranjos espaciais podem surgir de acordo com o grau de desenvolvimento técnico ou com o viés econômico em um determinado período. Por exemplo, a concentração industrial modifica a estrutura espacial e demanda a criação de infraestrutura para a reprodução da sua função. Caso ocorra a descontinuidade dessa prática, o espaço urbano passa a ser remodelado para novos usos ou ressignificado, como forma de preservar marcos temporais, como testemunhos da história da cidade. A hierarquia redimensiona os fluxos em toda a cidade e caracteriza o aparecimento, manutenção ou desaparecimento da relevância de certas áreas em detrimento de outras, regulamentada por mecanismos de mercado e variados arranjos (CÔRREA, 1988).

Nesse sentido, o estudo da cidade é denotado pela complexidade e fragmentação a que o espaço urbano foi produto e condicionante ao longo do tempo. Revela-se que o entendimento da centralidade, hierarquia, fluxos e usos que não se limita apenas à observação do presente da cidade, já que esta sofreu diferentes padrões de reprodução do seu espaço através das variadas práticas capitalistas. A fim de exemplificar este processo, o estudo do Rio de Janeiro, em meio às intervenções urbanísticas promovidas por Pereira Passos, não compreende a abordagem limitada à sinalização dos problemas que justificaram essas medidas, mas sim busca entender como ocorreu a gestão do espaço da cidade desde a intensificação do uso do seu sítio e as transformações e expansões que ocorrem ao longo do tempo. Neste primeiro momento, a discussão aqui deixa em segundo plano as diferentes funções que o Rio de Janeiro passou até ser reconhecido como a capital federal na entrada do século XX. Não obstante, estes pontos serão aprofundados nas seções seguintes.

2.2 A cidade à moda lusitana

O desenvolvimento e posterior crescimento da cidade no passado foi fruto do uso e da função que o espaço urbano tinha na geração de renda e povoamento, a fim de garantir a proteção do território. Ao trazer essa mentalidade para a história da cidade no Brasil, esse argumento ganha relevância pela decisão de ocupar a costa do continente para defesa do território, através da construção de fortificações e, posteriormente, se interiorizar pela colônia a fim de aumentá-lo, de acordo com Azevedo (1992) e ilustrado na figura 2. Outra noção que contribui para essa perspectiva foi elencada pela instalação das sedes coloniais nas cidades de Salvador (1548 – 1763) e do Rio de Janeiro (1763 – 1960), em áreas litorâneas, para as quais estavam direcionados os portos para escoamento da produção extrativista da colônia, devido às condições naturais do espaço, onde seriam desenvolvidas as cidades, posteriormente (SANTOS, 1968).

Figura 2: Arranjos espaciais e fortificações no século XVI.



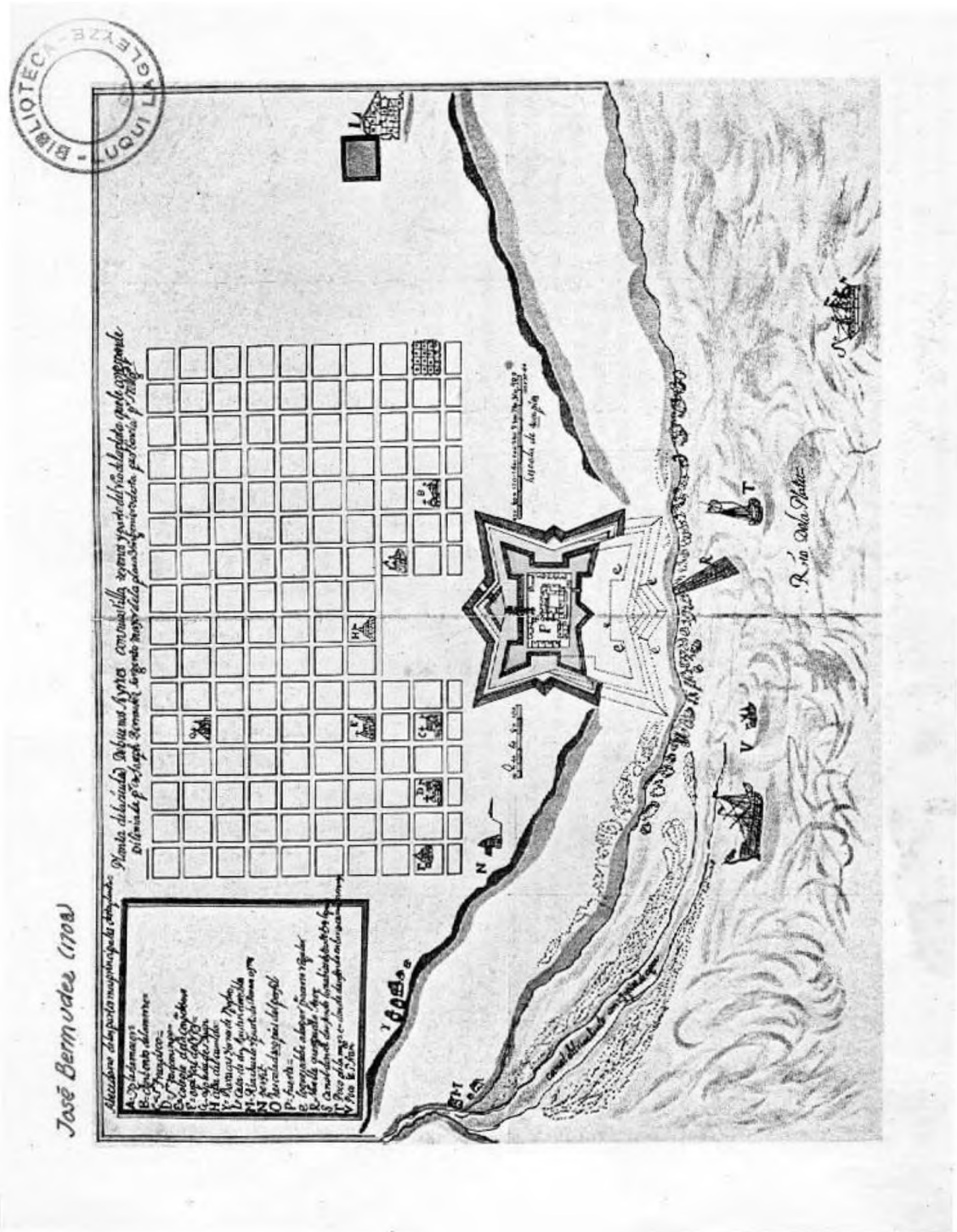
Fonte: Aroldo de Azevedo, 1992⁶.

⁶ Vilas e cidades do Brasil Colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva. Terra Livre (10), jan/jul 1992.

A escolha de estabelecer o sistema de exploração na América Portuguesa, e o processo do desenvolvimento de cidades foi considerado mais lento comparado ao das colônias da América Espanhola que, por sua vez, adotaram o sistema de povoamento com legislação urbana já definida pela Lei de Índias, de acordo com Santos (1968). Obtiveram maior complexidade em seus planejamentos se comparadas com a estrutura pensada para os núcleos urbanos a serem desenvolvidos na América Portuguesa. Para contextualizar esse fato, Holanda (1987) indica que a Lei de Índias e a posterior construção da cidade, semelhante ao tabuleiro de xadrez, com a disposição e ordenamento das edificações a serem construídas exemplificam essa ação, como exposto na figura 3. A Lei de Índias:

[...] fundou povoações segundo uma planta previamente traçada, regular, e sem variações. [...] Implicou não somente a consideração cuidadosa do sítio em relação ao terreno e clima, como também a aplicação de ruas largas e regulares, cruzando-se retangularmente, para formar um xadrez de quadras e praças “abertas” (SMITH, 1958, p. 15).

Figura 3: Planta de Buenos Aires, em 1708.



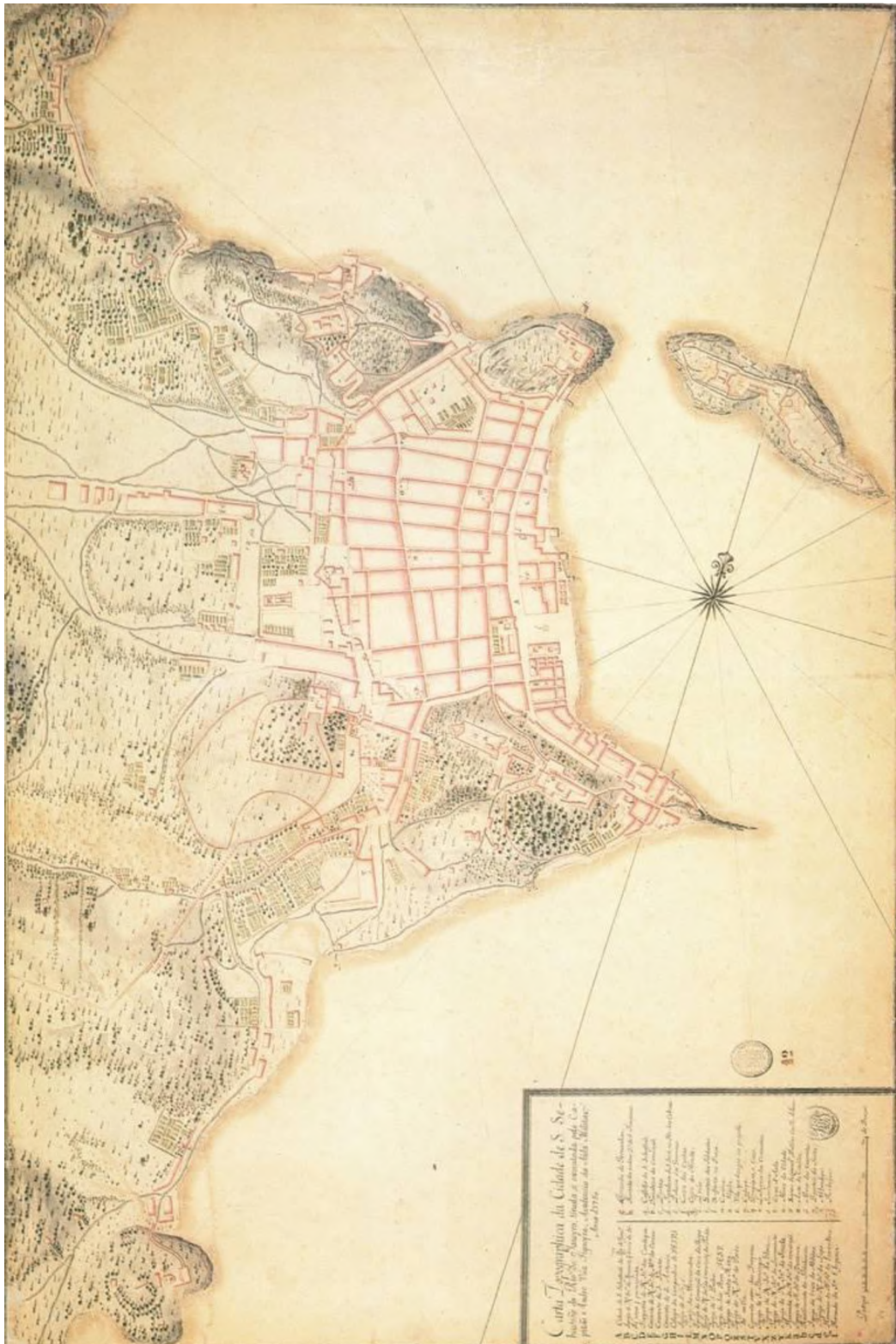
Fonte: José Bermudez, 1708 ⁷.

⁷ Disponível em <http://www.histarmar.org/Puertos/BsAs/Riachuelo-1898-1904.htm>. Acesso em 18 Nov. 2020.

O ordenamento espacial realizado na América Portuguesa era considerado rudimentar e limitado à complexidade empregada nas cidades coloniais espanholas, conforme abordado anteriormente. Autores como Holanda (1987), Santos (1968) e Smith (1958) indicavam que o pensamento empregado por Portugal remetia à visão do espaço a ser ocupado, e dali eram realizados os projetos de núcleo urbano que melhor se adaptassem àquela realidade e cuja proposta de uso indicava a necessidade da instalação do núcleo urbano em determinadas localidades. Esse processo de instalação das sedes dos núcleos urbanos reflete o processo de interiorização do território e expressa, em marcos temporais, como ocorreram as etapas do desenvolvimento do urbanismo português colonial. As diferenças entre as estruturas das cidades costeiras e das cidades do interior podem ser percebidas pelo avanço da “engenharia militar”, primeiramente respaldada pela Igreja Católica e, posteriormente, pelo Estado Português, como também da evolução do pensamento através das experiências realizadas anteriormente em outras cidades (DELSON, 1997).

O estabelecimento da ocupação da área onde seria implantada a cidade do Rio de Janeiro reflete o desenvolvimento do pensamento urbanístico colonial através do aprendizado ocorrido pelas experiências em curso e a necessidade de defesa do território da colônia. A edificação de fortes ao longo da costa estabeleceu o que viria ser o núcleo inicial da cidade no alto do Morro do Castelo, totalmente fortificado e murado para proteção de outras invasões, além da tentativa francesa. As primeiras edificações ali construídas tinham função administrativa; reproduziam o modelo aplicado em Salvador com cidade alta e cidade baixa, em que a primeira consistia na sede administrativa e, a segunda, era caracterizada pelo porto e comércio (SMITH, 1958). É dessa necessidade e do avanço da engenharia militar, aliado ao crescimento do sítio urbano, que vão fazer o núcleo espacial do Rio de Janeiro descer do alto do morro e ocupar a área rebaixada, conforme ilustrado na figura 4, com a planta da cidade já na planície retangular, devido à sua condição natural e não aos planos das cidades espanholas (HOLANDA, 1987).

Figura 4: Planta do Rio de Janeiro em 1750.



Fonte: André Vaz Figueira, 1750⁸.

⁸ Carta Topographica da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mapoteca do Itamaraty. Disponível em https://library.artstor.org/asset/SS34829_34829_24928960. Acesso em 18 Nov. 2020.

A ocupação do sítio do Rio de Janeiro se estabeleceu na área rebaixada com o desenvolvimento, ainda que fosse considerado singelo, da atividade portuária e da reconfiguração da cidade fortificada no alto dos morros para o uso do porto e seus arredores, como entrepostos comerciais e uma das portas de entrada da colônia. O espaço da planície foi incorporado entre os morros do Castelo, Santo Antônio, Conceição e São Bento, em que ordens religiosas se estabeleceram, conforme indica Carvalho (1990). As ordens religiosas tiveram grande relevância na operacionalização e no avanço da Coroa Portuguesa para além dos limites que dividiram a América Portuguesa da América Espanhola. Ressalta-se que as ordens religiosas agiam como agentes imobiliários, uma vez que executavam o plano de construção dos núcleos urbanos, regulamentavam a educação, a religião, gestão do espaço da colônia, além do controle das atividades comerciais em que eram cobrados os impostos a serem enviados a Portugal, conforme Fridman (1999).

As ordens religiosas, especialmente os Jesuítas, tiveram grande importância na administração das cidades coloniais ao adotarem a divisão e controle do território, de acordo com a delimitação através da divisão paroquial, as chamadas freguesias (FRIDMAN, 2011). Esse mecanismo conferiu relevância na organização do espaço colonial, pois estabelecia a localização das edificações voltadas para a administração, igrejas, cemitérios, cadeia pública, armazém e atividades comerciais, além de possibilitar a cobrança e coleta de impostos, como também armazenar a produção a ser transportada para além da colônia, segundo Fridman (2011). Dessa forma, a Igreja tinha conhecimento da composição e atividades da colônia com maior detalhamento que Portugal, como também já detinha a cessão de uso da terra que outrora foi autorizado pela Coroa Portuguesa. O uso das freguesias se tornou tão habitual a ponto de as freguesias com maior circulação econômica e de pessoas e também localização estratégica ascenderem a vilas e, posteriormente, a cidades.

Com as recorrentes mudanças na forma da administração e, conseqüentemente, da matriz de exploração econômica durante o período colonial, a cidade do Rio de Janeiro foi elevada à sede da colônia, em 1763, substituindo a cidade de Salvador, como resultado da fiscalização da exploração de minérios nas Minas Gerais, controle e ocupação das capitânias ao sul do território colonial, além da diversificação e ampliação do seu uso portuário (CARVALHO, 1990). De modo que os avanços e concentração das atividades ocorriam na porção sul da colônia, em contraponto às atividades agrícolas existentes na porção nordeste da colônia. Com isso, tornou-se necessária a maior presença e controle por parte da Coroa Portuguesa ao assumir funções que eram comandadas pelas ordens religiosas, onde foi

estabelecido o vice-reinado como forma de administração a fim de a Coroa ter o registro econômico e o conhecimento da real situação em que a colônia se encontrava. Do mesmo modo, buscou-se inviabilizar tentativas do controle colonial, como as invasões ocorridas no século XVI, além de mitigar o controle e o poder em ascensão dessas ordens (FRIDMAN, 1999).

Através da adoção da forma de governo dos vice-reis, a cidade do Rio de Janeiro teve relevantes intervenções urbanas promovidas pela tomada do controle colonial das ordens religiosas, e modificações estruturais, pois a cidade já indicava expressivos movimentos de crescimento. Como consequência, problemas de infraestrutura, sanitários, de abastecimento e de habitação decorrentes da decisão de instalar o sítio da cidade na planície alagadiça entre morros, com má circulação dos ventos, que conferia à cidade o aspecto de sujeira e mau cheiro, que não condizem com o aspecto da sede da América Portuguesa. Ao mesmo tempo, o Rio de Janeiro se configurava como entreposto comercial de entrada da colônia e ponto de comunicação entre outras partes do mundo, além de facilitar o transporte da produção oriunda de outras partes da Baía e dos caminhos vicinais rumo ao interior do território, como a exploração de minérios nas minas gerais (CARVALHO, 1990). Em suma, a tomada da administração pela Coroa estabeleceu intervenções no sítio urbano para equacionar os problemas citados acima, como:

a preocupação com o fornecimento de água pode ser constatada através do surgimento de chafarizes em vários pontos da cidade. Um dado a ser ressaltado é o deslocamento das edificações públicas para o Campo da Cidade como a Câmara Municipal e a cadeia, que induziu o crescimento urbano em direção à zona norte. [...] (FRIDMAN, 1999, p. 43).

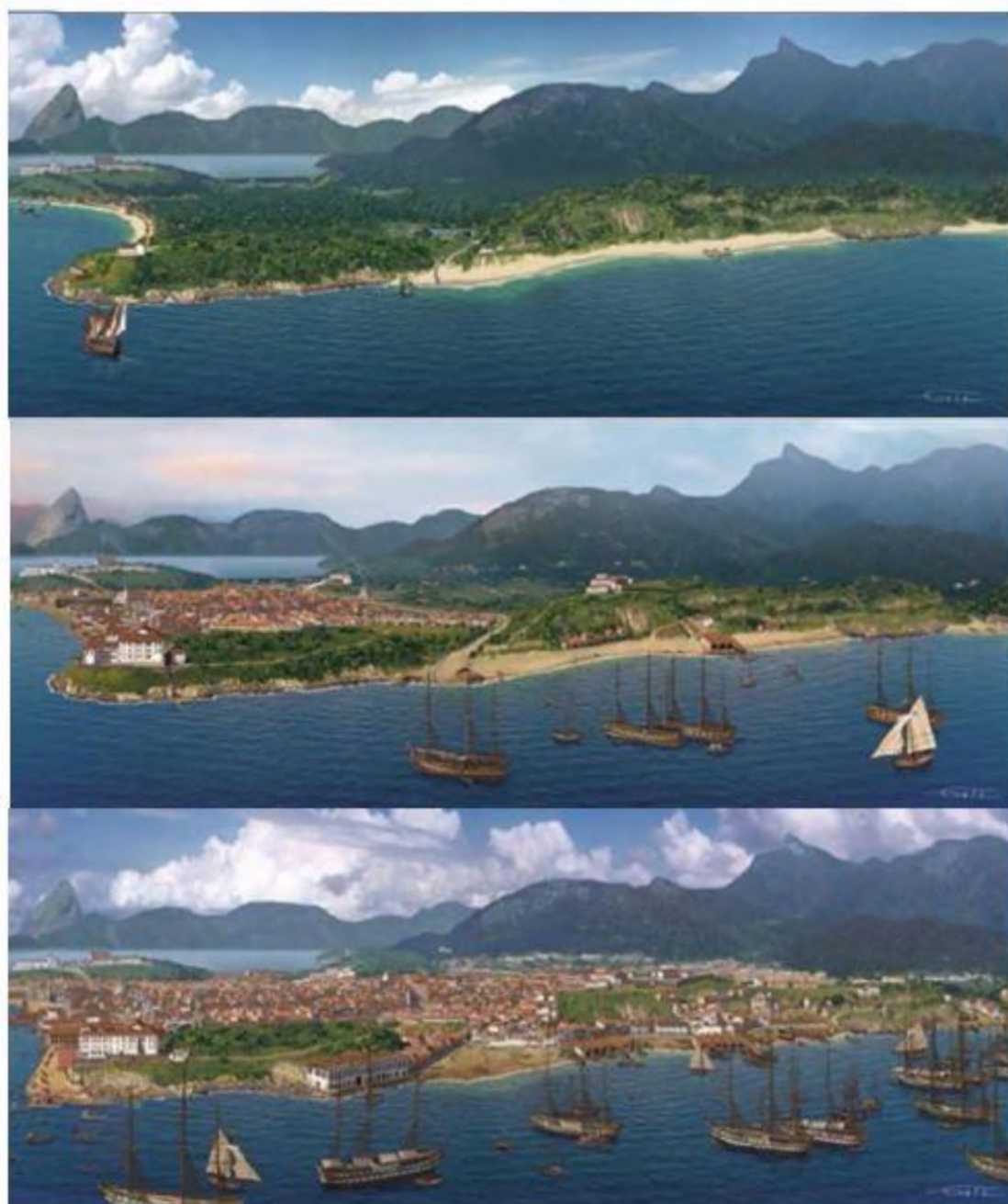
2.3 As heranças coloniais

Ao ganhar notoriedade ao ponto de ser elevada à sede da colônia, a cidade do Rio de Janeiro apresentou crescimento vertiginoso que condizia com a sua realidade após os governos dos vice-reis; porém foi transformada em capital do reino português rapidamente na virada para o século XIX e prolongado ao longo deste século, representado na figura 5. As mudanças e a posterior chegada dos novos habitantes levaram à construção de várias medidas para acomodar a família real, a corte e a estrutura administrativa que estava instalada em Lisboa (CARVALHO, 1990). Através desses fatos, o Rio de Janeiro foi reconfigurado em sua estrutura e função colonial para reproduzir o uso e viabilizar as designações e necessidades do

reino e sua respectiva corte. São conhecidas as principais intervenções criadas para dar ares de lazer, cultura, infraestrutura e organização administrativa e espacial as quais a nova capital precisava, assim como também a conexão do Rio de Janeiro com o resto do mundo, como contraponto à comunicação anterior, que era centrada apenas para Lisboa e também para inserir aspectos da capital portuguesa, como:

[...] construção, à imitação do de Lisboa, de um cais de cantaria com imponentes escadas de embarque e torneiras para aguada das embarcações, [...] um Passeio Publico ajardinado e arborizado [...] abertura de novas ruas, calçamento de outras, extensão e reforma do abastecimento de água e iluminação da cidade (SANTOS, 1968, p. 100).

Figura 5: Rio de Janeiro em 1608, 1710 e 1839.



Fonte: Carlos Gustavo Nunes Pereira ⁹.

Entretanto, a organização espacial do Rio de Janeiro não era suficiente para os conturbados anos do século XIX: sede colonial (Antes de 1808) - capital do reino de Portugal (1808 – 1822) - capital do Império do Brasil (1822 – 1889) - Capital federal (Após 1889) e

⁹ Disponível em <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/eourbana/>. Acesso em 20 Nov. 2020.

seu crescimento acelerado em comparação à tomada de decisão para intervenções na cidade. Essas intervenções promoveriam a infraestrutura que se adequasse à diversificação e concentração que seu espaço sofreu nos idos anos de 1800, com condições de abarcar os variados fluxos oriundos de outras partes, tanto das outras províncias do país quanto de outras partes do mundo. Porém, as condições naturais e o aumento significativo da população da cidade levaram ao espraiamento das edificações para além do recorte compreendido entre os morros, citados na seção anterior. Fridman (1999) argumenta que o espraiamento ocorreu em direção ao eixo norte com a posse e uso das terras pela Coroa Portuguesa, que outrora eram geridas pelas ordens religiosas. Da mesma forma, Santos (1968) indica que obras foram viabilizadas para o eixo balneário e eixo sul que também estavam em posse das ordens elencadas na seção anterior.

Uma vez que espraiamento da ocupação da cidade era uma realidade, a circulação pelas ruas se tornava um hábito comum. Entretanto, a utilização das ruas diferenciava-se da existência das casas, dualidade comentada por Damatta (1997) ao trabalhar a oposição entre a casa e a rua. Dessa forma, a rua remetia aos usos do trabalho, do abastecimento, do direcionamento à casa, universo particular que remetia à convivência familiar, à reprodução das relações sociais e à proteção contra a violência da rua. Com a diversificação do comércio, o deslocamento e a concentração de pessoas nas ruas levava à convivência com o mau cheiro e a precariedade da infraestrutura existente, além de conferir a noção de centralidade em algumas ruas, em comparação com as demais ruas da cidade. Pode-se citar como exemplo a Rua do Ouvidor, considerada a rua francesa onde eram expostas as novidades vindas da Europa e, conseqüentemente, era noticiada nos jornais cariocas, onde eram expostas as novidades vindas da Europa e, com isso, a reprodução dos hábitos e atividades realizadas do outro lado do oceano (GERSON, 1965).

Outro aspecto existente eram as condições precárias das edificações em relação à proximidade da rua, dificuldades do escoamento do esgoto sanitário, coleta de lixo, iluminação, conservação de alimentos e incêndios; estes eram os desafios a serem superados na organização espacial ao longo dos anos. De acordo com Santos (1968), o padrão de janelas e portas das casas que remetiam às cidades medievais e foram adotadas na colônia prejudicavam a circulação de ventos, o que facilitava a permanência do mau cheiro e, por isso, foram proibidas através de designações por meio das cartas régias. Benchimol (1992) indica que o crescimento da população, especialmente a trabalhadora, e o número de residências compartilhadas para moradia, os famosos cortiços, impactaram nos deficitários

sistemas de esgotamento e de abastecimento de água em meio às áreas embrejadas, lagunares, onde a existência dos morros revelava a complexidade da cidade e refletia no modo de ocupação, conforme relatado anteriormente. Ressalta-se que a emergência da salubridade da cidade despontava como necessidade para que o Rio de Janeiro se tornasse modernizado (BENCHIMOL, 1992). O trecho abaixo descreve os anseios para a solução dos problemas da cidade:

Inicia-se uma obra perfeitamente adiável e que nem em vinte annos estará acabada, quando faltam no Rio de Janeiro agua, esgotos e quase tudo quanto concorre para a belleza e asseio de uma cidade e serve ao conforto dos seus habitantes.(Correio da Manhã, 04 mar. 1904).

Conforme contextualizado ao longo da discussão, o Rio de Janeiro não era uma cidade salubre; logo, a questão sanitária era outra problemática a ser solucionada na gestão da cidade, com a proliferação de doenças facilitada pela forma como ocorreu a ocupação da cidade e acentuada pelas condições precárias de moradia da maior parte da população, composta pelas classes mais pobres. Abreu (2003), Benchimol (1992) e Carvalho (1990) relatam os surtos de febre amarela ocorridos ao longo do século XIX que acometeram a cidade com grande número de enfermos e óbitos. Tais enfermidades levaram à tomada de decisões pelo poder público como a instituição da Comissão de Higiene, cujas medidas foram consideradas agressivas e levaram a motins populares, em resposta às medidas tomadas para solucionar o surto das doenças (ABREU, 2003). Além dos surtos de doenças endêmicas, a convivência com o escoamento precário de esgoto, o acúmulo e a destinação incorreta do lixo na praia de Santa Luzia ilustravam quão distante dos padrões civilizados estava a realidade da população do Rio de Janeiro, quando comparada com as cidades europeias.

Se a área central do Rio de Janeiro expandiu-se ao longo do século XIX, o acesso às habitações não acompanhou a mesma velocidade, assim como as condições insalubres da cidade eram pioradas pelas más condições de infraestrutura urbana, conforme enumerado nos parágrafos anteriores. Podem-se equacionar os fluxos de crescimento pela instalação da corte, em 1808, do principal porto do país para controlar contingentes oriundos do interior e das outras províncias, além da instalação dos contingentes de soldados que lutavam contra as revoltas separatistas e a promulgação gradual das leis que colocaram fim, pelo menos em teoria, na escravidão do Brasil, fatos estes apontados por Abreu (1997) e por Benchimol (1992). Não houve, ao longo do século XIX, o pensamento e a ação pública para abranger o

acesso às moradias pelas parcelas mais pobres da população, ao mesmo tempo em que os grupos com maior poder aquisitivo abandonavam os velhos casarões coloniais em busca das chácaras e residências de veraneio nas áreas distantes da insalubridade que perpetuava a área central, que geraram as seguintes consequências: proliferação dos cortiços nos antigos casarões e ocupação das encostas dos morros que circundavam a área central, que dificultavam a salubridade e a colaboravam com a proliferação de epidemias, como está ilustrada de forma caricaturada na figura 6.

Figura 6: Caricatura da epidemia em 1878.



Fonte: Revista Illustrada, ano III, n. 132, p.1. Rio de Janeiro, 1878 ¹⁰.

Do caldeirão de mudanças que ocorreram ao longo do século XIX, nas últimas décadas, a cidade teve a industrialização inserida nas funções que já existiam e a instalação

¹⁰ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

das ferrovias como meio de transporte para o escoamento da produção para o porto do Rio de Janeiro e para circulação da população, além da abertura de novos caminhos para o interior da capital, o também conhecido sertão carioca (ABREU, 1997). O eixo da expansão pautado pela suburbanização ferroviária e pela busca de lugares com melhores condições de salubridade ocasionou à área central uma nova configuração direcionada à função econômica e à moradia em áreas segregadas pelos cortiços, como a instalação em áreas que serviam apenas de vias de ligação para as áreas distantes. A vivência na área central pautada pelas problemáticas elencadas nos parágrafos anteriores não condiziam com a modernidade que a porta de entrada do país deveria ter. Nessa perspectiva, surgiram as discussões em busca de criar medidas para solucionar ou, ao menos, dar nova aparência ao centro do Rio de Janeiro.

2.4 Os melhoramentos da cidade

A lógica econômica da ocupação e reprodução do espaço da cidade reflete o viés econômico que a circunda. E as constantes mudanças que o século XIX conferiu ao Rio de Janeiro configuraram o anseio das mudanças da sua forma, uma vez que seu uso como principal cerne do escoamento das exportações e, em consequência, centro de concentração financeira e de decisões políticas devido ao fato da capital imperial e, posteriormente, republicana existir ali não dialogava com a realidade da cidade escravocrata de então, segundo Azevedo (2003a). As mudanças levaram a cidade a passar do viés mercantilista praticado por séculos com Portugal na relação metrópole – colônia para o viés capitalista ao vender produtos primários e importar bens manufaturados? A prática capitalista levou o Brasil a direcionar seu crescimento, especialmente no Rio de Janeiro, com a reprodução de fenômenos que ocorriam nas principais metrópoles europeias que tinham como mote a exploração capitalista, a circulação de dinheiro, a civilidade e a modernidade da cidade como frutos do desenvolvimento técnico das mesmas (BENCHIMOL, 1992; ABREU, 1997).

A adoção do urbanismo no Rio de Janeiro veio junto com os ideais de modernidade e civilidade; porém, com variações de estilo, se comparado ao que ocorreu nas principais cidades europeias. Um dos caminhos que atesta essa realidade foi o papel do Estado como provedor da gestão do espaço da cidade e, conseqüentemente, o investidor e planejador das intervenções a serem realizadas; mas se limitava a resolver problemas temporários e não pensava nas melhorias da cidade como um todo, qual se caracterizou como conservadora (ABREU, 1997; AZEVEDO, 2003a; BENCHIMOL, 1992). Não diferentemente, a busca pela

“civilidade” da população tinha particularidades que tornariam uma tarefa árdua tornar as práticas civilizadas como hábito de toda a população, visto que as desigualdades sociais e a inércia para tomada de ação para solucioná-las não caminhavam com igualdade, assim como as heranças do colonialismo persistiam em meio à adoção do urbanismo nos moldes europeus, utilizados como modelos para o novo mundo, pois

[...] é no centro da cidade que as ruas são estreitas, tortuosas, mal arejadas e sem escoamento prompto para as águas das chuvas; é ali que as casas são apertadas além de todo limite, sem luz, sem ventilação e outras condições indispensáveis à saúde, e sem arquitectura nem alinhamento; é aho que se acumulão os mercados de carnes, fructas, legumes e hortaliças, os quaes, enquanto permanecerem em edificios improprios e sem fiscalisação activa, hão de sempre contribuir para o nosso máo estrado sanitario; é ali que as praias pedem cáes, os pantanos clamão por aterro, as ruas requerem ar e as praças arborisação e calçamento [...] (VIERA FAZENDA, 1875, p. 10).

A solução para os problemas de infraestrutura colonial aliado aos demais desafios a serem enfrentados nas últimas décadas do século XIX e o despontar do novo século começaram a ser formulados através das experiências europeias, em especial a reforma urbana de Paris no século XIX. A reforma parisiense, levada à frente pelo Barão de Haussmann, teve como mote a questão habitacional, sanitária e de circulação da cidade, além de representar para o mundo como uma cidade civilizada, palco das revoluções sociais e do pensamento iluminista; deveria contrapor-se ao aspecto arcaico existente anteriormente a essas ações de ruptura, conforme Benchimol (1992). A reforma urbana se apresenta como a intervenção necessária para prover a nova forma de gerir a organização espacial da cidade em diálogo com a vanguarda do pensamento de determinada época; logo, as reformas urbanas são datadas e as formas que são construídas na paisagem servem como testemunho da urbanização de determinado período. Ao servir como espelho para as discussões acerca dos melhoramentos no Rio de Janeiro, a reforma de Haussmann serviu como experiência aos projetos que fariam parte da comissão instituída para planejar as intervenções necessárias por aqui (AZEVEDO, 2003b).

Se em Paris a abertura das largas avenidas, os *bulevares*, reformulou a circulação viária da cidade e, em consequência disso, ordenou a ocupação do sítio da cidade, estes fatos contribuíram para o redimensionamento dos planos a serem construídos para o Rio de Janeiro. O gargalo viário se acentuava com a expansão para os arrabaldes e sertões da cidade, onde as ferrovias não conseguiram solucionar essa problemática. Cada vez mais, novos caminhos

precisavam ser abertos para a passagem dos veículos que se deslocavam em direção a essas novas áreas de ocupação da cidade, que com o passar dos anos se consolidaram nos bairros que hoje conhecemos e nas principais vias de conexão usadas atualmente. Entretanto, a circulação na área central se complicava cada vez mais com o aumento dos fluxos de veículos e com a proibição da circulação em determinadas áreas, além das ruas serem consideradas apertadas para o fluxo viário (AZEVEDO, 2003b).

O pensamento norteador da Comissão de Melhoramentos era voltado para o Rio de Janeiro, como capital imperial e datada do século XIX, em que novas condicionantes e revisões seriam necessárias para a realização das reformas que eram propostas pela comissão, na primeira década do século seguinte. Viera Fazenda (1875) elencou os anseios para as mudanças nas condições em que a cidade se encontrava e que já foram abordadas nos parágrafos anteriores. Entre esses anseios, a “humanidade, o decoro, o amor próprio nacional e o progresso” (VIERA SOUTO, 1875, p. 6) instigavam o planejamento e desenho de ações a serem tomadas para que o Rio de Janeiro fosse capaz de prover civilização para os seus habitantes e, conseqüentemente, cultura, divisão do trabalho e aumento da produção na cidade. Ao se reproduzir a forma e função colonial, a cidade se encontrava distante da sua vocação enquanto capital, a qual concentrava riquezas, centros de consumo e formação intelectual, cuja única saída “seria uma grande reforma urbana” (AZEVEDO, 2003a, p. 163).

Os relatórios apresentados em 1875 e em 1876 traçavam medidas a serem executadas a fim de viabilizar a circulação viária tanto do centro da cidade como das áreas mais longínquas, ponto este que tem a crítica realizada por Viera Fazenda sobre os rumos tomados pela comissão, pois não tratavam a solução dos problemas de infraestrutura e sanitários do centro da cidade como um todo (VIERA FAZENDA, 1875). Os três engenheiros nomeados para a comissão – Pereira Passos, Marcelino Ramos e Jerônimo Rodrigues de Moraes Jardim - , eram de formação social oriundas da elite imperial, em contraponto aos irmãos Antônio e André Rebouças, que realizaram as obras de abastecimento de água na cidade do Rio de Janeiro, conforme Furtado (2003). Entretanto, havia divergências entre Pereira Passos e os irmãos Rebouças no financiamento das obras a serem executadas: enquanto o primeiro defendia a ação estatal, os irmãos defendiam a iniciativa privada (FURTADO, 2003). Desse contexto, se junta a crítica de Viera Fazenda de que a reforma a ser realizada era ineficiente, pois se tratava dos interesses do governo e não da solução do problema como um todo, uma vez que:

“a rectificação e alargamento das ruas e praças, a boa ventilação dos predios, o facil escoamento das aguas pluviaes, os trabalhos relativos ao melhoramento da salubridade publica (deseccamento e aterro dos pantanos, etc.), taes forão os principais pontos recommendados; em uma palavra, a commissão devia propôr ao governo todas as medidas tendentes a tornarem a capital do Imperio mais salubre e bella, ou em termos mais exactos, menos pestifera e repugnante. (VIERA SOUTO, 1875, p. 9).

E o caminho seguido pela comissão foi:

O estudo dos melhoramentos de que carece a nossa capital não é obra para ser conscienciosamente desempenhada em alguns mezes e por tres engenheiros distrahidos por trabalhos alheios: a sofreguidão e a accumulção compromettem os melhores projectos e as maiores intelligencias. (VIERA SOUTO, 1875, p. 9).

A execução dos melhoramentos da cidade era uma realidade em busca do embelezamento e camuflagem da população pobre sob o discurso sanitarista e de infraestrutura; porém, a gênese dos planos a serem convertidos em obras esbarrava na visão em curto prazo e desconectada da realidade de resolver todos os problemas da área central e tornar o Rio de Janeiro com viés de cidade grande, pois eram o que as capitais dos países no período deveriam representar. Ao se adotar a reprodução de intervenções em outros lugares e a não execução logo após a divulgação dos planos, mas após um intervalo superior aos 20 anos, levou ao aprofundamento dos problemas já existentes e o surgimento de novas questões que não obtiveram a mesma relevância em 1875/1876. Entretanto, eram desafios latentes em 1902, ano de início do governo de Pereira Passos que levaram à efetuação das melhorias que a cidade ansiava em prol de civilidade e modernidade, medidas essas tomadas para o primeiro objetivo pelo governo municipal e o segundo, pelo governo federal. (AZEVEDO, 2003b).

2.5 A cidade em reforma

Os últimos anos do século XIX tiveram conturbações que levaram ao redesenho do papel dos poderes que governaram o país e, em consequência disso, a gestão dos problemas urbanos do Rio de Janeiro que estava em voga desde a publicação dos relatórios da Comissão de Melhoramentos e posteriores críticas e readequações. Essas ações tiveram que conviver com a ascensão do Republicanismo, Assembleia Constituinte, estado de sítio e governos militares de cunho autoritário nos anos seguintes à dissolução do Império brasileiro. A

discussão urbana voltou à tona com a chegada dos primeiros presidentes civis ao Palácio do Catete, sede do governo no lugar do Palácio de São Cristóvão, Prudente de Moraes (1894 – 1898) e Rodrigues Alves (1898 – 1902), ambos com formação e atuação social provenientes da elite do Império, respectivamente na virada do século XIX para o XX. Procuraram restabelecer a normalidade e a entrada na modernidade em meio ao novo século, onde a capital federal deveria ser a protagonista dessa ação (ABREU, 1997; AZEVEDO, 2003a).

A nomeação de Pereira Passos para a prefeitura do Distrito Federal, em 1902, reafirma a mudança de postura tomada pelos governos civis em contraponto a que foi adotada pelos Marechais Deodoro e Floriano na última década do século XIX. Pereira Passos, cuja formação acadêmica ocorreu na Paris, em reforma comandada por Haussmann, procurou pensar o Rio de Janeiro na perspectiva de tornar a cidade adequada ao modo de produção capitalista, ao invés da realidade existente até então (ABREU, 1997). O Rio de Janeiro, em 1902, tinha os mesmos problemas dos anos de trabalho da comissão, porém em maior escala com o boom populacional, surtos de doença, gargalos viários e déficit habitacional, características do dia a dia da cidade, por um lado; e, por outro, havia a circulação e concentração de dinheiro procedentes da atividade cafeeira em franca expansão, em direção a São Paulo. Esse contexto possibilitou ao prefeito Passos iniciar as intervenções que modificaram a cidade, em especial a sua zona central, baseadas nos pilares de progresso e civilidade, conforme Benchimol (1992) e relatado, abaixo, que são predicados de que ele seria capaz de remodelar a cidade:

Se o prefeito do Rio de Janeiro fosse eleito pelo povo, o meu voto seria para um cidadão que reúne em si todos os predicados exigidos para o desempenho daquele cargo, e tem a grande vantagem de não ser um homem político; o meu voto seria para o Dr. Francisco Pereira Passos. Neste encontraríamos, talvez, um Haussmann, mesmo quando a sorte lhe não deparasse um Napoleão III, porque o Napoleão III inventa-o-hia elle. O Dr. Passos esta sufficientemente experimentado. A' sua energia deve-se a magnifica estação da Estrada de Ferro Central do Brazil, que não existiria se elle não entendese que é um absurdo não haver verba quando ha dinheiro. (O Paiz, 30 out. 1901).

As intervenções promovidas podem ser divididas em duas frentes: higienização e salubridade, e embelezamento e estética da cidade. A combinação dessas frentes tinha a circulação viária como elemento comum entre as ações e, da mesma forma, dividia as responsabilidades entre o governo federal, na primeira frente, e o governo municipal, na segunda (BENCHIMOL, 1992). De acordo com os relatórios da comissão e o que foi noticiado nos jornais da época, essas medidas confeririam à capital federal seu lugar enquanto

cidade central e moderna, capaz de vivenciar os hábitos culturais e a inserção da indústria do entretenimento comum na Europa desde meados do século XIX. Esperava-se que, ao fim das obras, existiria uma nova cidade moderna e cosmopolita, conforme descrito abaixo, como vitrine para as demais cidades do país reproduzirem suas práticas, como também proporcionar aos seus observadores ao que haveria de mais moderno, civilizado e intelectual, no lugar das mazelas, esgoto escoando pelas ruas e outras heranças dos tempos coloniais. Em suma, a cidade seria urbana e não mais colonial e baseada em valores conservadores, com a reprodução de valores da elite nas camadas populares (AZEVEDO, 2003b).

[...] avenidas, convenientemente orientadas, dariam a necessaria ventilação e a conveniente insolação aos pulmões e ao corpo da cidade, que se estiolavam entre a humidade do solo e a humidade ambiente. Ellas serviriam de guia aos drenos principaes, aos largos collectotes de esgoto e as canalizações de agua; dariam vasão ás ruas acanhadas duplamente, pela sua estreiteza e pela intensidade do seu trafego; facilitariam as communicações da obra magna de porto desta capital com todos os ambitos urbanos e promoveriam um movimento de capitaes, que medrosamenre eram empregados em raras hypothecas e em largas usuras; e, enfim, dariam à capital do Brazil esse cunho, de que ha tanto tempo ella precisa, de cidade moderna, que vive e palpita, e não como se a doença do sonho a tivesse mortalmente accommettido. (O Paíz, 15 jan. 1904).

O redesenho da circulação viária se deu pela abertura de novas avenidas na área central, caminhos para novos bairros que atraíam a construção de novas residências sem os problemas do centro do Rio, como também buscou-se atender a demanda dos transportes dos bondes, carroças, carruagens e automóveis em que as ruas existentes não comportavam os fluxos de pessoas e os de transportes. Vale ressaltar que essa medida levou ao centro a existência do eixo viário de ligação para os demais bairros e não mais os caminhos vicinais, o que caracterizou a formulação de infraestrutura viária para a cidade, de acordo Azevedo (2003b). A abertura de novas avenidas permitiu à área central ter largas avenidas, em contraponto às velhas ruas coloniais apertadas e sem ventilação, onde era comum a concentração de pessoas. Demonstrava a vocação do centro que a cidade precisava ter, uma vez que o advento dos transportes ferroviários e o aumento da importância do porto consolidaram no Rio de Janeiro o acúmulo tanto de pessoas de outras localidades como também de outros bairros do próprio Distrito Federal, fato observado desde meados do século XIX nos fluxos internos e externos na capital, elementos apontados por Abreu (1997) e pelos aspectos no fragmento abaixo, além de estarem representados nas figuras 7 e 8, respectivamente:

O Conselho pedirá ao Congresso Nacional uma lei especial de indenização para as desapropriações por utilidade pública, e facilitará, por meio de favores, a execução das obras, para que ellas possam ser realizadas por iniciativa particular, por trechos, zonas ou districtos, de accôrdo com os compromissos razoaveis. O plano abrangerá a drenagem superficial, que affecta a questão do nivel, o embellesamento, e a ventilação, deixando de parte a questão de aguas e esgotos que não pertencem à municipalidade. (O Paíz, 14 mar. 1902.)

Figura 7: Mapa da cidade antes da reforma em 1852.



Fonte: Eduardo Canabrava Barreiros. 1965 (1852) ¹¹.

¹¹ A Cidade do Rio de Janeiro no meados do século XIX. Place: Fondren Library, Rice University. Disponível em https://library.artstor.org/asset/SS34829_34829_42653866. Acesso em 22 Nov. 2020.

Figura 8: Mapa da cidade após a reforma em 1910.



Fonte: Eduardo Canabrava Barreiros. 1965 (1910)¹².

¹² A Cidade do Rio de Janeiro nos princípios do século XX, após a reforma Pereira Passos. Place: Fondren Library, Rice University. Disponível em https://library.artstor.org/asset/SS34829_34829_24927767. Acesso em 22 Nov. 2020.

Com a remoção dos casarões coloniais e, conseqüentemente, da população menos abastada que ali residia junto com os canteiros de obra de construção das novas avenidas, foram criadas as condições necessárias para que o Rio de Janeiro mudasse seu estigma de cidade obscura, fedorenta, para a imagem de cidade moderna, civilizada e urbana.

Todavia, o embelezamento da cidade elevou os gastos, disputas pelos terrenos a serem indenizados pelo poder público, reassentamento da população que residia nessas áreas anteriormente. Esses elementos contribuem para a contextualização de uma série de reformas pensadas no contexto do século XIX a serem executadas com mais de duas décadas de distância pela ação do governo Passos para a real solução dos problemas, qual a realidade do final do século XIX, que foi acelerada pela chegada do novo século, acompanhado pela nova forma de governo. Em suma, as reformas transferiram os problemas para as antigas ruas coloniais, que ficaram escondidas pela opulência e visão cosmopolita das novas avenidas. (ABREU, 1997). Abaixo são relatados alguns questionamentos e uma caricatura feitos sobre a celeridade das obras na construção da Avenida Central.

A GRANDE AVENIDA. Os desinteressados entusiastas da grande avenida, entre louvores à energia e actividade dos srs. Lauro Muller e Frontin, annunciam o começo das demolições para abril e bem assim que os inquilinos devem esvasiar os predios até março, para o que vão receber intimação, marcando-se-lhes este praso improrogavel. A zona em que vae ser aberta a avenida é muito extensa e no centro da cidade. Seus predios são occupados por negociantes de grosso trato e retalhistas, por estabelecimentos commerciaes de varias importancias, muitos existentes ha annos nessas ruas, com o nome e tradição ligados a este ponto. Encontram os taes inquilinos para onde se mudarem em tão curto praso? Encontram predios em que se alojem convenientemente? (Correio da Manhã, 15 Dez. 1903, p.1).

Figura 9: Caricatura sobre as obras.



Fonte: Revista da Semana, ano IV, n. 148, p.1. Rio de Janeiro, 1903¹³.

Uma vez que novas avenidas foram desbravadas no sítio da área central, em especial a Avenida Central, novos prédios foram projetados segundo os moldes do que existia de vanguarda na Europa, principalmente do período da *Bella Époque* e da magnitude das

¹³ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

construções em Paris após as intervenções promovidas por Hausmann. Os prédios que deveriam ocupar as 3 novas avenidas, em especial a Avenida Central, deveriam revelar a magnitude da capital federal para quem transitasse pela sua extensão e como resultante da nova imagem construída para a representação da cidade e também da inserção de novas práticas, especialmente as culturais, que eram comuns na Europa e foram reproduzidas nesses endereços. Os novos prédios submetiam as suas plantas à avaliação, onde eram autorizadas ou solicitadas adequações no projeto segundo o gabarito das obras, materiais utilizados, tipo e uso da edificação, entre outras recomendações para a instalação nos respectivos endereços (BENCHIMOL, 1992) e relatados no fragmento abaixo. Pretendia-se que as reformas urbanas vendessem a imagem da cidade através das novas avenidas e seus respectivos prédios que demonstravam a diversificação da cidade ou, segundo alguns cronistas, a “chegada da luz” no Rio de Janeiro ou, ainda, como afirma Azevedo (2003a), a cidade do Rio de Janeiro seria regenerada após as intervenções.

AVENIDA CENTRAL. Já foram levados para a Escola de Bellas-Artes varios projectos dos predios que vão ser construidos na Avenida Central, os quaes foram aprovados pelo jury effectuado sabbado, no ministerio da industria, sob a presidencia do respectivo ministro, dr. Lauro Muller. Esses projectos e os demais que irão, depois, vão ser expostos ao publico, conforme já dissemos. Ao sr. Rodolpho Bernadelli, director daquella escola, o dr. Lauro dirigiu hontem longo offivio agradecendo-lhe as referencias lisongeiras, que tambem em officio fizeram o professor Bernardelli e o corpo docente daquella escola pela attitude tomada por s. ex. no intuito de engrandecer e animar as artes, mandando effectuar o referido jury e ordenado a distribuição de premios aos autores dos melhores trabalhos que pelo mesmo fossem julgados. (Jornal do Brasil, 22 Mar. 1904.).

2.6 O Rio “centraliza-se”

O período da administração de Pereira Passos, entre os anos de 1902 a 1906, teve como objetivo promover a noção do Rio de Janeiro moderno, com integração viária, urbano, limpo e diversificado comercialmente e economicamente para ser vivenciado pela população, conforme debatido na seção anterior. As medidas de intervenção concentradas nesses anos foram apenas o pontapé para a reformulação do centro da capital federal que, por consequência, gerou nova centralidade na Avenida Central, pensada como ligação entre as Avenidas Portuárias, com a reformulação do porto e a Avenida Beira Mar, ao indicar o eixo de crescimento para a parte sul da cidade (AZEVEDO, 2003b) e demonstrado no mapa abaixo. Ao realizar o exercício de comparação com as reformas urbanas de Paris, as obras tocadas pelo Barão de Hausmann tiveram maior duração que os quatro anos do governo

Passos e tomaram a capital francesa como um todo, diferentemente do Rio de Janeiro, que adotou novas medidas não integradas para a reforma efetiva do seu centro e, conseqüentemente, do resto da cidade, além das diferenças de financiamento das obras, conforme Benchimol (1992).

Figura 10: Planta da Comissão de Melhoramentos com destaque para as principais avenidas.



Fonte: Prefeitura do Distrito Federal – Comissão da carta cadastral do Distrito Federal, 1903¹⁴.

¹⁴ Melhoramentos da cidade projetados pelo Prefeito do Distrito Federal Dr. Pereira Passos. Rio de Janeiro, 1903. Acesso em 22 Nov. 2020.

A Avenida Portuária surge como caminho entre os edifícios construídos para reorganizar e expandir a atividade portuária que reformulou o antigo Largo da Prainha, uma vez que as instalações existentes nos arredores do Largo do Paço não comportavam a produção de café em franca expansão. E, também, para ancorar os navios de maiores dimensões cujas estruturas coloniais não conseguiam aportar, além de ser a primeira obra a ser iniciada e que originou as outras duas avenidas. Ter o porto competitivo representava atender as demandas de importação e exportação, como também potencializar o crescimento econômico do país, além de reafirmar sua centralidade, em comparação com outros portos do país. O porto do Rio de Janeiro se instalou nos arredores da planície entre os morros da Conceição e de São Bento desde meados do século XIX, porta de entrada do tráfico de escravizados, nos seus arredores e passou a deixar o antigo cais para as recepções de autoridades e personalidades ilustres.

Ao solucionar o gargalo portuário para o escoamento da produção, o Rio de Janeiro reafirmava sua vocação portuária, relega ao segundo plano devido ao crescimento e diversificação das suas atividades comerciais pelas antigas ruas coloniais, além de reforçar a sua visão como cidade capitalista, de acordo com Benchimol (1992). Historicamente, o porto do Rio de Janeiro era reconhecido como principal porta de entrada e saída do país, além da sua posição estratégica como entreposto para as demais localidades do mundo. As reformas do porto trariam para a cidade a equiparação e modernidade ao porto, se comparadas com as de outros portos do mundo, além de fomentar e expandir a vocação agrícola, expressa pela expansão do plantio do café. As regulamentações das obras indicavam a magnitude que o porto teria e são expressas em:

[...] as obras do porto desta capital ficarão promptas no prazo de cinco annos, contando o Sr. ministro de viação ter dentro de tres annos funcionando mais de um kilometro do caes de atracação, desde quando deixará de ser cobrada a taxa complementar. As obras serão feitas por empreitadas que disponham dos indispensaveis recursos e offereçam as necessarias garantias para cumprimento de seus contratos. (O Paíz, 11 mar. 1903).

Já a Avenida Beira Mar foi projetada para criar infraestrutura viária em direção ao eixo sul da cidade, que se encontrava em expansão com a ocupação e crescimento de bairros como Catete e Botafogo, além de reorganizar os arredores do antigo lixão na praia de Santa Luzia e em torno do Largo de Santa Luzia e Passeio Público. O projeto dessa avenida foi desenvolvido em 23 meses, com extensão de 5.200 metros (ABREU, 1997). Consistiu na

construção de largas calçadas para o trânsito a pé da população a fim de contemplar a nova cidade que eles viviam e também pelo hábito de caminhar nas proximidades do mar, o que seria capaz de melhorar o ar da cidade no lugar do odor fétido que era comum no centro do Rio, devido ao impasse da circulação de vento e, posteriormente, no escoamento de dejetos e lixo, conforme abordados em seções anteriores.

Entretanto, a construção dessa avenida já impactava a localização do Morro do Castelo em que o seu arrasamento era mais uma das etapas das intervenções urbanas projetadas para o Rio de Janeiro a serem cumpridas. A existência dessa avenida possibilitou à cidade ter seu balneário em consonância com os novos usos das praias, da mesma maneira que estavam em voga na Europa e permitiria à capital federal um novo espaço de convivência, em contraponto às aglomerações comuns nas ruas estreitas anteriores às intervenções urbanas. Além disso, essa avenida reproduziria a nova estética adotada nos novos logradouros a serem reproduzidos nos bairros em expansão no eixo sul e “integraria o mar a cidade” (AZEVEDO, 2003a, p. 272). Abaixo é noticiada a inauguração da iluminação nessa avenida:

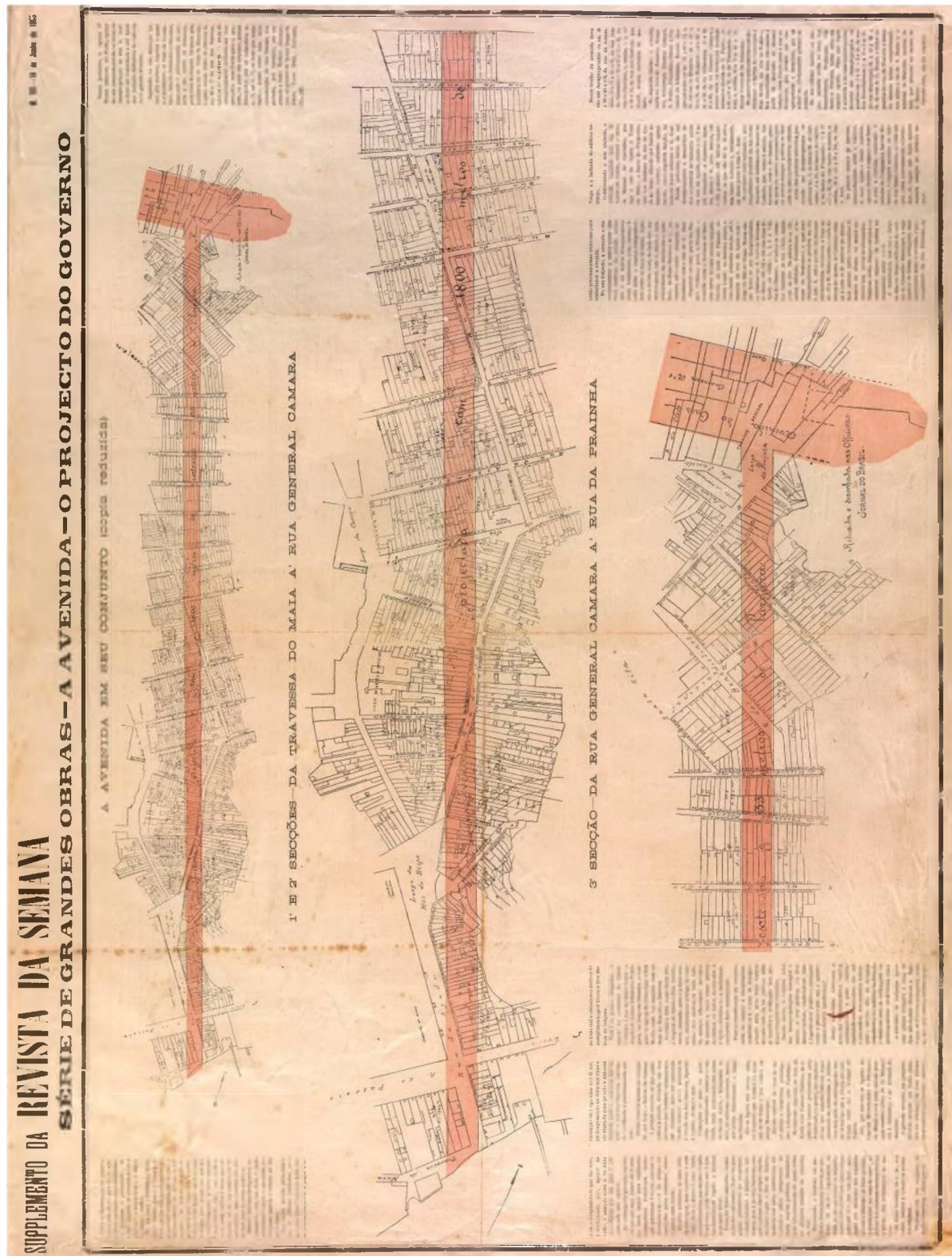
AVENIDA BEIRA MAR. A noticia da inauguração official da iluminação electrica na Avenida Beira Mar levou hontem a esse admiravel logar uma concorrencia extraordinaria. Carros, automoveis e bicycletas cruzavam-se pelas alamedas, por entre grupos de familias e cavalheiros, dando a Avenida verdadeiro aspecto de festa. [...] Immediatamente foi a avenida illuminada, projectando os grandes focos assentados luz clara, intensa, firme, causando às innumeradas pessoas que ali se achavam verdadeiro deslubrimento [...] (O Paíz, 08 set. 1905).

Com a diferenciação do uso da Avenida Central para a Portuária e Beira Mar, e como o próprio nome adotado para esta avenida, as reformas ocorridas na primeira década do século XX propuseram que o Rio de Janeiro tivesse um novo centro, e a nova centralidade teria essa avenida como eixo principal da mudança de paradigma da cidade, tal qual a imagem da cidade deveria refletir a pujança, civilidade e modernidade como propaganda do Brasil para o mundo, além da influência da capital federal para todo o país. Em suma, a Avenida exemplificaria “o progresso material do país” (AZEVEDO, 2003a, p. 251). A centralidade da Avenida dialoga com a existência e visão cosmopolita que foi pensada e aplicada no estilo e forma das edificações erguidas ao longo da sua extensão e definidas por concurso, fato este elencado anteriormente.

Ao retomar a noção de centro e centralidade, abordadas na seção 1.1, a Avenida Central permitiu concentrar os fluxos e serviços que estavam espalhados e tipificados nas

demais ruas, em especial a do Ouvidor. A Avenida caracterizou-se pela magnitude, setorização e diferenciação dos imóveis a serem construídos ao longo da sua extensão, conforme a planta abaixo, além de fomentar a concentração do fluxo de pessoas e também do viário em uma larga avenida arejada, iluminada e arborizada, em contraponto às ruas escuras, apertadas, tumultuadas e mal ventiladas que caracterizavam a cidade do Rio de Janeiro há séculos. Segundo Benchimol (1992), a abertura desse logradouro resolveria o problema de circulação de ar, concentraria as linhas terminais dos bondes, disporia de imponentes edifícios, serviria de modelo para intervenções nas outras ruas e higienizaria o centro da cidade.

Figura 11: Planta da Avenida Central



Fonte: Revista da Semana, 1904 ¹⁵.

¹⁵ Série de grandes obras - A avenida - O projeto do Governo. Rio de Janeiro, RJ: a Revista, 1903. 1 mapa, 71,5 x 47,3 cm.

Dos novos costumes vivenciados no período da *Bella Époque*, acompanhado com o crescimento das cidades ao longo do século XIX e na virada para o século XX, a cidade passa a ser objeto de contemplação e de vivência. Por essa perspectiva, a construção da Avenida Central trouxe novos parâmetros de como o Rio de Janeiro deveria ser composto em meio às novidades que a população, em especial das classes mais abastadas, tiveram acesso. Entretanto, as contradições sociais que caracterizavam o centro do Rio de Janeiro persistiram e criaram novos parâmetros ao dimensionar as principais intervenções para uso das classes enriquecidas sobre o mote da higienização, das melhorias estéticas e da elevação das condições sanitárias (ABREU, 1997; AZEVEDO, 2003a; BENCHIMOL, 1992). A Avenida inseriu no cotidiano da cidade os passeios para apreciação do logradouro, o chamado “fazer a avenida”, relatado no seguinte fragmento:

A AVENIDA. A' noite à avenida se encheu. Dos arrabaldes vieram inumeras familias. Os carros, os automoveis, as bicycletas appareceram, já em grande quantidade, e a linda arteria se encheu do brouhaha alegre da multidão, que até alta hora da noite ahi se manteve. Houve entre esse publico immenso muita gente que via a avenida pela primeira vez. A sua impressão foi que a avenida produzia logo no primeiro dia aos que ouderam assistir à sua inauguração: ninguem reconhecia o Rio, posto nesse lindo boulevard. Os que a viam pela segunda, pela terceira vez (ha memsmo quem a tenha já visto pela centesima vez, 25 vezes por dia, pois a avenida fez hontem quatro dias de existencia), tinham novas exclamações de pasmo e contentamento. Os carros deram uma nota distincta ao passeio, conduzindo familiar da nossa aristocracia [...]. Em summa, os sabbados da avenida, a julgar pelo de hontem, promettem ser magnificos. (Gazeta de Notícias, 19 nov. 1905).

Por fim, as intervenções urbanas promovidas por Pereira Passos prezaram pela mudança estética da cidade a fim de colocar em segundo plano os problemas socioespaciais existentes e tornar a cidade “requerida pelo grande capital e com a capital requerida pelo Estado republicano” (BENCHIMOL, 1992, p. 245). As reformas não solucionaram a segregação existente, mas sim realizaram o efeito contrário, pois aprofundaram a proliferação das moradias nas encostas existentes nos morros da área central e em direção aos subúrbios ferroviários em franca expansão, uma vez que o déficit habitacional até hoje se torna um desafio a ser superado. As condições sanitárias e de infraestrutura também não foram solucionadas; na verdade, elas apenas foram higienizadas do centro e migraram para as novas áreas onde as populações mais pobres se instalaram, conforme Abreu (1997). Na figura seguinte, pode ser vista a imagem da nova cidade em contraste com a velha cidade colonial.

Figura 12: Fachadas da Avenida Central e a cidade velha ao fundo.



Fonte: Acervo Iconográfico – Biblioteca Nacional, 1905¹⁶.

Da mesma forma, hábitos e práticas populares continuaram a se reproduzir no espaço da cidade e se adaptaram ao ar moderno e civilizado existente nas novas avenidas inauguradas para conferir uma nova noção de cidade para o Rio de Janeiro. Dessa complexidade, a lógica das reformas e da nova cidade trouxeram diversos impactos na forma de vivenciar a cidade como, por exemplo, nas formas que o Carnaval era praticado pelas manifestações culturais, em especial as Sociedades Carnavalescas, com destaque para as Grandes Sociedades, e como nova centralidade, práticas, arranjos e impactos. A vivência na cidade como consequência das reformas, geraram alterações e novas espacialidades das brincadeiras características dos dias de Momo, pontos estes a serem explorados adiante.

¹⁶ AVENIDA Central. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [1905?]. 1 foto, papel albuminado, pb, 17 x 22cm e 17 x 23. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=8268. Acesso em 26 Nov. 2020.

3 AS GRANDES SOCIEDADES E A VIVÊNCIA NA CIDADE

Uma cidade torna-se completa quando fazem parte da sua vivência elementos que a conferem identidade e reconhecimento simbólico, especialmente pelas suas festas características. Dessa forma, o Carnaval se viabiliza como a festa que tem maior duração no decorrer de um ano, pois compreende os dias que antecedem o início do período quaresmal. Além disso, apresenta diferentes manifestações que coexistem no período retratado, como o tempo do Rei Momo que, muitas das vezes, são repassadas de geração a geração como forma de representação de um determinado lugar como mecanismo de representação e preservação das suas práticas culturais. Por outro aspecto, o Carnaval possibilita enxergar o microcosmo da estrutura de parcelas da sociedade embarcado nos ritos que compõem o ritual carnavalesco, uma vez que o ritual é “um aspecto das relações sociais”. (DAMATTA, 1997, p.83).

A linha narrativa que preenche as próximas páginas enseja retratar as Grandes Sociedades – Tenentes do Diabo, Club dos Democráticos e Club dos Fenianos -, também chamados de Clubs Carnavalescos ou Grupos Carnavalescos, de acordo com a escolha de cada jornal ou revista com o passar dos anos. São vistos como agrupamentos organizados e expressivos dentro do universo dos arranjos que constituíram a manifestação momesca das Sociedades Carnavalescas e suas existências como formas simbólicas espaciais para além dos dias de Carnaval. Essa manifestação configurou-se no Rio de Janeiro em busca de formular novas formas de ocupar o espaço da cidade em busca de construir a noção de Carnaval em meados do século XIX. Entretanto, o Carnaval, por se tratar de um processo espacial e dinâmico, não possibilita formas rígidas que não se adaptam às demais transformações sociais, oriundas tanto espacial quanto temporalmente.

O presente capítulo foi estruturado a fim de contextualizar, junto com a abordagem do capítulo 1, a explanação do objeto de estudo que norteia a pesquisa, a centralidade do Carnaval na Avenida Central pelas Grandes Sociedades em meio ao ambiente pré, durante e pós reforma urbana, tal qual responder aos objetivos, tanto principal como secundários da referida pesquisa. A discussão segue pela noção de Carnaval e festa, dos festejos carnavalescos no Rio de Janeiro que serviram como bases para o surgimento das Sociedades, do estabelecimento das Sociedades Carnavalescas como prática momesca, desde as Sociedades Pioneiras às demais Sociedades que não atingiram a fama, a relevância e a estrutura das Grandes Sociedades, da formação, caracterização e estrutura dos Tenentes do Diabo, Club dos

Fenianos e Club dos Democráticos e, por fim, da vivência das Grandes Sociedades no cotidiano da urbe carioca.

3.1 Do carnaval e da festa

Se a cidade pode ser produzida e realizada por variáveis distintas através dos diferentes agentes modeladores do espaço urbano, um desses caminhos possibilita ser trilhado pela atuação das diferentes festas que ocorrem em diferentes espaços da cidade e diversificados períodos temporais como, por exemplo, o Carnaval, que será aprofundado posteriormente. Na tentativa de conceituar a festa, Amaral (1998) constrói a sua narrativa ao tratar esse fenômeno como a oscilação entre a cerimônia (culto, rito) e a festividade (alegria, regozijo). Logo, a coexistência de diferentes manifestações ao longo do tempo, tanto organizadas como espontâneas, configuram a extrapolação do tempo cotidiano, das práticas de vida cotidianas e cria elementos que a permitem identificá-las (AMARAL, 1998). Por exemplo, as práticas do Carnaval surgem da vida cotidiana, mas têm suas características pré-determinadas no período temporal que antecede o início da quaresma.

Ao considerarmos o Carnaval como uma festa, entende-se que as variadas manifestações que ocorrem nos dias anteriores ao início quaresma, como também em outros períodos do ano, representam as mudanças das práticas cotidianas como o ato de vestir-se de personagens, preservar a identidade de cada brincante com o uso de máscaras e adotar medidas não convencionais do dia a dia. Damatta (1997) indica que, no Carnaval, pode ser observado o fenômeno da inversão através de “ação popular espontânea e extraordinária, não planejada e não esperada” (DAMATTA, 1997, p. 49). Portanto, as diferentes manifestações carnavalescas que ocorrem no espaço da cidade representam as inversões compreendidas na comemoração da festa da carne ao antecederem o período de oração e penitência da quaresma.

Nessa concepção, o Carnaval está relacionado à prática e ao período com caráter religioso e litúrgico e, por isso, ficou conhecido como Ferreira (2004) classifica esse festejo: como a liberdade da carne antes do período de reflexão e penitência das práticas quaresmais. Vale ressaltar que a quaresma, para a Igreja Católica, representa a preparação de 40 dias para a festa da Páscoa, justificando-se assim como uma festa com datas móveis e, por conseguinte, aponta-se por que o Carnaval não tem uma data fixa como dos demais feriados ao longo do ano. Ao estar atrelado a esse período religioso, o Carnaval tomou lugar e ganhou adaptações

com o passar dos anos e com as características locais e regionais, de acordo com as condições espaciais onde ocorria a festa, além de tornar conhecido certos logradouros, praças, circuitos ressignificados nos dias de Carnaval. Ferreira (2005) usa o Carnaval da cidade francesa de Nice como exemplificação desse processo.

Porém, o Carnaval em sua essência compreende processos que se completam nos dias em que suas práticas ocorrem. Sobre esse ponto de análise, Bakhtin (2008) aborda que o Carnaval tem a visão dualística entre a crise e a mudança, morte e nascimento, entre outros exemplos que compõem a alternância entre os processos contínuos ao longo do tempo. Através dessa indicação, pode-se entender o Carnaval como o contato familiar e livre, a profanação e o coroamento e servidão fora do padrão considerado normal, fora do período de Carnaval e a própria festa em si (BAKHTIN, 2008). Logo, a carnavalização são apropriações genéricas, figuradas das ações simbólicas e rituais abarcadas e vivenciadas nos dias em que se realiza a festa da carne.

As coexistências entre as diferentes manifestações carnavalescas geram, com seus ritos, as suas respectivas formas de brincar os dias de momo com distintas construções e práticas culturais. O choque entre as manifestações representa diferentes práticas na construção do espaço ao longo dos dias da folia e caracteriza as oposições entre o Carnaval elitizado e o popular, que a imprensa os chamou de grande Carnaval e pequeno Carnaval, ao observar as tensões na formação da folia carioca no século XIX. Este fato abre a perspectiva de que mais de uma manifestação pode ocorrer na construção das práticas culturais que compõem o Carnaval. Através disso, é revisto que a formação do espaço urbano através das manifestações culturais representa a proximidade da convivência de diferentes grupos sociais para que ocorra a interpretação dos recortes espaciais, também considerados produtos históricos resultantes da ação humana sobre a superfície terrestre através dos meios sociais que lhe dão origem (SILVA, 2012). No fragmento seguinte pode ser observado o exemplo do espaço urbano existente pelas práticas carnavalescas:

[...] Os homens se desperateiam nas batalhas de papel picado e água com perfume; as mulheres se desgrenham; as crianças gritam com todas as forças dos pulmões... Ninguém se entende. O Carnaval, no Rio, é uma loucura, uma loucura que não se explica, não se define, não se descreve... Sim, porque, quando a gente tenta dizer o que são estes dias de Momo e por eles se embarafusta na ancia de os sentir, no íntimo, fica louco também e não sabe mais o que diz, o que escreve. [...] (Correio da Manhã, 07 Fev. 1910).

Outra perspectiva para o entendimento do Carnaval é considerá-lo como ritual. O ritual pode ser entendido, conforme indicado por Damatta (1997), como o conjunto de ações que vão compor o interior das diversas manifestações e garantir a sua existência, por exemplo, as variadas manifestações nos dias de Carnaval. As partes que compõem esse ritual são chamadas de ritos. Os ritos podem ser divididos em extraordinários e espontâneos; constroem a identidade social através da concentração de pessoas para fins distintos (DAMATTA, 1997). Na presente abordagem, os ritos extraordinários abrangem a organização e regularidade do Carnaval conhecido como grande Carnaval, onde havia pedidos para liberação das ruas, divulgação da programação e percurso dos desfiles como a narrativa nos jornais após a realização dos eventos. Em contrapartida, os ritos espontâneos podem ser agrupados nas manifestações do Carnaval popular, onde não há o ordenamento e a regularidade presente nos passeios das sociedades. Neste caso, o ato das pessoas se concentrarem para brincar o Carnaval configura a composição dos ritos dentro do processo ritual.

No diálogo entre a tradição e o ritual, o Carnaval apresenta outra perspectiva de análise através do conceito de mito, conforme Queiroz (1999). Nesta concepção, compreende a interface ao explicar a realidade pela experiência e o desejo de aspirações coletivas (QUEIROZ, 1999). Em outras palavras, as práticas carnavalescas coexistem entre a objetividade da realidade e a subjetividade dos sentimentos daqueles que compõem a festa. Viver o Carnaval, em suma, torna a sociedade capaz, através das práticas dos seus grupos, de questionar a sua existência, como também resgatar a tradição de um passado como solução para os questionamentos e problemas atuais. Vale ressaltar que o diálogo ocorre pela existência dos diferentes ritos que compõem os rituais carnavalescos em busca da sociedade se autoconhecer nos dias de momo.

Em uma última abordagem, o Carnaval e suas práticas integrantes configuram um conjunto de formas simbólicas espaciais, definidas por Côrrea (2011). Constituem fixos e fluxos, localizações e itinerários (CÔRREA, 2011), onde a ocupação do espaço da cidade pelas manifestações carnavalescas nas ruas, interior das casas, teatros e salões configuram a espacialidade material e imaterial do Carnaval, com o passar dos anos, como instrumento formador de cultura, pois conforme Côrrea (2008), este é o significado de um determinado grupo social. Logo, o Carnaval constitui-se como elemento cultural a representar manifestações características em determinados intervalos de tempo e diferenciações entre aqueles que se apropriam, reproduzem e reformulam as práticas carnavalescas; fato este narrado em:

Esqueçam-se por um momento as preocupações graves da vida, e festeje-se Momo, esse deus infernal que revoluciona mais a alma carioca do que a questão das candidaturas. A cidade electriza-se, as ruas enchem-se, de bandos allegres e galhofeiros, de onde esfusiam, a cada instante, a troça e o riso. [...] (Correio da Manhã, 08 Fev. 1910).

3.2 Dos festejos de momo no Rio de Janeiro

Conforme a discussão apresentada no capítulo anterior, a ocupação e a formação da cidade do Rio de Janeiro trouxeram consigo a reprodução das práticas culturais vindas do outro lado do oceano. Tornaram-se recorrentes as procissões e festas religiosas, além de eventos e paradas cívicas, principalmente após a instalação da família real portuguesa em 1808, segundo Carvalho (1990). Não muito diferente ocorreu com a reprodução do Carnaval, como era praticado em Portugal e adaptado à realidade e efervescência do Rio de Janeiro colonial. A manifestação que passou a fazer parte do Carnaval da cidade era o Entrudo e que perdurou como manifestação principal até meados do século XIX, quando foram incorporadas novas manifestações. O termo Entrudo relaciona-se com o período anterior à Páscoa, como pode ser definido abaixo:

O antigo carnaval português [...] termo que significa entrada, princípio. Ao que parece, a celebração marcava o início da primavera. Com o cristianismo, passou a se realizar nos dias que antecediam a quaresma. (MIGUEL, 2009, p. 3 – 4).

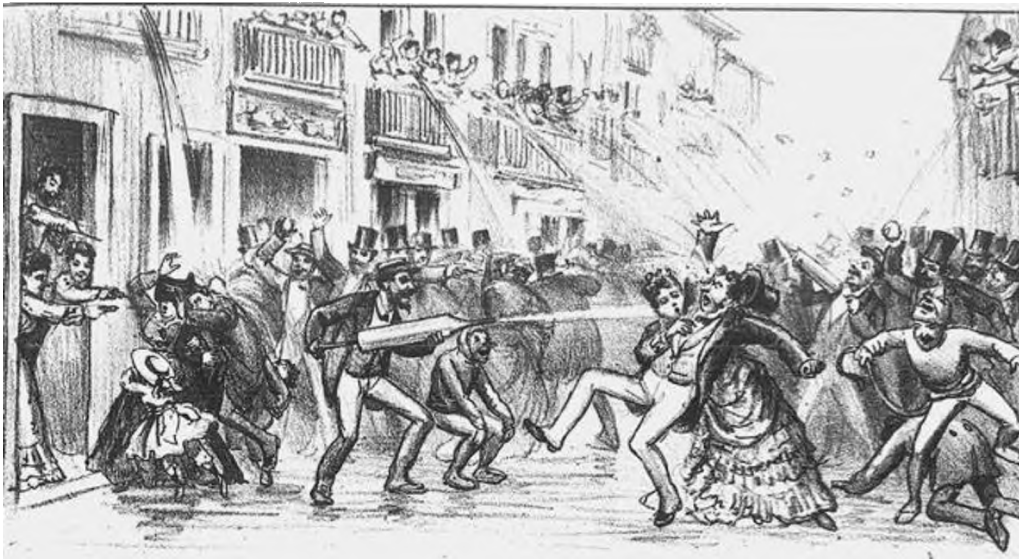
São observadas e catalogadas as primeiras manifestações entrudísticas em meados do século XVII (MORAES, 1958). Vale ressaltar que há uma concomitância da existência e variedade dos registros do Carnaval com a chegada e instituição da imprensa no país a partir das transformações socioespaciais que a colônia sofreu com a elevação da cidade do Rio de Janeiro à sede da coroa portuguesa desde o ano de 1808, como foi analisado no capítulo anterior. Anteriormente a esse período, o registro de documentações sobre o cotidiano da cidade torna-se inviabilizado pelo incêndio no arquivo público da cidade em meados de 1790 (CARVALHO, 1990). Entretanto, há registros e catalogações das manifestações entrudísticas ao longo do século XVII, conforme Moraes (1958). Abaixo é relatado um dia de festejos do entrudo no Carnaval de 1881.

[...] O entrudo, esse sim, poz mais um dedo de fôra. Os limões entraram a aparecer em maior numero; e a água que continham, a molhar os transeuntes. Com os limões e as bisnagas, com estas e as seringas, e com uns e outras pequenas rixas em vários

pontos onde os atacados não se mostravam apreciadores do gracejo dos atacantes [...] (Gazeta de Notícias, 1º Mar. 1881).

As formas de brincar o Entrudo se dividiam em Entrudo Familiar e Entrudo Popular e, conseqüentemente, elas tinham as suas caracterizações próprias, assim como o público que compõem e fazem essas práticas nos dias de Carnaval. Damatta (1997) constrói a formulação em que as maneiras de reproduzir a manifestação do Entrudo configuravam a apropriação do mundo com ordem e regularidade e, o universo, a desordem e a regularidade. Ele se referia à casa, local onde ocorria o Entrudo Familiar e a rua, onde acontecia o Entrudo Popular, exemplificados na figura 13. Ressalta-se a composição desses brincantes nessa figura com a diferenciação de gênero, etária, étnica e social. Através dessa contestação, percebe-se a capacidade que o Carnaval tem de construir diferentes usos e espacialidades durante os seus dias e, assim, com a combinação de elementos que constituem essa manifestação, pois a espacialidade simbólica, através das formas simbólicas espaciais, são elementos de manutenção da identidade de determinado grupo ou até mesmo do lugar, conforme Côrrea (2007).

Figura 13: Entrudo Familiar e Entrudo Popular



Fonte: Revista Ilustrada, ano V, n. 195, p.4. Rio de Janeiro, 1880 ¹⁷.

O Entrudo Familiar era composto pelo lançamento de limões e laranjinhas de cheiro, talcos, enfarinhamentos e banhos perfumados ou não perfumados entre as pessoas que brincavam essa manifestação (FERREIRA, 2005). Vale ressaltar que esses festejos ocorrem no interior das residências; ocasionalmente ocorriam após as refeições que eram oferecidas para uma justificativa plausível para brincar o Entrudo (PEREIRA, 2004). Além disso, era recorrente o uso de limões de cheiro, seringas com águas perfumadas, entre outros objetos que

¹⁷ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

pudessem atingir o próximo enquanto ocorriam essas práticas, conforme Moraes (1958). Outro aspecto dessa caracterização era o estabelecimento ou reafirmação de laços sociais entre as famílias com o pretexto de se brincar o Carnaval, como afirmado no trecho abaixo:

[...] O entrudo, entretanto, disseminava a alegria por todas as classes, a intimidade das famílias amigas esteitava-se, e não era de admirar vir a saber-se que este ou aquelle pedido de casamento tivera como motivo um limão de cheiro, comprimido a furto sobre um collo de novo ou em braço bem feito e macio. [...] (Gazeta de Notícias, 12 Fev. 1888).

A outra forma de brincar o Entrudo é o Entrudo Popular. Esta forma de manifestação era composta pelos ataques de líquidos de origem diversa, partindo da água até urina no lugar das águas perfumadas no Entrudo Popular. Também se utilizavam pós de polvilho e vermelhão no lugar dos talcos perfumados (FERREIRA, 2005). Vale ressaltar que o uso desses materiais contrastava com o que era usado no interior das residências, mesmo que fossem inspirados nos limões de cheiros e seringas que eram comercializados nas ruas. A oposição em que ocorriam os festejos do Entrudo retrata a coexistência entre diferentes níveis sociais dessa prática e evidencia as atmosferas distintas entre a casa e a rua, dualidade apontada por Damatta (1997) e, conseqüentemente, do nível de gentileza empregado, em que um se assemelhava à cortesia e, outro, à selvageria que configurou o Entrudo após a ascensão de outras manifestações. No trecho a seguir é relatado como ocorria a comercialização dos limões de cheiro nas ruas:

LIMÕES DE CHEIRO. 139 Rua da Alfandega 139. Recebem-se encomendas ,
Gazeta de Notícias, 19 Fev. 1881).

A ascensão de novos hábitos e costumes pela elite imperial floresce ao longo do século XIX, acelerado pela separação administrativa entre Brasil e Portugal após 1822. Essa tomada de decisão fez com que o jovem país independente estabelecesse novas relações com outros países, em especial os países europeus, sem as amarras lusas. Esse comércio trouxe novidades, primeiro inglesas e depois francesas (MACEDO, 2005). Logo, a busca por um estilo de vida que correspondesse aos anseios desse grupo dominante foi encontrado nos costumes franceses. Aponta-se que a França, ao longo do século XIX, gozava de hábitos modernos, civilizados, como atividades em sociedade, comércio requintado de perfumes e tecidos, entre outros aspectos. Com essa premissa, o Brasil procurou se espelhar nesse país,

até com a formação da rua chamada de francesa, a do Ouvidor, conforme Gerson (1965) e também abordado anteriormente.

O Carnaval não passou despercebido nesse processo. No lugar da temida “selvageria” do Entrudo seria praticada Bailes de Máscaras nos teatros da cidade. Entretanto, os Bailes de Máscaras são originários da cidade italiana de Veneza desde meados do século XIV (FERREIRA, 2005) em que os franceses apropriaram a manifestação e realizavam os bailes nos interiores dos teatros. Os bailes foram iniciados em 1840 e, de acordo com Ferreira (2005), ocorriam tanto em salões privados como nos teatros, onde as pessoas se fantasiavam em busca de preservar a sua identidade pelo uso das máscaras, reafirmar as relações sociais e, assim, brincar o Carnaval sem julgamentos morais dos outros dias do ano. O ato de preservar a identidade era conhecido pela seguinte pergunta: Você me conhece? E, dessa forma, seguiam os festejos e a troça nos interiores dos teatros e salões privados, conforme Cunha (2001).

O choque entre manifestações representa diferentes práticas na construção do espaço ao longo dos dias da folia. Este fato abre a perspectiva que mais de uma manifestação pode ocorrer na construção das práticas culturais que compõem o Carnaval. Através desse fato, releva-se que a formação do espaço urbano, através dessa manifestação, representa a proximidade da convivência de diferentes grupos sociais para que ocorra a interpretação dos recortes espaciais em diferentes temporalidades, com tendência ou não a ocorrerem simultaneamente (SILVA, 2012). Logo, os embates entre o Entrudo e os Bailes de Máscaras estavam declarados. Os bailes eram promovidos pelas elites locais, que procuravam liquidar ou diminuir o valor simbólico do Entrudo, negando qualquer ligação com os hábitos portugueses existentes desde a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1565, que ocorriam simultaneamente no espaço da cidade durante os dias de Momo. A figura 14 ilustra esse embate simbólico.

Figura 14: Entrudo *versus* Carnaval



Fonte: Revista Ilustrada, ano VI, n. 332, p.1. Rio de Janeiro, 1881¹⁸

Esse embate passa a ser narrado exaustivamente pelos jornais, que buscavam cobrar o papel do Estado para reprimir o Entrudo, principalmente o de caráter popular, com a

¹⁸ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

promulgação de editais e códigos de posturas municipais, que tentavam coibir essa manifestação. Porém, surge um problema nessa veiculação dos códigos, pois os jornais eram para um público pré-determinado e ainda ocorria a questão econômica para acesso dos mesmos, em que muitas das vezes não atingiam o público-alvo a ser reprimido. A circulação dessas notícias fez parte do processo de veiculação negativa do Entrudo, em que os incidentes e repressões policiais ganharam destaques nos jornais como a violência a ser combatida no Entrudo (CUNHA, 2001). Diante dessa realidade, era tarefa árdua organizar o espaço da rua nos dias de Carnaval. Abaixo, encontra-se a um exemplo dos instrumentos para a repressão do Entrudo:

§ § 2. tit. 8ª secção. 2º do código de posturas acima citado: Fica prohibido o jogo do entrudo dentro do municipio; qualquer pessoa que o jogar, incorrerá na pena de 4º a 12º e não tendo com que satisfazer, soffrerá de dois a oito dias de prisão. Sendo escravo, soffrerá 8 dias de cadeia, caso seu senhor o não mande castigar no calabouço com 100 açoutes, devendo uns e outros infractores ser conduzidos pelas rondas policiaes à presença do juiz, para os julgar, à vista das partes e testemunhas que presenciaram a infracção. As laranjas do entrudo que forem encontradas pelas ruas ou estradas, serão inutilizadas pelos encarregados das rondas. Aos fiscaes com os seus guardas tambem fica pertencendo a execução d'esta postura. (Gazeta de Noticias, 27 Fev. 1881).

E o que ocorria na prática:

[...] entretanto para que se esfrie o entusiasmo que se nota por toda a parte, para que à alegria substitua a tristeza e quiçá verdadeiros dissabores, baste que a população da côrte insista no proposito em que parece estar de fazer do carnaval o entrudo, retrogradando por esse modo muitos annos de civilização e desmentindo os habitos e fores de pacifica e ordeira de que goza [...] (Gazeta de Noticias, 27 Fev. 1881).

A oposição entre os Bailes e o Entrudo representou o início da apropriação do termo “Carnaval” para as práticas que ocorriam ao redor dos pomposos bailes (FERREIRA, 2004). O uso do referido termo representava que as práticas portuguesas eram um mal a ser combatido, assim como qualquer resquício cultural da antiga metrópole. Através dessa noção, o Entrudo passa a ser combatido como violento arcaico, motivo de prisões, entre outras colocações, até o seu enfraquecimento e reapropriação, em outras manifestações de caráter popular que não cabe analisá-las neste estudo. Entretanto, a ida às ruas pelos grupos da elite originou novas espacializações da cidade, mesmo que em um primeiro momento fossem

apenas para a tentativa de reprodução das práticas carnavalescas europeias através dos bailes, desfiles e demais atividades carnavalescas, como “se passasse uma tarde de Carnaval na Itália” (PEREIRA, 2004, p. 114). A ida em conjunto dos sócios em direção aos eventos diferencia-se dos máscaras avulsos, pois apresentavam percursos previamente definidos (FERREIRA, 2004), ponto este que voltará a ser abordado adiante.

3.3 As Sociedades Carnavalescas

A incorporação dos bailes carnavalescos no cotidiano da cidade gerou impactos de como o Carnaval ocorria no Rio de Janeiro, tal qual gerou mudança da dinâmica das pessoas que brincavam o entrudo familiar no interior das residências, pois passaram a ressignificar o espaço da cidade, onde eram recorrentes as práticas não controladas do entrudo popular (PEREIRA, 2004). A ocorrência de ataques dos brincantes do entrudo na rua aos que se direcionavam aos teatros resultou em falta de controle urbano durante os dias de momo, relatado no fragmento de notícia a seguir. Os conflitos simbólicos nos dias de Carnaval ressaltam a complexidade da existência da festa nos anos seguintes, levando os grupos de foliões a se adequarem a novas posturas, repressões e novidades no âmbito da reprodução dessas práticas festivas, tais quais:

Diversas considerações sobre os bailes mascarados relativamente à vantagem que levão sobre o antigo entrudo, à facilidade e rapides com que se forão elles infiltrando no espirito do nosso povo, e ao bello espetaculo que nos derrão durante este quatro ultimos dias. (Diario do Rio de Janeiro, 08 Fev. 1856).

As Sociedades Carnavalescas surgem como uma dessas novidades ao suprimir a necessidade dos brincantes do legítimo Carnaval chegarem em segurança aos Bailes de Máscaras e, assim, “construir um local seguro, livre das ofensas do entrudo”. (FERREIRA, 2004, p. 66). Entretanto, essa ocupação não foi espontânea. Conforme relatado na notícia seguinte, percebe-se a dimensão do conflito que permeava os dias de momo. Os conflitos retratam as diferentes relações existentes na cidade e os variados grupos sociais que a compõem. Para o aparecimento do primeiro percurso em direção aos teatros, datado de 1855, torna-se necessário indicar como as duas principais manifestações moldavam a cidade nos dias de Momo, expresso na notícia seguinte:

CARNAVAL – Aos baldes d’água e às perigosas laranjinhas do entrudo, sucedeu o gosto pelos divertimentos propriamente chamados do Carnaval. Graças ao mui digno ex – chefe de polícia, o Sr. desembargador Siqueira, por ter extirpado desta côrte este arreigado e brutal costume. (Diário do Rio de Janeiro, 25 Jan. 1855).

Conforme mencionado no parágrafo anterior, os preparativos para o Carnaval de 1855 traziam um novo elemento para os dias de folia, conforme aborda Ferreira (2004). Pela primeira vez, um grupo de foliões se organizou para irem juntos aos bailes no Teatro de São Pedro de Alcântara, localizado no Largo do Rocio, atual Praça Tiradentes. Moraes (1958) afirma que o primeiro desfile do *Congresso das Summidades Carnavalescas* representou uma nova ruptura, como também uma nova forma de produzir o espaço pela prática festiva em comparação ao conflito que permeava o Carnaval que era praticado até então, principalmente nas ruas da cidade. O seguinte fragmento menciona sobre essa novidade:

Algumas pessoas projectarão e formarão já uma sociedade que se denomina – Congresso das Summidades Carnavalescas, - com o fim de fazer bellos e agradaveis divertimentos para o carnaval. Outros moços entusiastas, para que esse divertimento tenha o necessario desenvolvimento, estabelecerão uma outra sociedade tambem de pessoas do commercio, e vão dar em S.Christovão um esplendido baile de fantasia, ao qual ha de preceder passeios em carros pelas ruas da cidade. (Diario do Rio de Janeiro, 25 Jan. 1855).

Um fator determinante para que houvesse a ocorrência e o sucesso dos passeios foi o esquema de segurança, formado para evitar ataques do entrudo e, assim, garantir que os transeuntes chegassem íntegros fisicamente e com as fantasias ainda em condição de uso. Para organizar a segurança da cidade eram divulgados editais, a pedido ou não das distintas sociedades, que tratavam de aspectos diversos como liberação das ruas, código de posturas e proibição de circulação de veículos nas ruas. Ferreira (2004) aponta que os editais funcionavam como instrumentos para ocorrência do Carnaval. Pode ser observado no seguinte fragmento a relação entre a segurança e a ocorrência dos passeios das sociedades:

A sociedade Congresso das Summidades Carnavalescas prepara-se para fazer com todo o brilhantismo o seu passeio de carnaval. Pedimos com antedencia à policia que recommende novamente a execução das posturas e ordens que prohibem o jogo do entrudo, afim de que não haja por ali alguma tentativa imprudente que o faça reviver. A sociedade pretende este anno limitar o seu passeio a um pequeno circulo, de maneira que assim a população possa melhor gostar do divertimento. (Diario do Rio de Janeiro, 06 Jan. 1856).

3.3.1 Sociedades Pioneiras

Os carnavais seguintes, após a novidade introduzida pelas Summidades Carnavalescas, ocasionaram a reorganização espacial do Carnaval na área central do Rio de Janeiro. Os passeios, com o decorrer dos anos, colocaram a elite em contato com os populares, onde era possível mensurar a oposição entre as formas de festejar os dias de Momo. Essa dualidade reflete o discurso a ser reproduzido na cidade sobre qual forma simbólica no espaço representaria o Carnaval e o não Carnaval, também conceituado de grande Carnaval e

pequeno Carnaval, ou do Carnaval e violência, definições essas indicadas anteriormente. O ato de ir e ocupar as ruas, mesmo que sazonalmente, revela que as Sociedades Carnavalescas, com o passar dos anos, se integravam ao Carnaval da cidade com novos elementos e grupos que produziam a espacialidade do carnaval em meio à repressão e tentativas de organização, conforme:

[...] As providencias dadas pelo Sr. Chefe de Policia, assegurarão aos mascaras toda a immunidad e à capital completo socego. S.Ex.não pôz obstaculo aos regosijos do publico fluminense, antes facilitou todos os meios que podião augmentar a festa do carnaval. Pessoas distintas da nossa sociedade tomarão parte nos folguedos. O carnaval não foi bem certo comparavel aos de Veneza, de Roma e de Paris, foi porém o melhor e mais brilhante que tem passado no Rio de Janeiro (Diario do Rio de Janeiro, 24 Fev. 1855).

Outro fator que reforçou o embate simbólico foi o do uso organizado e não organizado da rua. Os grupos passaram a se aprontar para percorrerem determinados logradouros em direção às festas e bailes carnavalescos (PEREIRA, 2004). Entretanto, algumas ruas tinham restrições para circulação: por exemplo, na Rua do Ouvidor ou em outras eram recorrentes a concentração dos ataques do entrudo popular. Nessa segunda categoria, os grupos interviam na necessidade de controle e segurança por parte do poder público, que travava batalha para condenar e reprimir os possíveis exageros que a festa popular costumeiramente gerava, conforme Ferreira (2004) e exemplificado na figura 15. A liberação e organização dos percursos pelas ruas da cidade tiveram como resultado a reprodução e expansão dos passeios em grupo.

Figura 15: Ataque aos policiais.



Fonte: Revista Ilustrada, ano VIII, n. 332, p.1. Rio de Janeiro, 1883¹⁹.

A repercussão do cortejo feito em 1855 pelas Summidades levou à reprodução e, consequentemente, novos passeios nos carnavais que seguiram. Ferreira (2005), em

¹⁹ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

“Inventando Carnavais”, mapeou os passeios feitos pelas Sociedades Carnavalescas ao longo dos anos e décadas seguintes. Salienta-se que, nesse período até a ascensão das ditas Grandes Sociedades, ponto este que será explorado adiante, esses grupos caracterizavam-se pela descontinuidade ao desfilarem em um Carnaval e não terem a garantia, organização e registro para desfilarem no ano seguinte. Outro ponto a ser mencionado foi que as áreas marginais ao centro incorporavam as novidades carnavalescas da elite nas suas práticas momescas, quase sempre de caráter popular, que ressignificavam o pequeno Carnaval, desde as novidades introduzidas na década anterior pelos bailes de máscaras. Fato este elencado em:

CARNAVAL.- Como preludio dos grandes folguedos do carnaval, as sociedades Estudantes de Heidelberg, Club X, Club dos Democraticos, Club dos Carbonarios, Filantes da Epoca, Pingas Carnavalescos e Inimitaveis sahiram hontem à noute incorporados com direção aos theatros Phenix Dramatica e Cassino. Este anno, ao contrario dos anteriores, nota-se bastante animação e entusiasmo, e, se o tempo permittir, é para crer que tenhamos um carnaval menos mau, attento o crescido numero de sociedades organisadas ultimamente e à quantidade de ruas que se preparam para receber os foliões do dia. (Diario do Rio de Janeiro, 27 Fev. 1876).

O pioneirismo entre as Sociedades Carnavalescas fica entre as Summidades e a União Veneziana. O Congresso das Summidades Carnavalescas é formado em 1851 (FERREIRA, 2004) com objetivo de promover bailes privados e acesso social, em oposição à dimensão que os bailes públicos que ocorriam nos demais teatros da cidade vinham tomando. As Summidades ganham prestígio por representarem uma nova etapa na história do Carnaval carioca (MORAES, 1958). A União Veneziana tem registro nos jornais no ano de 1856, um ano após a estreia dos cortejos pelas Summidades. O prestígio e reconhecimento desses grupos foram construídos além das pompas e luxo dos seus bailes como também na inovação em formar um cortejo até os teatros, com proteção policial através das promulgações dos diversos editais, relatado anteriormente e exemplificado em:

AGRADECIMENTO. A sociedade União Veneziana faltaria a um dos seus mais sagrados deveres, si não buscasse este meio para agradecer aos moradores das diversas ruas por onde passou nos dias de carnaval, e com especialidade aos das ruas das Violas, S. Pedro e Conde, as lisongeiras demonstraões de apreço, sympathia e distincção com que horaram a mesma sociedade. [...] F.E. de Souza. 1º secretario. (Diario do Rio de Janeiro, 20 Fev. 1858).

Mal sabiam os sócios dessas sociedades que as novidades daqueles carnavais iriam difundir o surgimento e aperfeiçoamento de outros grupos ao longo do século XIX e, assim, conferir à rua uma forma civilizada de brincar o Carnaval (PEREIRA, 2004). Elas também detém o pioneirismo na disputa dos espaços da cidade e dos teatros para a realização dos desfiles e bailes que ocorriam durante o Carnaval. No decorrer dos anos seguintes, diferentes sociedades são construídas e desconstruídas, formando outras sociedades e outros grupos que desfilavam em busca de glória e fama, através da concentração de pessoas e atenção da imprensa para assistirem aos seus desfiles e pela divulgação nos jornais, conforme analisa Cunha (2001) e que serão discutidos a seguir. Em relação às disputas por público entre as Sumidades e a União Veneziana:

Duas sociedades distintas, as Sumidades Carnavalescas e a União Veneziana, collocarão-se à testa dos divertimentos destes dias que já transpirão o aroma de mil flores e os échos palpitantes das valsas de *Strauss*. Ambas vão de certo pleitear em luxo e sumptuosidade, primando na cópia das personagens que representarão e no brilhantismo do mise en scene. [...] (Diario do Rio de Janeiro, 19 Fev. 1857).

3.3.2 Demais Sociedades

O movimento iniciado pelos cortejos das Sumidades Carnavalescas e da União Veneziana ganharam corpo e, conseqüentemente, fama e divulgação nos carnavais que seguiram. Essas Sociedades passaram a servir como exemplo e matriz para outros grupos de pessoas que se deslocavam pelas ruas da cidade em direção aos teatros em segurança, segundo Ferreira (2005). Entretanto, as Sociedades Carnavalescas tem como uma das suas características a capilaridade dos seus respectivos grupos que reflete diretamente na periodicidade dos desfiles a cada ano que se passava. Com isso, era recorrente que pessoas que um ano desfilaram em um determinado grupo, procurassem ou não arranjos em outros grupos recém-fundados para a manutenção das relações sociais ou interesse nas fantasias, percurso escolhido, entre outras variáveis do outro grupo que, por fim, multiplicaram o número de grupos nos carnavais seguintes (FERREIRA, 2005).

Carnaval. - Consta-nos que se vão organizar duas sociedades destinadas a estrear no proximo carnaval. Toma uma a designação de *Caçadores Tyrolezes*, e a outra *Os Athinenses*. Contam os socios desta ultima fazer apparecer nas ruas da cidade parte dos homens illustres da velha e illustre Athenas. (Diario do Rio de Janeiro, 21 Fev. 1863).

Concomitantemente ao pioneirismo das Summidades e da União Veneziana, outros grupos surgiram e refletem a proliferação de Sociedades e suas respectivas espacialidades no Carnaval carioca. Novas sociedades como o Club X e os Estudantes de Hildenberg ganharam destaque nos jornais e passaram a compartilhar tanto o espaço das ruas como o interior dos teatros, em sua maioria, e também os salões privados. A convivência entre diferentes grupos da manifestação ocasionou o crescimento e fortalecimento da mesma e provocou impacto da concentração espontânea de pessoas nas ruas para assistirem os respectivos cortejos. Entendia-se que as Sociedades Carnavalescas configuravam-se como a manifestação de representação dos valores do legítimo Carnaval e que não ficava recluso nas festas e baile, cujo acesso era antes de tudo econômico, além de iniciar o diálogo e a imagem de como a festa de Momo deveria ser praticada com valores modernos e civilizados, tal qual Moraes (1958) denomina como nova etapa do Carnaval carioca. A seguir, encontra-se uma das atividades dos Estudantes de Heydelberg.

ESTUDANTES DE HEYDELBERG - Continuam hoje seus folguedos carnavalescos, sem tenção alguma de mudar a posição topographica da formosa Guanabara e sem grasnarem aos ursos da livre Irlanda, percorrendo, pelas 4 horas da tarde, puchados em carros por valentes e indomaveis poneys, que não conhecem tropeços, as seguintes ruas: Alfandega, Quitanda, Sete de Setembro, Direita, Hospicio, Andradas, S. Pedro, Direita, Theophilo Ottoni, Ourives, Visconde de Inhaúma, Quitanda, Ouvidor, Theatro, Constituição, Regente e Conde, onde os estudantes descansarão para seguirem depois pelas ruas do Conde, Carioca, Uruguayana e Alfandega até seu club. A's 9 horas da noute, sahirão a pé para o theatro D.Pedro II pelas seguintes ruas: Alfandega, Quitanda, Ouvidor, Gonçalves Dias e Guarda Velha. (Diario do Rio de Janeiro, 21 Fev. 1871).

A capilaridade existente nos grupos de pessoas que compunham o contingente de uma determinada Sociedade, em um determinado ano e que, no ano seguinte, poderia ir desfilar em outra agremiação ou até criar grupos para desfilar apenas naquele Carnaval para a promoção de uma ideia ou celebração social são algumas das interpretações possíveis para o surgimento e desaparecimento de uma Sociedade no intervalo de um Carnaval para o outro, como também as brigas e respectivas dissidências (MORAES, 1958). Não se pretende, ao longo desta narrativa, abordar e classificar a interinidade desses agrupamentos no decorrer dos anos; sim, contextualizar a ação simbólica dessa manifestação e seus arranjos, tanto espaciais quanto culturais, que indicavam aumento se observado o número de grupos autorizados pelo poder público na tentativa de criar ordenamento da festa, ponto este dificultado pelo convívio

das manifestações populares e que ressalta a segregação existente nas práticas carnavalescas. Sobre o ordenamento,

[...]Não há quem ignore que o único divertimento verdadeiramente popular no Brasil é o Carnaval. Em todos os bairros desta capital reúnem-se grupos para, como luzidos prestitos, saírem à rua nos dias consagrados ao prazer e à loucura, e, a proporção que se aproximam esses dias que a humanidade esquece tristezas, esquece tudo para se atirar à folia, esses grupos fazem verdadeiros sacrifícios, já alugando carros, já mandando pintar estandartes, confeccionar fantasias, para cada um apresentar-se o melhor possível. [...] (Gazeta de Notícias, 03 Jan. 1908).

Além da efervescência das Sociedades Carnavalescas nas principais áreas do centro da cidade, esse fenômeno não passou despercebido para as áreas mais afastadas do centro como, por exemplo, a Sociedade Infante da Cidade Nova, que desde as primeiras notícias dos seus eventos e desfiles tinha destaque nos jornais assim como as Grandes Sociedades que se diferenciavam das demais, fenômeno cuja razão será abordada na próxima seção. Vale ressaltar que esses grupos se deslocavam para desfilar nos principais logradouros da área central quando realizavam eventos e, em menor magnitude, nos seus bairros de origem que quase sempre estavam em formação tanto de residentes quanto da diversificação comercial. A área central conferia que o desfile “fosse visto, admirado e saudado pelo maior número possível de pessoas” (FERREIRA, 2005, p. 99). Ações como estas originaram passeios das principais Sociedades rumo ao eixo sul da capital e reprodução das formas de brincar Carnaval, tanto no eixo sul quanto no eixo norte da cidade, nas décadas seguintes; em especial, no período compreendido em torno das reformas no começo do século XX. Abaixo é relatado um dia de Carnaval nos subúrbios cariocas:

NOS SUBÚRBIOS. O brilhantismo do dia de ontem pertenceu inquestionavelmente aos subúrbios, onde ocorreram à palmada victoria nada menos de tres prestitos carnavalescos. Desde o Engenho Novo até Cascadura, pôde-se calcular que por lá estiveram durante o dia até tarde da noite nada menos que 200.000 pessoas. Todos os prestitos foram luxuosos e extensos. O longo itinerario dos Pingas e Pepinos fez com que só se recolhessem às respectivas sedes quasi a 1 hora da madrugada. [...] Urge que a Municipalidade olhe para essas afastadas regiões, onde, como se vê, trabalha-se na labuto quotidiana e nos combates de espirito de bom gosto e graça [...] (O Paíz, 22 Fev. 1909).

3.4 As Grandes Sociedades

Ao longo dos carnavais seguintes, após 1855, outros grupos passaram a se organizar em cortejos para percorrer as ruas da cidade e chegar em segurança aos teatros onde ocorriam os bailes de máscaras, conforme foi abordado na seção anterior. Porém, torna-se necessário realizar a diferenciação entre esses grupos, pois com o passar dos anos, alguns foram considerados como Grandes Sociedades e, os demais, como Sociedades Carnavalescas. Todavia, as Grandes Sociedades também são Sociedades Carnavalescas. Estas se diferenciam enquanto entidades organizadas, apreço da imprensa e fama pela concentração de pessoas que acompanhavam seus desfiles nos dias de Carnaval, os quais Cunha (2001) classifica como “verdadeiros baluartes do Carnaval carioca” (CUNHA, 2001, p. 106). Para efeito de apresentação e amparado pela bibliografia de referência sobre o assunto, as Grandes Sociedades eram constituídas pela Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo, Club dos Fenianos e Club dos Democráticos.

Figura 16: Emblemas das Grandes Sociedades.



Fonte: Gazeta de Notícias. Declarações. ano I, n. 14, p.3. Rio de Janeiro, 14 Fev. 1875.²⁰

As demais sociedades que não atingiram o prestígio das consideradas Grandes também desfilavam e tinham seus eventos nos dias de Carnaval; porém, não tinham regularidade das suas atividades e tampouco podiam desfilar nos anos seguintes. Um fator recorrente nas Sociedades Carnavalescas era a sua composição enquanto grupo, pois isso tinha variação de um Carnaval para o outro e, da mesma forma, os grupos poderiam aparecer e desaparecer ao longo do tempo. Outro direcionamento sobre esse fato era de uma sociedade adotar um nome por um período de tempo, enquanto estava em atividade, tornar-se inativa em determinado período e retornar posteriormente. Da mesma forma, havia variações de como as sociedades eram abordadas nos jornais, onde as Grandes Sociedades e alguns grupos com certa

²⁰ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

relevância tinham destaques e, os demais, nem sempre eram citados. Cunha (2001) considera que esses grupos representavam a generalização dessa manifestação carnavalesca em busca tanto de status quanto de legitimação. O fragmento seguinte apresenta algumas dessas sociedades, em 1882:

O Club dos Políticos reuniu o limitado numero de seus estimaveis socios, que passaram em aprazível reunião, entre os rumores das dansas e as harmonias da musica, até pelas 5 horas da manhã, quando a luz do dia introduziu-se pelas salas e annunciou o fim do baile. (Gazeta de Noticias, 06 Fev. 1882).

As Grandes Sociedades, assim como as outras Sociedades rivalizavam pela atenção dos jornais e do público, conforme Cunha (2001), Ferreira (2004; 2005), Moraes (1958) e Pereira (2004). Sobre os jornais, as Grandes Sociedades divulgavam seus eventos privados, reuniões para tratar de questões internas, programação prévia dos seus passeios, assim como ora recebiam as visitas dos jornais e revistas em suas celebrações, ora tinham suas redações visitadas por esses grupos, de modo que fossem fortalecidas as relações de cortesia, ganhassem premiações ou pudessem exibir o pavilhão confeccionado para o Carnaval em questão. Já as demais Sociedades tinham por parte das redações tanto a publicação das suas atividades como também a exibição ou recebimento de seus estandartes graças aos jornais. Nesse ínterim, o público que acompanhava seus desfiles e sua respectiva concentração era fruto das espacialidades geradas por essa manifestação carnavalesca, que apresentavam variações de acordo com o tamanho do espetáculo gerado. A seguir, pode ser observada a atenção dada pelo Jornal do Brasil aos desfiles das Grandes Sociedades, em 1909:

CARNAVAL. Em homenagem às sociedades carnavalescas que se preparam para o proximo prelio da Folia, publicará domingo o Jornal do Brasil photographias dos tres grandes Clubs desta capital, empenhados em disputar a palma da victoria na Terça Feira Gorda. No numero de domingo figurarão três grupos de socios e directores das sympathicas agramações. Dos Tenentes do Diabo sahirá uma phographia tirada na festa do Grupo dos Bicudos; dos Democráticos, um grupo das praças curvadas, que são escolhidos para os carros de critica; dos Fenianos, um punhado de veteranos. (Jornal do Brasil, 12 Fev. 1909).

E as Pequenas Sociedades:

OS PRIMEIROS FOLIÕES. EM BUSCA DOS ESTANDARTES. A's 9 horas estrugiu formidoso Zé Pereira em frente ao Jornal do Brasil. Era o Grupo dos Sapinhos de Ouro, que veio buscar seu riquíssimo estandarte, o qual estava exposto no salão da nossa folia. A' sahida, o estandarte foi cumprimentado pelo nosso

pavilhão. - A's 9 1/2 horas da noite, uma comissão do Club Estrella do Engenho Velho, precedido de uma excellente banda de musica, veio ao Jornal do Brasil buscar o seu esplendido estandarte que também estava exposto no nosso salão. (Jornal do Brasil, 18 Fev. 1901).

A denominação do termo Grandes Sociedades em detrimento dos outros grupos que se configuraram como Sociedades Carnavalescas foi fruto da organização, história, registro, relevância e manutenção das suas práticas ao longo dos anos e coexistência com outras manifestações carnavalescas que se desenvolveram nas ruas do Rio de Janeiro durante os dias de Momo. O presente texto não pretende relegar as outras Sociedades com menor importância ou prestígio em relação ao que as Grandes Sociedades produziam, de modo que essa manifestação foi reconhecida como o Carnaval, ou grande Carnaval, fato discutido nas seções anteriores, através da sua mensagem, organização, rito, ritual e forma simbólica pronunciada no espaço da capital federal. Em suma, o uso desse termo refere-se apenas à escala empregada no estudo das Sociedades e não tem a pretensão de não conferir a relevância que as Sociedades Carnavalescas, em sua totalidade, têm para a história e espacialidade do Carnaval da cidade do Rio de Janeiro. O trecho seguinte exemplifica o porquê do nome Grandes Sociedades:

[...] Entretanto, cumpre confessar que os Democraticos, Fenianos e Tenentes são justamente dignos da gloriosa reputação que lhe dispensa o publico, reputação adquirida pelo espirito sutil de suas idéas, pelo apparatus grandioso de seus prestitos. Margeando as correntes modernas, substituíram as cavalgadas numerosas, os carros de mascarar, a mascarada geral, os personagens disfarçados, pelas suas custosas bandas de musica, pelas allegorias de porta-estandarte, pelos carros de idéas, cada qual mais espirituoso e original, ou mais rico. Debaixo das rodas d'esses carros, ficaram esmagados os arlequins, os polichinellos e outros typos, que outr'ora tanto nos divertiam. [...] (Gazeta de Notícias, 22 Fev. 1887).

3.4.1 Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo

Os Tenentes do Diabo tem registro do seu primeiro desfile em 1867. Moraes (1958) afirma que essa sociedade surgiu em 1855. Esse fato possibilita interpretar que os sócios do *Congresso das Summidades Carnavalescas* migraram e foram construindo os Tenentes ao longo dos anos, conforme a argumentação desta autora, tendo seu processo de formação entre os anos de 1855 e 1867. No decorrer desses anos, temos a formação da Euterpe Comercial e dos Zuavos Carnavalescos como dissidências entre membros originários do *Congresso das Summidades Carnavalescas* (MORAES, 1958). Sobre a formação dos Tenentes, ainda,

Pereira (2004) apresenta um contraponto. Para este autor, os Tenentes assumiram esse nome em 1872. Nos anos anteriores, eles desfilavam como a Euterpe Comercial e eram descendentes dos antigos Zuavos Carnavalescos. Abaixo, segue o trecho de notícia sobre os primeiros bailes dos Tenentes do Diabo, em 1867:

THEATRO LYRICO FLUMINENSE. BAILES MASCARADOS. Acham-se promptos todos os vastíssimos salões deste theatro para os bailes do carnaval dos dias 3 e 5 do corrente. Amanhã publicar-se-ha os programmas da ordem dos bailes e das bem conceituadas sociedades carnavalescas, BOHEMIOS, CLUB CHROMATICO, TENENTES DO DIABO, CLUB X, ESTUDANTES DE HEYDELBERG E G.F. (Diario do Rio de Janeiro, 02 Mar. 1867).

O nome Tenentes do Diabo é adotado após integrantes da Euterpe Comercial apagarem um incêndio em 1865, o que Reis (2012) afirma ter sido o batismo de fogo dos integrantes dessa sociedade. As Grandes Sociedades tinham elementos de identificação baseados nos seus apelidos, cores do estandarte e nos nomes das suas sedes, que será abordado posteriormente nesse artigo. Estes elementos foram caracterizados pela bibliografia de Carnaval que será tratada em momento oportuno. O apelido dos Tenentes era o de Baetas, através das abordagens de Moraes (1958) e Ferreira (2005). Moraes (1958) afirma que este nome era como o diabo era conhecido em Portugal por conta das suas roupas vermelhas, e o desenho desse ser está presente no estandarte do clube junto com a cor vermelha, outro elemento de caracterização da sociedade. Para Ferreira (2005), Baetas são “um tipo de pano rústico usado para fazer cobertores baratos”. (FERREIRA, 2005, p.172). No que diz respeito às cores do seu estandarte, estas eram vermelha e preta (FERREIRA, 2005). Na figura 17 encontra-se parte dos sócios, em 1909.

Figura 17: Sócios dos Tenentes do Diabo em 1909.



Fonte: Jornal do Brasil. As Sociedades Carnavalescas. Ano XIX, n. 45, p.14. Rio de Janeiro, 14 Fev. 1909. ²¹.

A sede dos Tenentes do Diabo era chamada de Caverna. A organização dos préstitos carnavalescos e dos demais eventos era feita pela direção eleita para o Carnaval daquele determinado ano. As eleições desses cargos de direção ocorriam entre os sócios em assembleias destinadas para este fim. Os demais eventos eram os bailes familiares, festas temáticas e outras diversas manifestações, com o propósito de levantar fundos para a confecção dos desfiles, manutenção da sede, causas sociais que configuravam a existência das sociedades enquanto grupo de convivência social e familiar, como também a presença de colonistas dos jornais e literatos da época (PEREIRA, 2004). No caso dos Tenentes, eram famosos os bailes e banquetes com temas diversos que variavam de ano a ano.

Os Tenentes do Diabo também tinham outras formas de angariar fundos para cumprir os seus ideais e seu pleno funcionamento. Os ideais que permeavam o pensamento dos Baetas

²¹ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

tinham forte cunho crítico às decisões políticas, tomadas pelo governo imperial da época (CUNHA, 2001). Uma dessas formas era a passagem do livro de contribuição dos sócios, o chamado “livro de ouro”. Esses livros de ouro tinham a função de controle das contribuições, como também a garantia de participação dos sócios nos eventos elencados no parágrafo anterior. Outra forma de angariar fundos era a existência de pequenos grupos formados por interesses em comum, como sair juntos ao longo dos desfiles de Carnaval. Cita-se como exemplo o Grupo dos Kéles, que foi um dos principais grupos dos Tenentes, e produziam eventos independentes dos demais organizados pela direção da sociedade. Isso demonstra que a capilaridade que formou a unidade das sociedades também existia no interior das mesmas. A capilaridade das sociedades pode ser interpretada como uma territorialidade através da expressão de um comportamento vivido dentro das práticas realizadas pelas sociedades. Uma exemplificação desses grupos está elencada em:

GRUPO DOS KÉLES dos TENENTES DO DIABO. A borboleta caminha p'ra luz!
Os Kéles aborrecem as trevas. Que prazer!!! Que alegria!!! Que bom!!! KÉLES.
Correi! Voai! Tudo vos sauda. Os sorrisos, os bravos, o bom, o bello, tudo vos
chama. Eia, pois avante, sempre AVANTE! Não morre quem sempre soube viver!
Enquanto o resto... Coisa... E mosca ... KÉLES DE 29 A 69. (Gazeta de Notícias, 29
Jan. 1881).

3.4.2 Club dos Fenianos

O processo de formação do Club dos Fenianos ocorre da dissidência de sócios das Sociedades Infantes do Diabo e da Euterpe Comercial. O processo de formação da Euterpe também deu forma para essa sociedade, além dos Tenentes. Já os Infantes são formados por dissidências da União Veneziana e dos Zuavos Carnavalescos. Esse encadeamento que deu surgimento aos Fenianos pode ser encontrado ao longo da exposição de Moraes (1958) em seu livro. Pereira (2004) diverge de Moraes (1958) em relação à data de fundação e ao processo de formação dos Fenianos. Diz que “já o Clube dos Fenianos, uma dissidência dos Tenentes, apareceu em 1872” (PEREIRA, 2004, p.117). Entretanto, a primeira menção a essa sociedade, nos jornais, data de 1870 e está relatado a seguir:

[...] Uma nova sociedade, Club dos Fenianos, foi das mais elegantes que apareceram nas ruas e no teatro. Os Fenianos fizeram o seu passeio em carros ornados, levando à sua frente o seu formoso estandarte e uma banda de música fantasiada. [...] (Diario do Rio de Janeiro, 28 Fev. e 1º Mar. 1870).

O nome Fenianos tem referência aos “soldados fenianos irlandeses católicos que, de 1865 a 1869, lutaram para libertar-se do jugo inglês” (MORAES, 1958, p. 63). Se intitulavam como Gatos, um apelido para sua promoção e conhecimento popular e tinham as cores vermelho e branco na composição do seu estandarte (FERREIRA, 2005). Moraes (1958) afirma que o apelido de Gatos estava relacionado aos apelidos das Sociedades Tenentes do Diabo e Club dos Democráticos. O Club dos Democráticos tinha como apelido uma referência a uma espécie de peixe que, na cadeia alimentar, torna-se alimento natural dos gatos. Nos Tenentes do Diabo, por sua vez, a sua relação se dá porque o diabo, conhecido como Baeta, espeta o gato com o seu tridente (artifício de ferro com três pontas pontiagudas), conforme Moraes (1958). Na figura 18 está parte dos sócios, em 1909.

Figura 18: Sócios do Club dos Fenianos, em 1909.



Fonte: Jornal do Brasil. As Sociedades Carnavalescas. Ano XIX, n. 45, p.14. Rio de Janeiro, 14 Fev. 1909. ²².

²² Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

A sede dos Fenianos era conhecida como Poleiro e seu funcionamento ocorria de forma semelhante aos Tenentes e aos Democráticos, no âmbito de preparar os desfiles de Carnaval e demais eventos que, conforme indicado por Cunha (2001), mantinham funcionários fixos durante todo o ano. Vale ressaltar que havia a concentração desses eventos nos meses anteriores ao Carnaval, logo depois da virada do ano – janeiro, fevereiro e março. A definição dos meses de evento era pautada de acordo com os dias de Carnaval no ano seguinte e, assim, era feito o planejamento, anúncio e realização dos mesmos. No que diz respeito às festas organizadas pelos Fenianos, os temas variavam de ano para ano, porém ficaram famosas as Festas da Jamaica e os Forrobodós, em que a galhofa e o luxo eram presenças confirmadas.

Além das contribuições arrecadadas pela passagem do livro de ouro, era necessário que houvesse outras festas para a preparação do Carnaval, como também para a celebração do viver em sociedade e estabelecimento de novas relações sociais. Outras formas de angariar fundos para a realização dos eventos era a divisão dos Fenianos em diversos agrupamentos menores, semelhantes ao processo de capilaridade que formou os Tenentes. No que diz respeito aos Gatos, os principais grupos eram os Grupos dos Cometas e dos Esguios. Sobre as festas temáticas, um fragmento é apontado em:

CLUB DOS FENIANOS. HOJE. DOMINGO 29 DE JANEIRO. GRANDE Forrobódó Guisado com ZZ e SS. Caturrita – 1º Secretario. Entrada com recibo de Janeiro. As comissões de guardas de honra acham-se todas as noites no Poleiro, das 7 às 11 horas. QUARTA-FEIRA 1º DE FEVEREIRO. Enorme Baile a Fantazia. Grande Sorpresa. (Gazeta de Notícias, 29 Jan. 1888).

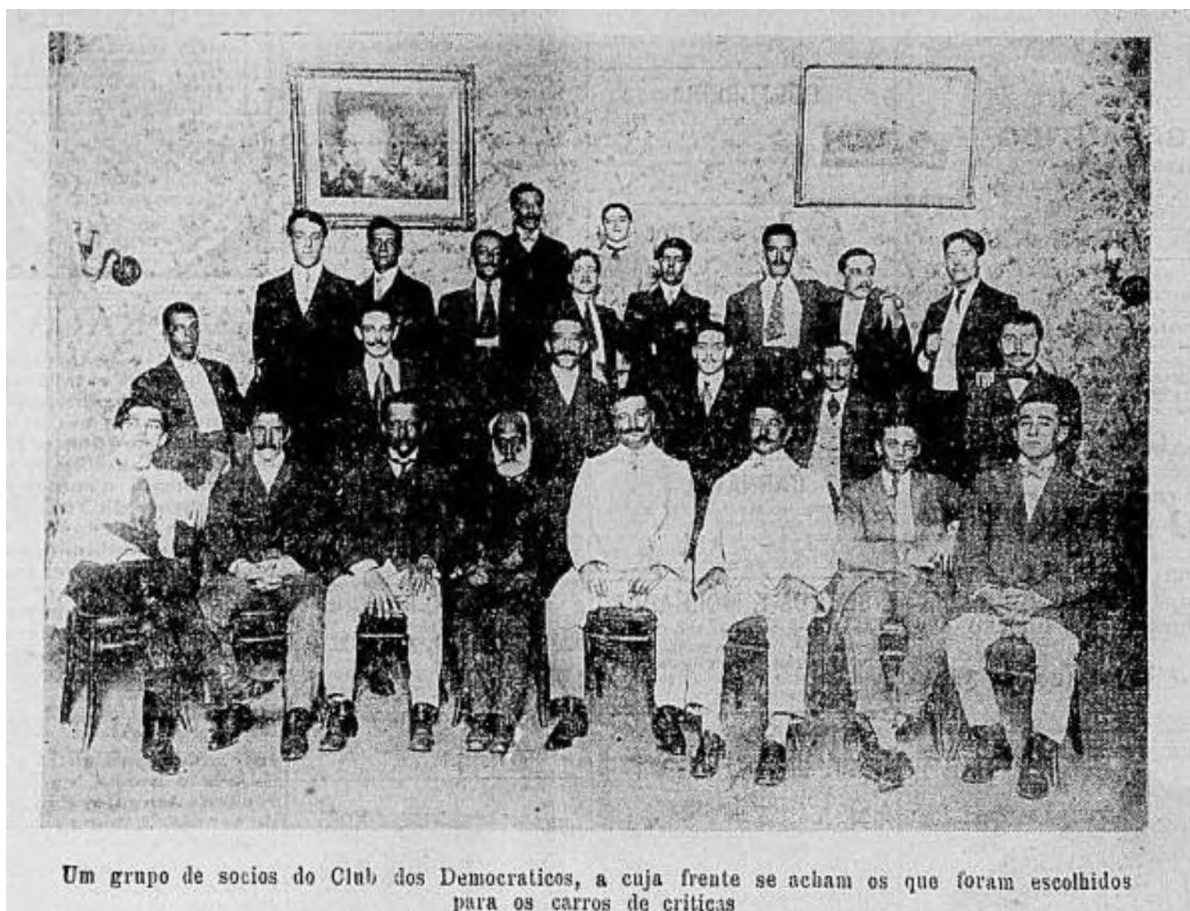
3.4.3 Club dos Democráticos

A criação do Club dos Democráticos apresenta diferenças em relação ao que ocorreu com os Tenentes do Diabo e Fenianos. Moraes (1958) narra que a fundação desta sociedade ocorreu por acaso, onde um grupo de rapazes se organizou para desfilar no Carnaval; porém, a captação de recursos foi aquém da necessária, levando-os a apelar para uma loteria e, caso saíssem vitoriosos, “organizariam um clube, cujo fim seria festejar o Carnaval” (MORAES, 1958, p.61). Esse fato ocorreu em 1867 e serviu como base para a formação dessa sociedade. Vale ressaltar que durante o levantamento e catalogação das notícias de jornal, as primeiras menções aos Democráticos ocorreram nos anos seguintes, conforme o seguinte fragmento:

Ante-hontem a affluencia do povo pelas ruas, competentemente embandeiradas e ornadas para os festejos carnavalescos, foi enorme. As conhecidas sociedades Club X, Tenentes do Diabo, Estudantes de Heydelberg, Zuavos, Inimitaveis Carnavalescos, Democraticos, e as novas Club dos Fenianos e Kagados Carnavalescos, saíram a passeio a pé e a carro. (Diario do Rio de Janeiro, 28 Fev. e 1 Mar. 1870).

Como ocorreu com os Tenentes e com os Fenianos, os Democráticos também tinham elementos de identificação, como o seu apelido e o seu estandarte. Eram chamados de Carapicus, com uma origem muito peculiar que fomentou a rivalidade com os Gatos (Fenianos) e os Baetas (Tenentes do Diabo). Carapicu é uma espécie de peixe comum no litoral brasileiro (FERREIRA, 2005). Essa alcunha formava a “cadeia alimentar”, se assim pode-se dizer entre as sociedades, pois os Gatos são as espécies dominantes dos Carapicus e, por sua vez, os Beatas derrotavam os Gatos ao serem espetados por sua tridente de três pontas (MORAES, 1958). No que diz respeito ao estandarte, este era composto pelas cores preta e branca (FERREIRA, 2005). Na figura 19, de forma concomitante aos Tenentes e Fenianos, estão retratados parte dos sócios, em 1909.

Figura 19: Sócios do Club dos Democráticos, em 1909.



Fonte: Jornal do Brasil. As Sociedades Carnavalescas. Ano XIX, n. 45, p.14. Rio de Janeiro, 14 Fev. 1909.²³

A sede dos Democráticos era conhecida como Castelo. Semelhante ao que ocorreu com os Tenentes e Fenianos, o Castelo teve mais de uma sede em sua história. A organização das atividades para o Carnaval tem processo semelhante às formas de arrecadação de fundos que os Tenentes e os Fenianos faziam. Esta arrecadação tinha como objetivo a sobrevivência das sociedades e também era utilizada para outros destinos com caráter social como, por exemplo, a compra de carta de alforria de africanos escravizados (PEREIRA, 2004). Além da mensalidade cobrada via arrecadação do livro de ouro, eram comercializados os ingressos para as festividades da sociedade, como festas temáticas e os bailes dançantes. Esses eventos ocorriam em preparação do espírito e ânimo de seus sócios para os dias de Carnaval que estavam próximos ou para recordar os dias de momo que se passaram.

²³ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

Outro aspecto da realização dessas reuniões era a comunhão de viver em sociedade com o fortalecimento e criação de novas relações sociais. As festas variavam de tema para cada Carnaval que se aproximava; porém, as mais famosas foram os Fandangoassú e os Prelúdios. Entende-se que as festas são formas de combinações técnicas e sociais com o Carnaval, como também ocorria nos desfiles. Os Carapicus eram compostos por diversos grupos menores, reafirmando a ideia dos processos de capilaridade que constituíam as Sociedades como também formas de arrecadação de dinheiro. No caso dos Democráticos, seus principais grupos eram os dos Bandanas e dos Basílios. Abaixo, é relatado o anúncio de uma das diversas festas temáticas dos Carapicus:

D.C. Sabbado, 23 de Janeiro. 3º PRELUDIO GRANDIOSA SURDINA em diapson agúdo para instrumentos de sopro. D. Panfilio, 1º secretario. Os cartões de ingresso para este deslumbrante festival podem ser procurados pelos Srs. socios possuidores do recibo de janeiro. [...] (Gazeta de Notícias, 21 Jan. 1882).

3.5 Das práticas carnavalescas no espaço da cidade

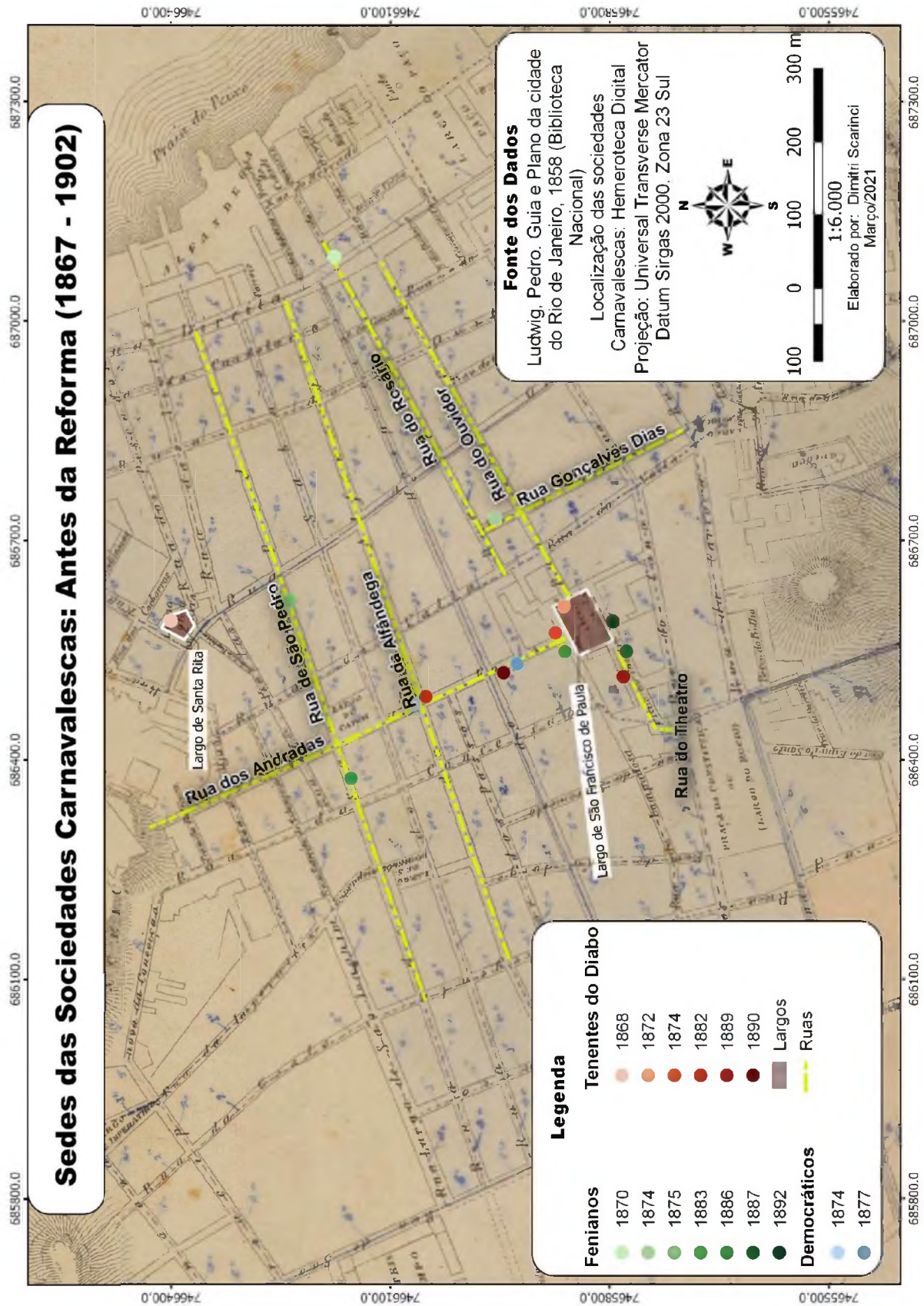
As atividades das Grandes Sociedades incorporaram-se ao cotidiano da cidade em duas frentes: eventos internos e eventos externos. Ambos os eventos formaram a identidade dessa manifestação carnavalesca e propagaram o conceito de Carnaval a ser praticado e que ganhou novas características com o passar dos anos. Esses eventos eram famosos pelo luxo e elegância característicos, tanto na ornamentação dos lugares onde ocorriam como também para os presentes nessas festividades. Todavia, essas comemorações não ocorriam apenas nas sedes das Grandes Sociedades, mas também em sedes de outros grupos, salões privados e interior dos teatros. Cunha (2001) faz a diferenciação entre os eventos públicos nos teatros mediante o pagamento de ingressos e nas suas sedes e salões privados em que ocorriam eventos para menor público.

A existência das sedes serviam, principalmente, como formas inscritas tanto fisicamente quanto cotidianamente no Rio de Janeiro, reconhecidas pelo luxo em seus eventos, segundo Cunha (2001). As sedes tinham como objetivo a organização das atividades para o Carnaval, cujo financiamento e viabilização foram descritos anteriormente neste capítulo. Outro uso para as sedes eram os eventos que ocorriam ao longo do ano, concentrados nas semanas anteriores ao Carnaval. Essas edificações também representavam local de encontro e convivência social com atividades diversas para o bem-estar dos seus sócios. Outra significação desses locais era o caráter social das campanhas assistencialistas

promovidas, como doações de quantias dos eventos para ações filantrópicas como auxílio para asilos, orfanatos, compras de carta de alforria, entre outros usos (PEREIRA, 2004). As mudanças dos endereços era apenas de ordem prática para atender as necessidades atuais das Sociedades ou reconstrução após incêndios ou reflexo das diversas obras viárias e estéticas na área central, que podem ser visualizadas nas figuras 20, 21 e 22. O relato a seguir aborda a mudança e primeiros eventos em uma nova sede dos Fenianos:

Os Fenianos, apenas descansados da mudança, deram no seu bello e novo Poleiro, um baile que deu no Largo da Sé o mais alto rebate. Foi realmente uma brilhante festa. O edificio estava prodigamente illuminado tanto por dentro como por fora, e muita alegria animava ainda o grande salão. Foi muito applaudida a ideia da sessão de posse, allusão à dos vereadores. Distribuiram-se depois o Periquito e o Basculho, obtendo o mais provado successo à lauta e beatifica ceia, servida aos socios e convidados. (Revista Illustrada, n. 331, 1883).

Figura 20: Espacialização das sedes das Grandes Sociedades antes das Reformas.



Fonte: O autor, 2021.

Pela visualização permitida na figura 20, as sedes da Caverna migraram 6 vezes entre o surgimento dos Tenentes até o início das reformas. A primeira sede era localizada no Largo de Santa Rita n. 12 e foi noticiada na Gazeta de Notícias de 16 de fevereiro de 1901²⁴. Após isso, a Caverna esteve localizada na Rua Sete de Setembro n. 33, conforme a notícia de 06 de novembro de 1868 do Jornal do Commercio²⁵. Já a terceira sede data do ano de 1871 e estava localizada na Rua dos Andradas n. 29 publicada em 17 de setembro de 1871 no Diário do Rio de Janeiro²⁶. A quarta sede está na Rua da Carioca e foi mencionada no O Paiz de 3 de março de 1889²⁷, considerada como sede provisória devido a um incêndio que interrompeu as atividades na sua sede atual. Após a quarta sede, a Caverna retornou para a Rua dos Andradas para o funcionamento das suas atividades para o carnaval seguinte e por ali permaneceu, conforme notícia de 16 de fevereiro de 1901 da Gazeta de Notícias²⁸.

Já as sedes do Poleiro seguiram por 7 endereços pelo centro da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro endereço que foi na Rua do Rosário n. 42 e na Rua do Hospício n. 11 está noticiado em 15 de outubro de 1870 no Diário do Rio de Janeiro²⁹. A próxima sede localizou-se na Rua Gonçalves Dias, n. 78 conforme a notícia de 15 de fevereiro de 1874 do Diário do Rio de Janeiro³⁰. O terceiro endereço foi do ano de 1876 na Rua de São Pedro, n. 89, conforme um fragmento do Diário do Rio de Janeiro de 28 e 29 Fev. 1876³¹. Em 1883, o Poleiro foi instalado nos arredores do Largo de São Francisco de Paula, o Largo da Sé, de acordo com a Revista Illustrada, n. 331³². A penúltima sede marcou o retorno dessa Sociedade à Rua de São Pedro em 1886, fato este relatado na Gazeta de Notícias de 09 de

²⁴ [...] Desde a sua fundação, a Sociedade Euterpe Commercial Tenentes do Diabo funcionou no predio do largo de Santa Rita n. 12 (Gazeta de Notícias, 16 Fev. 1901).

²⁵ Euterpe Commercial Tenentes do Diabo – Rua Sete de Setembro, n. 33 [...] (Jornal do Commercio, 06 Nov. 1868).

²⁶ [...] se effectuará a mudança dessa sociedade para a rua dos Andradas, n. 29 [...] (Diário do Rio de Janeiro, 17 Set. 1871).

²⁷ [...] O prestito começará a desfilar ás 3 horas da tarde. Formará em frente á CAVERNA. Itinerario: Carioca, Uruguayana [...] Theatro e Caverna. O 1º Secretario, CACIQUE. (O Paiz, 03 Mar. 1889).

²⁸ [...] Caminharam os Tenentes de victoria em victoria até que na madrugada de 18 de janeiro de 1889 o pavoroso incêndio a que acima alludimos devorou o edificio da Caverna [...] em 25 de janeiro do anno seguinte reedificado o predio, reapareceram os Tenentes em um estupendo baile [...] denominado Restauração da Caverna [...] (Gazeta de Notícias, 16 Fev. 1901).

²⁹ Club dos Fenianos. A contar de hoje a residencia deste club é à rua do Rosario n. 42 (e do Hospicio n.11) [...] (Diário do Rio de Janeiro, 15 Out. 1870).

³⁰ Club dos Fenianos. Os membros desta sociedade sahirão hoje incorporados e phantasiados do seu salão à rua Gonçalves Dias n. 78 pelas 6 1/2 da tarde. [...] (Diário do Rio de Janeiro, 15 Fev. 1874).

³¹ Club dos Fenianos. Esta sociedade sahirá hoje, incorporada e phantasiada partindo o prestito carnavalesco do edificio do club, a Rua de S. Pedro n. 89 as 4 1/2 da tarde. [...] (Diário do Rio de Janeiro, 28 e 29 Fev. 1876).

³² Os Fenianos, apenas descansados da mudança, deram no seu bello e novo Poleiro, um baile que deu no Largo da Sé o mais alto rebate. [...] (Revista Illustrada, n. 331, 1883).

março de 1886 ³³. A próxima sede teve seu endereço na Rua do Teatro n. 35, segundo a Revista Illustrada, n. 455 de 1887 ³⁴. Por fim, a última sede data de 1892, localizada na Travessa de São Francisco de Paula, n. 22, presente na Gazeta de Notícias de 22 de outubro de 1892 ³⁵.

Ao longo do período anterior as intervenções, as sedes do Castello foram a que menos tiveram mudanças de endereço se comparadas com as sedes da Caverna e do Poleiro respectivamente. De acordo com jornais, o Castello teve seus endereços muito próximos quando mudou do primeiro para o segundo, como também pode ser observado no mapa acima. O primeiro endereço foi na Rua da Alfândega nas proximidades com a Rua dos Andradas de acordo com o fragmento de notícia de 17 de fevereiro de 1874 do Diário do Rio de Janeiro ³⁶. Já o segundo, era na esquina da Rua dos Andradas com a Rua da Alfândega, onde situava a Rua dos Andradas como localização da sede, conforme apresentado nas notícias de 20 de julho de 1878 do Diário do Rio de Janeiro, de 13 de fevereiro de 1877 ³⁷.

³³ [...] AVISO – Os Srs. socios que fazem parte do prestito, devem achar-se devidamente preparados às 2 horas em ponto na casa da rua S. Pedro, contígua a Camara Municipal. [...] (Gazeta de Notícias, 09 Mar. 1886).

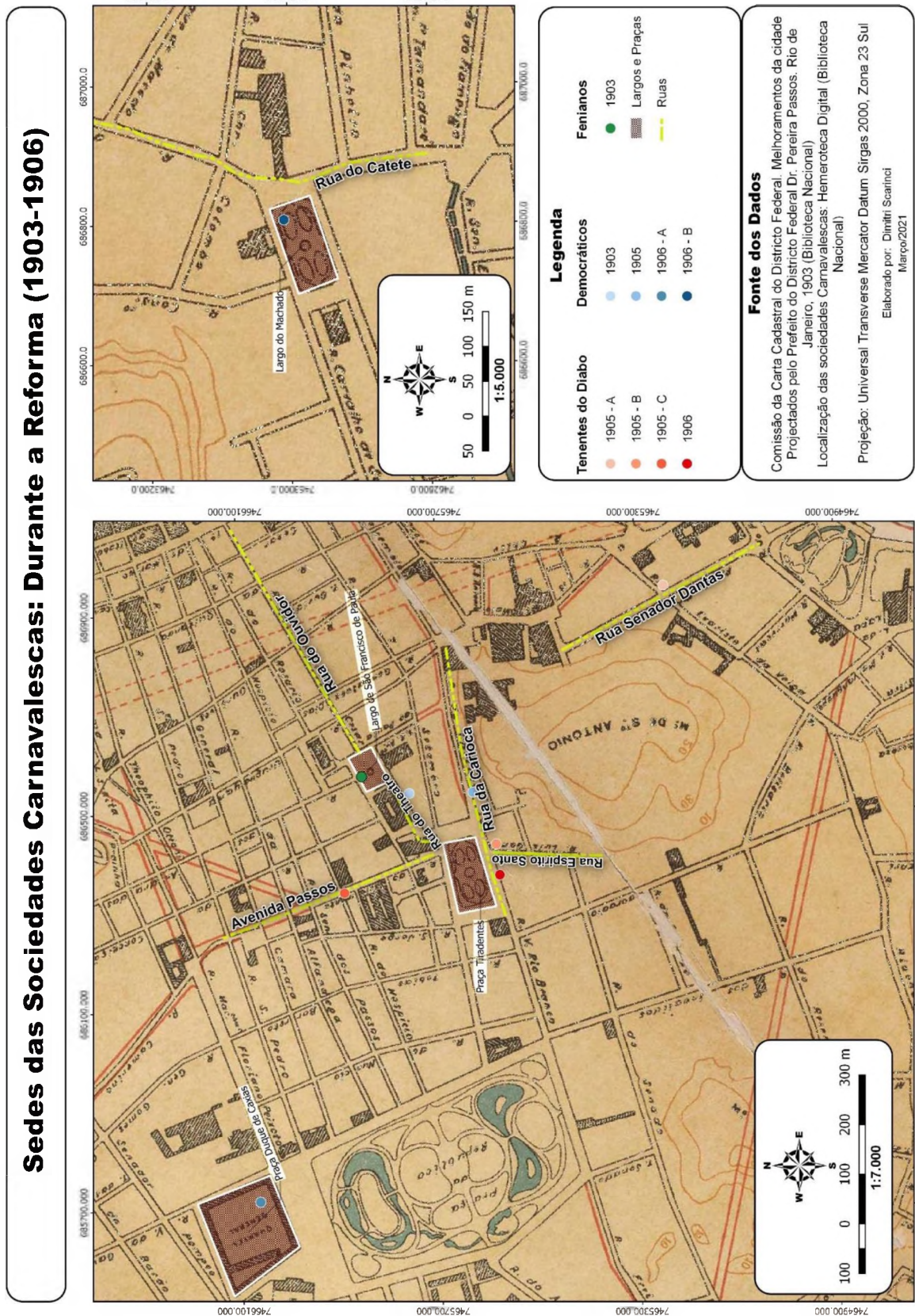
³⁴ Fenianos. Estes, no seu novo e confortável Poleiro da rua do Theatro fizeram o diabo [...] (Revista Illustrada, n. 455, 1887).

³⁵ Club dos Fenianos. AVISO. Este club mudou a séde do edificio da Rua do Theatro n. 35 para o palacete da Travessa de São Francisco de Paula n. 22. A. Pereira – Secretrario. (Gazeta de Notícias, 22 Out. 1892).

³⁶ [...] seguirão o seguinte itinerario: Castello, Alfandega [...] Lampadosa, Andradas para o Castello [...] Sahindo novamente do Castello pela rua da Alfandega [...] (Diário do Rio de Janeiro, 17 Fev. 1872).

³⁷ Club Thalia. A reunião de installação terá lugar domingo 21 corrente, ao meio dia, no salão do Club dos Democraticos, na Rua dos Andradas esquina com a Rua da Alfandega. [...] (Diário do Rio de Janeiro, 20 Jul. 1878).

Figura 21: Espacialização das sedes das Grandes Sociedades durante as Reformas.



Fonte: O autor, 2021.

Durante o período em que a cidade passava pelas intervenções em seu sítio urbano, as sedes dos Tenentes tiveram 4 sedes que refletiram a reformulação da sociedade após o hiato após o carnaval de 1902 e o retorno das suas atividades em prol do carnaval de 1905. Com isso, a Caverna teve 3 sedes somente no ano de 1905 e reflete essa transitoriedade do Clube até voltar a contar com a organização de antes. O primeiro endereço foi na Rua Senador Dantas n.52, conforme notícias de 30 de janeiro de 1905 do Jornal do Brasil ³⁸ e 14 de fevereiro de 1905 do O Paiz ³⁹. Posteriormente a esse endereço, os sócios da Caverna ocuparam o endereço localizado na Rua Espírito Santo n.2, indicado em 02 de Março de 1905 pela Gazeta de Notícias ⁴⁰. O terceiro endereço ficava localizado na Avenida Passos n. 57, conforme notícia do Correio da Manhã de 26 de Abril de 1905 ⁴¹. A última sede se encontrava na Praça Tiradentes, n. 31, segundo o Jornal do Brasil de 1º de Junho de 1906 ⁴².

Outra sociedade que passou por alterações de endereço foram os Democráticos. Entretanto, os Gatos mantiveram suas atividades sem interrupções, porém, ocorreram mudanças de endereço que foram no total de 4, inclusive com um endereço fora da região central, tal qual reflexo da expansão e crescimento do Rio de Janeiro. A primeira sede data do ano de 1903 na rua do Teatro, segundo o Jornal do Brasil de 15 de Agosto de 1903 ⁴³. A próxima mudança de endereço foi em 1905 para a rua da Carioca, n.73 descrito em 09 de Julho de 1905 no Correio da Manhã ⁴⁴. O terceiro endereço informado foi em 1906 na Praça Duque de Caxias, n. 17/19 informado pelo Jornal do Brasil em 10 de Abril de 1906 ⁴⁵. No

³⁸ [...] Convidamos os antigos socios da S.E.C. Tenentes do Diabo e demais senhores que queiram se inscrever como socios do Club Tenentes do Diabo a comparecerem na terça-feira, 31 de janeiro às 8 horas da noite, na séde do Club União Comercial, á rua Senador Dantas n.52, gentilmente cedida pela sua digna directoria [...] (Jornal do Brasil, 30 Jan. 1905).

³⁹ Club Tenentes do Diabo. O proximo carnaval ja conseguiu fazer resurgir das proprias cinzas uma das sociedades que mais triumphos e applausos conquistou nas lides carnavalescas. [...] A sua séde provisoria é á rua Senador Dantas n.52 [...] (O Paiz, 14 Fev. 1905).

⁴⁰ T.D. Club Tenentes do Diabo. Séde - Rua Espírito Santo, 2. Carnaval de 1905. Sabbado, 4 de março. Oblação flammante a' folia - Imponente Baile á Fantasia [...] (Gazeta de Notícias, 02 Mar. 1905).

⁴¹ [...] após o descanço do Carnaval, depois daquella apresentação ao povo carioca e de recolher os louros na terça-feira gorda, inauguraram no sabbado da Alleluia o seu novo edificio, o palacete Leque á Avenida Passos n.57 [...] (Correio da Manhã, 26 Abr. 1905).

⁴² T.D. Club Tenentes do Diabo. Este Club acha-se provisoriamente installado na praça Tiradentes n.31 [...] (Jornal do Brasil, 1º Jun. 1906).

⁴³ [...] Transferida para elegante predio na rua do Theatro a séde do Club dos Democraticos, abre este pela primeira vez hoje seus astos salões [...] (Jornal do Brasil, 15 Ago. 1903).

⁴⁴ Club dos Democraticos. Sede Provisoria - 73, Rua da Carioca, 73. Communico aos srs. socios que por força de mandato judicial para entrega do predio em que funcionavamos, por ter o mesmo que entrar em obras immediatamente, fomos obrigados a mudar a nossa séde social provisoriamente para á rua e numero acima. (Correio da Manhã, 09 Jul. 1905).

⁴⁵ Club dos Democraticos. Séde: Praça Duque de Caxias ns. 17 e 19. Hoje - Sabbado, 10 de Fevereiro de 1906 - Grande e pomposo baile á fantasia. [...] (Jornal do Brasil, 10 Fev. 1906).

mesmo ano, 1906, a sede dos Gatos foi transferida para o Largo do Machado para além da área central, conforme o Jornal do Brasil em 29 de Dezembro de 1906 ⁴⁶.

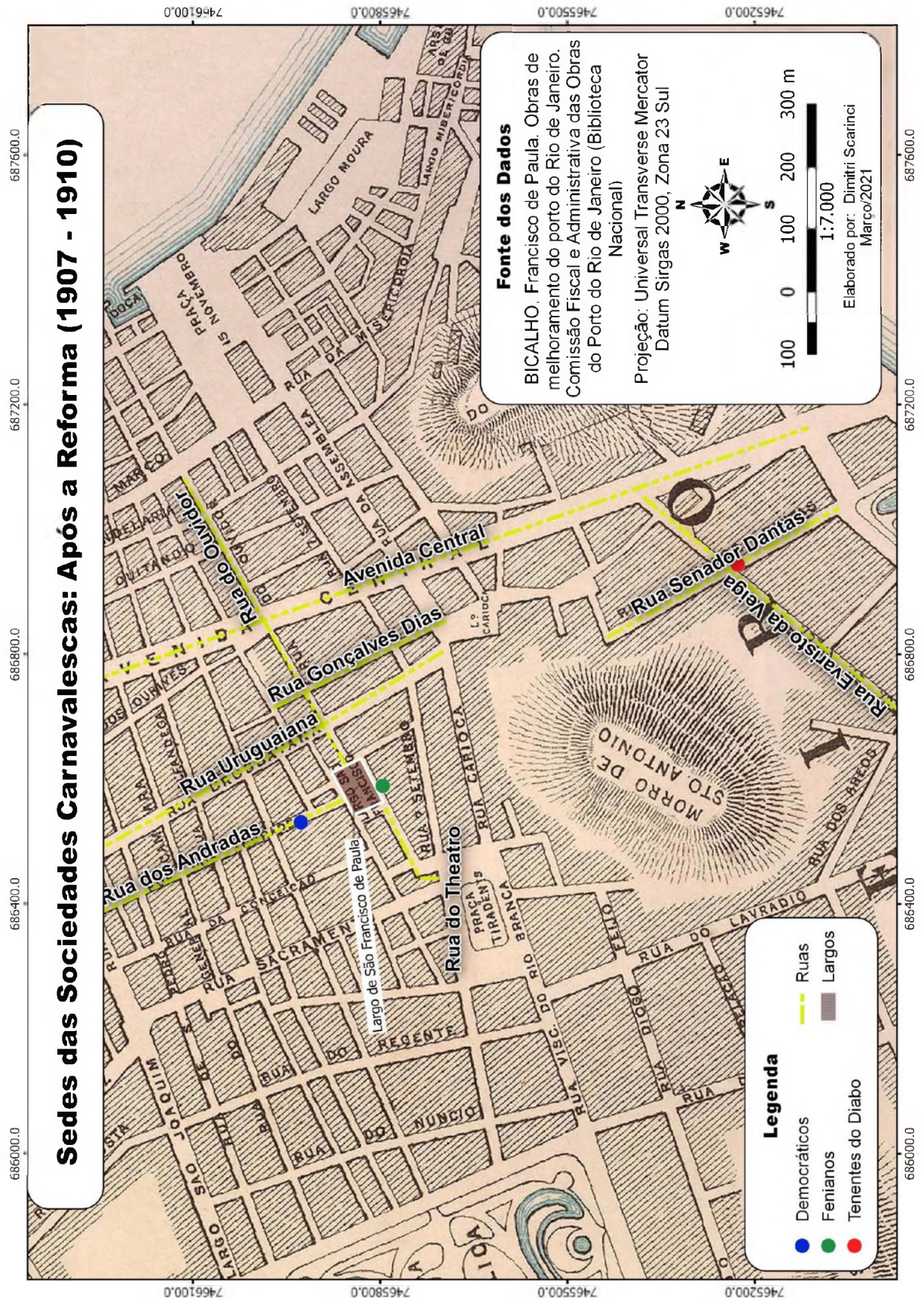
Diferentemente do que ocorreu com os Gatos e os Baetas, os Carapicus mantiveram sua sede na Travessa de São Francisco de Paula, n.2, endereço desde antes das intervenções na área central do Rio de Janeiro. Esse logradouro está sinalizado nos fragmentos de notícias de 10 de Março de 1905 da Gazeta de Notícias ⁴⁷ e de 16 de Março de 1906, também da Gazeta de Notícias ⁴⁸. Através da comparação entre as outras duas Grandes Sociedades, os Fenianos mantiveram certa regularidade em suas ações ao longo do ano e dos eventos em torno dos festejos de Carnaval, uma vez que mudanças, instalações, reorganizações entre outros aspectos não faziam parte do seu cotidiano em meio aos barulhos e transtornos das obras, inseridas no cotidiano da cidade entre os anos de 1902 a 1906.

⁴⁶ Democaticos. Os valentes Democraticos, os velhos carnavalescos que têm o seu Castello no largo do Machado, preparam para o ultimo dia do anno uma soberba passeata [...] (Jornal do Brasil, 29 Dez. 1906).

⁴⁷ Alta novidade em Mitaines [...] para theatros e bailes, todos recebidos directamente da Europa, na casa de A. Gomes, á travessa de S. Francisco de Paula n. 2 A, debaixo do CLUB DOS FENIANOS. (Gazeta de Notícias, 10 Mar. 1905).

⁴⁸ [...] o Club dos Fenianos illuminou a fachado do seu edificio á travessa de S. Francisco de Paula, com as lampadas incandescentes que lhe formam o nome, na sua sacada. [...] (Gazeta de Notícias, 16 Mar. 1906).

Figura 22: Espacialização das sedes das Grandes Sociedades após as Reformas.



Fonte: O autor, 2021.

Em contraponto aos mapas de antes e durante as reformas, as sedes das Grandes Sociedades após as intervenções passaram a estabelecer suas sedes no mesmo endereço, ao contrário da itinerância que era observada até então. Os Tenentes tem a sua caverna localizada na rua Senador Dantas, n.52, conforme relata O Paiz de 10 de Fevereiro de 1907⁴⁹ e pelo Correio da Manhã de 03 de Novembro de 1907⁵⁰. Por sua vez, o Poleiro dos Fenianos se manteve na travessa de São Francisco de Paula, n.2, segundo a Gazeta de Notícias de 29 de Janeiro de 1908⁵¹ e O Paiz de 16 de Maio de 1908⁵². Já os Democráticos estabeleceram endereço na rua dos Andradas, n.25, conforme notícias do Jornal do Brasil de 1º de Dezembro de 1907⁵³ e do Correio da Manhã de 07 de Dezembro de 1907⁵⁴. Em suma, o período após a Reforma pode ser interpretado com a manutenção do endereço do Poleiro, a itinerância e permanência da Caverna na área central e o regresso do Castelo para o centro do Rio de Janeiro.

Se os encontros eram recorrentes a fim de manter os vínculos sociais das famílias que compunham os quadros das agremiações, esses eventos não estavam limitados ao espaço físico da sede. Com a incorporação de novos hábitos, como a ressignificação do uso das praias e a abertura de ligações com as áreas longínquas, ora por trem, ora pelo transporte rodoviário, novas áreas passaram a ser frequentadas pelos sócios. Citam-se as incursões e piqueniques nas áreas nobres resultantes da expansão da cidade e das áreas com temperatura mais amenas do que as observadas na área central, em especial nos meses que compreendiam o verão. Vale ressaltar que esses eventos ganhavam destaque nas páginas dos jornais e revistas tal qual exemplificação da vida social da cidade com registros, tanto escritos quanto em fotografias. Esse fato reflete as adaptações que as Grandes Sociedades tiveram com as novidades advindas ao Rio de Janeiro com o passar do tempo como, por exemplo, as demandas sociais

⁴⁹ SOCIEDADES LICENCIADAS. Foram licenciadas hontem, pela policia[...] Tenentes do Diabo, á rua Senador Dantas; [...] (O Paiz, 10 Fev. 1907).

⁵⁰ [...] Precisa-se de um bom guarda-livros que seja desembaraçad,para fazer uma escripta com muita urgencia, que se acha em atrazo de dois annos; trata-secom o sr Arthur Coutinho,das 7 horas da noute em deante: rua Senador Dantas 52, Club dos Tenentes do Diabo (Correio da Manhã, 03 Nov.1907).

⁵¹ [...] No proximo domingo relisa-se uma esplendida festa artistica no redondel da Avenida Mangue, em homenagem aos victoriosos carnavalescos da travessa de São Francisco. [...] (Gazeta de Notícias, 29 Jan. 1908).

⁵² [...] O grupo dos Viroscas do Club dos Fenianos, realiza amanhã um estupendo baile, que, por determinação do secretario Viroasca-môr "é obrigado a grandes exercicios pernalticos. Vae ser por certo um encanto, devendo ficar repleto de convidados e socios o vasto salão da sede social, á travessa de São Francisco. (O Paiz, 16 Mai. 1908).

⁵³ [...] Eram os Democraticos, os alegres foliões de tantos carnavaes, que passavam, garbosos, em dezenas de carros, bandas de musica e de clarins á frente, em demanda da nova séde, do novo "Castello",á rua dos Andradas, tendo deixado a do largo do Machado. [...] (Jornal do Brasil, 1º Dez. 1907).

⁵⁴ CLUB DOS DEMOCRATICOS. Séde: 25 Rua dos Andradas 25. Ao Povo e ao commercio do Cattete - O club dos Democraticos pelasua Directoria vem agradecer ao digno povo e honrado comercio do Cattete todas provas de distincão e carinho com que a designaram durante sua estadia no mesmo bairros.[...] (Correio da Manhã, 07 Dez. 1907).

apresentadas nos carros alegóricos dos seus desfiles (MORAES, 1958). A figura 22 retrata um desses eventos extrassede, em 1909, em busca de amenizar o calor recorrente nos meses de março.

Figura 23: Piquenique de sócios dos Democráticos, em 1909.



Fonte: Revista Fon-Fon!. O Carnaval de 1909. Ano III, n. 11, p.26. Rio de Janeiro, 14 Mar. 1909. ⁵⁵.

Outra prática comum a esses grupos eram os passeios pelas ruas em outras datas que não fossem o Carnaval. As Grandes Sociedades, através dos seus sócios, procuravam reafirmar suas existências para além dos dias de Momo. Eram recorrentes atividades como essas na véspera do feriado de Ano Novo, Sábado de Aleluia ou em outras datas aleatórias. Esses cortejos geravam concentração de pessoas durante a sua passagem, como também exibiam seus elementos de identificação, apresentavam a noção de atividade organizada em meio aos percalços da convivência no espaço da rua e representação desses grupos como parte do cotidiano da cidade. As Sociedades procuravam dar sentido à existência e uso das suas sedes, tal qual justificar os preparativos para o Carnaval do ano seguinte ou comemorar a

⁵⁵ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

repercussão vivida no Carnaval do ano corrente ou, ainda, preparar a cidade para os dias de Momo que estavam próximos. Ferreira (2004) aponta que as Sociedades gostavam de despertar o interesse das ruas; logo, a exibição fora dos dias de Carnaval era mais uma data para atrair a atenção e cortejo tanto do público quanto da imprensa. Também eram comuns os passeios próximos aos dias do reinado de Momo, como prévia do luxo preparado e confeccionado para o Carnaval do ano em questão.

ECHOS DO CARNAVAL. ALLELUIA. O povo tinha saudades do Carnaval. O Carnaval é tudo nessa terra. Havia quasi dois mezes que não se ouvia o som dos bumbos e dos tamborins a batucar o Zé Pereira pelas ruas da cidade. Era preciso reviver o Carnaval: era urgente, um pretexto para zabumbar, para vestir roupas berrantes, cantar copias bombásticas, fazer Carnaval, enfim. Tornava-se difícil o pretexto. Veio o sabbado de Alleluia e o povo rejubilou. Era a descoberta do procurado pretexto. Ouviu-se novamente: O abre alas que eu quero passar! ... Esses versos tem em nossa terra a propriedade de electrizar as multidões e o povo passou a noite a rir, a brincar, a dansar. Para completar a obra, os Democráticos organizaram uma passeata com carros allegoricos e o sabbado de Alleluia foi o quinto dia do Carnaval carioca de 1909. Uma bella alleluia. [...] Fenianos - A' hora em que escrevemos, reina grande animação no Poleiro, onde a guapa rapaziada festeja ardentemente a ressurreição da Carne. [...] Tenentes - Deram um baile fantastico, pyramidal, os gloriosos foliões da Caverna! Uma nota de ultima hora permite-nos apenas registrar que o calor que por lá vae é indescriptível. (Correio da Manhã, 11 Abr. 1909).

Porém, o real motivo das Grandes Sociedades, como também dos demais grupos dessa manifestação era a mensagem a ser passada para a população em suas diversas práticas. A mensagem tinha como mote propagar a noção do Carnaval moderno e civilizado como aspectos a serem incorporados por toda a população, em contraponto ao que era praticado pela população em geral, conforme Cunha (2001), Ferreira (2004; 2005), Pereira (2004). As distintas sociedades esperavam que o público que lhe assistia adotasse a festa moderna e com ares de civilidade para retratar a imagem de um país cujo pensamento estava concatenado com ideais franceses, e não com a herança colonial portuguesa, representada pelo Entrudo. Ressalta-se também a composição dos grupos que pertenciam às Grandes Sociedades, conforme ilustrado nas figuras 17, 18, 19 e 23, com a presença de mulheres apenas no piquenique, reflexo da composição social, étnica e de gênero da época e que faziam parte dessa manifestação. Esse argumento reflete que, mesmo com a fama das Sociedades, outras manifestações populares coexistiam em contraponto ao aspecto elitizado das Sociedades Carnavalescas. Abaixo é apresentado um trecho desse manifesto:

MANIFESTO À POPULAÇÃO FLUMINENSE. Inaugurado o carnaval nesta corte, ha longos annos, pelas memoraveis associações *Summidades* e *Veneziana*, o seu apparecimento foi acolhido com geral agrado pela população fluminense, que neste folguedo viu, com justeza e discernimento, uma prova de progresso e civilização, e que, unindo-se aos esforços d'aquellas sociedades, secundando-as nos seus desejos, amparando-lhes o intento, baniu de seus antigos habitos, como nocivo, como anachronico, como impróprio da sociedade moderna e da civilização adiantada a que tem attingido, o barbaro divertimento do entrudo. [...] Convictas, pois, de que os seus folguedos públicos são, não só uma distração inocente para a população desta cidade, como e principalmente uma manifestação incontestavel de seu adiantamento moral e civilizador, - unidas em uma só idéa, abraçadas em um só desejo, as sociedades *Tenentes do Diabo*, *Democraticos* e *Fenianos* appellam para a sensatez, para a intelligencia, e, sobretudo para a proverbial cortezia do publico fluminense, pedindo-lhe a abstenção do entrudo, ao menos durante a passagem dos prestitos carnavalescos. [...] (Gazeta de Notícias, 28 fev. 1881).

As Grandes Sociedades construíram sua fama, história e reconhecimento através da realidade vivida e bastante movimentada da segunda metade do século XIX. Entretanto, a proximidade e entrada no novo século trouxeram a reboque a ebulição dos problemas e da construção da nova imagem do Rio de Janeiro, cuja estrutura não condizia com a dimensão simbólica da cidade. O Carnaval não passou intrínseco a esse processo, especialmente os desfiles de crítica dessas sociedades que procuravam dialogar os problemas e questões convivas na cidade para ter como contraponto a civilidade e a elegância observada nos desfiles de luxo também promovidas por essas agremiações. A composição desses eventos, assim como foram os impactos das reformas urbanas no Carnaval dessas 3 sociedades carnavalescas, além de outros pontos, serão abordados posteriormente na construção do entendimento sobre a “reforma” do Carnaval na cidade, especialmente na inserção da Avenida Central como centralidade simbólica para a festa de Momo.

4 DO CARNAVAL DAS GRANDES SOCIEDADES NA CIDADE

Se as festas, procissões e paradas dão vida e conferem, simbolicamente, outros usos do espaço da cidade, o Carnaval exemplifica esse processo. Por essa perspectiva, tanto os dias do reinado de Momo como também possíveis intervenções na estrutura do espaço urbano não ocorrem sem deixar registro tanto para a manifestação cultural em si, como para a vivência na cidade. O Carnaval e a existência das Grandes Sociedades reafirmavam sua vivência na cidade do Rio de Janeiro em meio aos movimentados anos iniciais do século XX, em que uma nova cidade era pensada e construída como contraponto à realidade vivida até então. As reformas urbanas, em suma, além de produzirem novos logradouros, usos e imagem da cidade também conferiram novas avenidas para a urbe carioca, ora para solucionar a questão viária e sanitária, ora para proporcionar ares de modernidade e vitrine social ao país.

A “reforma” do Carnaval das Grandes Sociedades – Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos a ser apresentada ao longo das próximas páginas busca evidenciar os préstimos realizados por esses grupos, tanto durante os dias de Momo quanto em outras oportunidades. Tudo isso com o objetivo de retratar o Carnaval antes, durante e após as Reformas, onde há a inserção da Avenida Central no percurso dos desfiles e a formação da centralidade simbólica da festa pelas Grandes Sociedades, em oposição à concentração e a fama que a Rua do Ouvidor detinha desde meados dos anos 50 do século XIX e aprofundado nas décadas seguintes em consonância com o crescimento dessa manifestação em meio à coexistência de outras práticas carnavalescas, em especial ao Entrudo, conforme abordado no capítulo anterior na construção e história das Sociedades Carnavalescas e, conseqüentemente, das Grandes Sociedades como manifestação com mais repercussão do Carnaval carioca.

As páginas a seguir são compostas pela caracterização da festa nos dias de Carnaval, tanto na organização prévia dos eventos como também na diferenciação entre as atividades que ocorriam em cada dia da festa. A parte seguinte retrata a formação das centralidades do Carnaval promovidas pelas Grandes Sociedades dentro da divisão temporal que embasa a narrativa da presente dissertação, além de apresentar mapas desses percursos na divisão temporal e retomada discussão apresentada no capítulo 1. A terceira parte discorre sobre a inserção da Avenida Central tanto para cidade quanto para os desfiles e vivência das Grandes Sociedades e das demais manifestações carnavalescas e dos máscaras avulsos que prestigiavam os desfiles desses grupos como principal evento dos dias de Momo. Por fim, a

discussão se encaminha para a cidade e o Carnaval como arranjos espaciais de existência e de produção simbólica, ora pelas centralidades simbólicas, ora pelas formas simbólicas espaciais.

4.1 Da festa nos dias de Momo

As atividades das Grandes Sociedades, em especial as que ocorriam em torno dos dias de folia, exemplificavam a produção simbólica do espaço do Rio de Janeiro pelo Carnaval. Vale ressaltar que as Sociedades Carnavalescas não eram as únicas manifestações do período; os Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos tinham a companhia de outros grupos, máscaras avulsos e brincantes do Entrudo. A convivência entre os diferentes brincantes de Carnaval nos espaços da cidade fazem com que seja possível a interpretação de como os dias anteriores ao início da Quaresma são capazes de conferir novos significados, usos e apropriações que tinham função e usabilidade determinadas nos demais dias do ano, que configura uma forma simbólica espacial, frutos da ação humana, que combina materialidade e imaterialidade (CÔRREA, 2007). Além disso, a noção de festa compreende que todas as manifestações não são homogêneas, mas sim representações e incorporações dos ritos e práticas adquiridos pela convivência social com variações ao longo do tempo, em que sua prática resulta na celebração do objeto e não no valor atribuído à festa, conforme Amaral (1998).

Para efeitos de viabilizar a presente abordagem, em consonância com a discussão apresentada ao longo do capítulo anterior, os espaços do Carnaval das Grandes Sociedades serão compreendidos entre os teatros, os salões privados e as ruas. A distinção entre esses espaços representa a coexistência das práticas carnavalescas dos principais Clubs em suas diversas atividades com as ocorrências das ações das outras manifestações. Porém, deve ser posta em consideração na narrativa que a concentração ou desconcentração de um desses espaços em detrimento de outro significa as transições e adaptações que as principais sociedades passaram com o decorrer do Carnaval, como também intervenções e ações físicas que resultaram em modificações em suas práticas, endereços, percursos, entre outras realizações que faziam parte do seu cotidiano enquanto grupo organizado para desfilarem seus ideais, carros e fantasias nos dias de Carnaval, ápice das suas existências, segundo Cunha (2001) e exemplificado em:

[...] Até 1877, a physionomia do carnaval era mais expansiva, mais popular. Todos os theatros davam bailes; as ruas e praças decoravam-se com amplitude e profusão;

carros de mascaras percorriam as ruas; os grupos phantasiados eram inumeros; e os mascaras isolados faziam rir pela originalidade das idéas, destacando-se pelo espirito. Enquanto um prestito desfilava e um ou outro grupo mais avultado exhibia-se opulento pelas ruas principaes, os mascaras em todas as categorias entretinham, em quantidade prodigiosa, todas as atenções. Sentia-se que a cidade sahia fóra de sua vida habitual, e que seu aspecto exterior era um reflexo pallido da alegria popular. [...] (Gazeta de Notícias, 22 Fev. 1887).

O uso dos teatros para a recepção das Sociedades e, conseqüentemente, preparações e execuções dos bailes carnavalescos remonta aos primeiros passeios dos Clubs e à apropriação de novos espaços além dos interiores das residências para os festejos de Momo. Os teatros representavam a concentração de pessoas integrantes ou não das Sociedades que, através do acesso permitido pela compra de ingressos e vestimentas a caráter, permitia a participação dos eventos, ao remontar às primeiras formas de organização dos festejos de Carnaval, segundo Ferreira (2004). Entretanto, a existência de festas concomitantes, em diferentes teatros da cidade, assim como a recepção de diferentes grupos ocasionaram em conflitos entre as diferentes Sociedades que realizavam seus percursos em busca de escapar dos ataques entrudísticos, no ato de ocupar as ruas como espaço do Carnaval (FERREIRA, 2005). Essa realidade tornou-se motivo para que os salões privados e as ruas fossem reconfigurados pelas Sociedades através dos carnavais e ganhassem relevância em comparação aos teatros. O trecho a seguir narra dois bailes que ocorreriam no Teatro de São Pedro de Alcântara em concomitância aos desfiles das Sociedades:

IMPERIAL THEATRO SÃO PEDRO DE ALCANTARA. Dois Grandes e Sumptuosos Bailes Carnavalescos. Prepara-te este teatro para ostentar grandezas e obter novos louros pelo luxo flamboyant de sua ornamentação, em homenagem ao jubilleu, e às distinctas SOCIEDADES CARNAVALESCAS. O aspecto do grande salão de um luxo asiatico e de effeito BRILHANTE, RESPLANDECENTE E RUTILANTE e devido ao trabalho do distincto e habilissimo scenographo o Sr. Greste Coliva. A grande orchestra composta unicamente de professores (2^a depois da Gottschalck), será dirigida pela magica batuta do maestro Francisco de Carvalho. Toda a illuminação d'este vasto teatro acha-se sob a direcção do Sr. Candido Dias da Silva, mestre da nova companhia de gaz. ATENÇÃO. As pessoas que comprarem frisas e camarotes de 1^o ordem com posse dos mesmos, e entradas até conco em cada um, terão direito de assistir durante a tarde, do terraço e mais dependencias do teatro a passagem das sociedades e folguedos do carnaval. (Gazeta de Notícias, 16 Fev. 1887).

O processo de deixar os bailes públicos em segundo plano foi abordado, por exemplo, em:

BAILES CARNAVALESCOS. E' uma triste verdade que já lá vai o tempo da intriga e dos can-cans nos bailes do Carnaval. Em outros tempos quem tinha culpas no cartorio e apparecia em um teatro, n'uma d'estas noites de folia, estava muito arriscado a que lhe pozessem a calva à mostra, no meio da hilariedade d'aquelles que ouviam os finos ditos, as innocentes allusões e intrigantes revelações de algum dominó de seda negra e de fresca luva de pelica. Estes episodios interessantes da

vida carnavalesca desapareceram inteiramente. Pelo menos não os temos que registrar na noticia dos bailes publicos a que ante-hontem assistimos. As mais numerosas e poderosas sociedades, como é sabido, recolheram-se aos bastidores particulares e não apparecem na scena dos theatros. E' uma falta sensivel. As Sociedades eram de ha muito a alma e a vida dos bailes publicos. Foram ellas que acabaram com os mascarados avulsos e são elles que hão de pôr termo aos bailes publicos. [...] (Gazeta de Notícias, 05 Mar. 1878).

As ruas sempre mereceram atenção durante os dias de Carnaval. Essa relevância foi afirmada desde os primeiros passeios conduzidos pelas Sociedades Pioneiras e indicava as mudanças nas formas de brincar o Carnaval por parte da elite ao longo do tempo, visto que essa discussão está no capítulo anterior com bases em Cunha (2001), Ferreira (2004; 2005) e Moraes (1958), entre outras referências sobre o assunto. Os desfiles pelas ruas da cidade fizeram com que, temporariamente, durante os desfiles houvesse a ordem e a organização que as Sociedades pregavam como sinônimos de progresso e civilidade; porém, não garantiam a volta ao populacho e às formas de brincar o Carnaval pelos máscarados avulsos. Essas duas formas do uso da rua configuram itinerários simbólicos regulares e não regulares, segundo Côrrea (2008), em que os primeiros realizavam ações previamente definidas e, o segundo, são frutos de ação espontânea.

A adoção dos percursos e da prévia liberação oriunda do poder público fizeram com que certas ruas e dias da folia fossem destinados aos desfiles das Grandes Sociedades e demais Sociedades em Geral. Essa percepção também pode ser dimensionada pela concentração de pessoas para acompanhar os desfiles como espectadores a fim de presenciar o luxo e a organização dos préstitos que incorporavam as novas modernidades em seus percursos na construção da noção de Carnaval organizado e, logo, moderno, conforme Ferreira (2005). Por exemplo, a migração dos carros puxados à tração animal para os carros automotivos, entre outras novidades. Sob esta abordagem, os desfiles passaram à regularidade ao invés da espontaneidade comum nos primeiros anos.

4.1.1 Da preparação

Para a ocorrência das atividades nos dias de Carnaval, reuniões preparatórias eram realizadas ao longo do ano. Entretanto, essas reuniões não estavam concentradas apenas nas demandas do Carnaval, pois, em geral, também discutiam questões pontuais da Sociedade ou apenas pelo ato em si de reunir as pessoas para dialogarem sobre os rumos da agremiação.

Essas reuniões também tinham o caráter de eleger os membros que dirigiam o Clube através de mandatos, que abrangiam a viabilidade econômica da Sociedade, demais eventos ao longo do ano, preparativos e apuração das ocorrências do Carnaval, e também a manutenção e ornamentação das sedes para garantir conforto e acessibilidade dos seus respectivos sócios, não apenas para os grandes eventos em si, mas também para a convivência cotidiana para proporcionar a manutenção e criação das relações sociais, conforme Ferreira (2004) e elencado em:

CLUB DOS DEMOCRATICOS. Segunda - Feira 9 do corrente. Assembleia Geral Ordinaria. 2ª Convocação. Não tendo comparecido numero legal de socios na 1ª convocação, convido-os novamente para a que se realizará segunda-feira, 9 do corrente, às 9 horas da noite, a qual deliberará com qualquer numero de socios: de conformidade com o paragrapho unico do art. 14 dos estatutos. Ordem do dia: CARNAVAL - O 1º secretario, E. Brilo. (O Paiz, 08 Jan. 1899).

As festas preparativas tinham como objetivo proporcionar aos sócios e aos convidados, por exemplo, a imprensa, uma prévia do que seria vivido durante os desfiles e bailes de Carnaval, a fim de promover notícias sobre as Sociedades e, conseqüentemente, angariar apoio popular e da imprensa (FERREIRA, 2005). Essas festas tinham nomes curiosos e até mirabolantes para comprovar o luxo e a elegância desses eventos. Era recorrente remontar grandes festejos que ficaram conhecidos ao longo do tempo em busca de viver a ilusão e a fantasia dos ritos que compõem a atmosfera carnavalesca. No período após o Ano Novo até os dias de Carnaval em si, tornava-se comum eventos em cada final de semana com ampla divulgação nos jornais e revistas da época, ora antes dos eventos que indicavam o que se pretendia nessas festas, ora para narrar o que foi visto, a ornamentação e outros fatos cotidianos com relevância para serem contadas nas semanas seguintes, conforme o seguinte fragmento que narra a preparação para o Carnaval de 1909:

FENIANOS. Está afinal assentado que a batalha de Momo este ano terá em campo os mesmos tres combatentes dos annos anteriores. Hontem, às 11:1/2 da noite, os Fenianos, em uma meia centena de carros e empunhando fogos de bengala, desfilaram sob as nossas sacadas, anunciado que tambem fazem carnaval na rua. Essa noticia deve ser extremamente alegre para o publico carioca, que assim tem a certeza de que o Carnaval de 1909 vai ser estupendamente lindo, visto que se apoia na mesma triade que ha dezenas de annos o eleva muito alto. Os Democraticos e os Tenentes já haviam publicado a sua resolução de fazer carnaval externo, e agora os Fenianos, cujo silencio ia causando temores a muita gente, os imitaram com esse grito entusiastico e sempre jubiloso para os asseclas de Momo: - Carnaval na rua! Está completo o carnaval de 1909! (Correio da Manhã, 09 Jan. 1909).

No que diz respeito à organização, as direções dos Clubes procuravam viabilizar os seus eventos com a definição dos percursos e temas das festas privadas e bailes carnavalescos. Vale ressaltar que a ocorrência dessas duas categorias – bailes e desfiles - foi resultado da combinação de fatores internos e externos às administrações das Sociedades. Era necessária a escolha das temáticas a serem expostas nos desfiles e também das festas, fato que com o passar dos anos foi incorporado a artistas específicos para essa função, como cenógrafos, a fim de garantir aos Clubes a manutenção do luxo, a primazia dos eventos e dialogar com questões cotidianas e as novidades na vida carioca, sobre os quais Reis (2012) argumenta que essa concepção criou a forma das Sociedades brincarem o Carnaval; porém, também atentava que a renovação da festa ficava a cargo das outras manifestações que incorporavam as práticas consolidadas das Sociedades em sua realidade local e financeira. Abaixo é relatado a inserção dos cenógrafos na preparação dos desfiles das Grandes Sociedades.

CLUB DOS DEMOCRATICOS. Vencer pela verve, matar pelo espirito, conquistar pela simpatia e hospitalidade, tal tem sido o programma traçado e executado pelos invenciveis foliões do Castelo. Nunca se intimidaram com as ameaças dos fortes, nunca recuaram em satirizar os erros dos poderosos. Ante-hontem, os denodados foliões abriram os seus salões para extravagantissimo baile e, não obstante o cansaço da vespera o pessoal afinou e deu a nota do seu immutavel espirito. [...] Agora, elles annunciam na conclamação que abaixo publicamos a sahida do seu extraordinario prestito, onde figurarão cinco carros de crítica e seis allegoricos. A fina verve e satyra com que elles criticam factos da actualidade, farão, estamos certos, as delicias do povo curioso, que em recompensa de tantos sacrificçios lhes dará muitas palmas, muitas aclamações e muitas corôas. Publio Marroiz, Gabriel Marroiz e Velloso Braga se esforçaram para que os carros tivessem todo o brilhantismo. Agora, povo carioca, lêde a proclamação dando conta dos esforços dos Democraticos e preparativos para, mais uma vez, proclamai-os victoriosos de sempre. (Correio da Manhã, 24 Fev. 1903).

Uma vez que as atividades do Carnaval das Grandes Sociedades estavam organizadas e estruturadas para que ocorressem, era divulgada a programação prévia dos desfiles que ocorreriam nas ruas de forma detalhada, representado no fragmento de notícia abaixo. Os bailes e demais festas privadas também tinham seus conteúdos prévios divulgados; porém, se diferenciavam dos desfiles, pois se tratavam de eventos com número de participantes controlados, ao contrário dos percursos nas ruas em que os desfiles tornavam públicos e exaltavam os valores, alegria e entusiasmos vividos no interior das sedes (REIS, 2012). O nível de detalhamento existente nessas programações revela o nível de organização que as Sociedades Carnavalescas, com o andamento ditado pelas três Grandes, tinham para as suas atividades a fim de se tornarem a imagem do legítimo Carnaval que o Rio de Janeiro

divulgava para as demais províncias do país e também para as outras partes do mundo e exemplificado em:

Estivemos hontem, á tarde, no barracão em que os Tenentes do Diabo confeccionaram o seu prestito alli, na Rua Visconde da Gavea. Recebeu-nos o Coalhardo, esse velho, intemerado, espirituoso carnavalesco, cuja competência sobejamente demonstrada em assumptos do Carnaval, não póde nem poderá ser nunca desmentida. Foi ele, o Coalhardo, a alma da comissão do Carnaval dos Tenentes, quem nos serviu de sincerone, quem nos guiou atravez daquelle layirinho, de maravilhosas coisas assombrosas que Publio Marroig, com seu pae, Gabriel Marriog e Velloso Braga confeccionaram. Excedeu de muita a nossa perspectiva o que por lá vimos; julgavamos de fato, que os Tenentes exhibissem um prestito bello, luxuoso, artistico, de forma a muito desmentir os velhos programas não contavamos o que ia encontrarmos e que só difficilmente conseguimos retratar aqui. Consta de vinte e um carros, entre allegoricos e de critica, o prestito dos Tenentes; de duas guardas de honra e caricatas, da commissão de frente e de duas bandas de musica caracterisadas, fora vinte ou trinta carruagens decoradas, conduzindo estandartes e fantasias. Abrirá o prestito um carro denominado "rasgo serpentina", composto de enorme monogramma, com as letras T D, encimado de dous tridentes e no centro do monogramma irá sentado um menino. Seguir-se-á a commissão de frente, precedendo o carro da Avenida, magesto, imponente, todo illuminado a luz eléctrica, tendo à frente os bustos dos srs presidente da Republica, dr. Lauro Muller e dr. Paulo de Frontin. No centro do carro irá formosa japoneza. Vêm depois às bandas de clarins e de música e o carro do estandarte, um verdadeiro assombro de luxo e de arte. Dous dragões monstruosos, sobre cada um dos quaes há uma mulher, puxam um carro, no qual Momo, o thesoureiro dos Tenentes, empunhará com redeas de ouro os dragões. Atraz do carro chammas elevarão a mais de trinta palmas de altura. A guarda de honra desses carros será dada por quatorze figuras, sete rapazes e sete mulheres luxuosamente vestidos. [...] (Jornal do Brasil, 27 Fev. 1906).

4.1.2 Dos dias de festa

A liberação das ruas para o Carnaval era um evento à parte, pois impactava no ordenamento do trânsito da cidade, assim como na manutenção das atividades cotidianas. Ocorria o aumento relativo dos brincantes na rua, ora para presenciar os desfiles das Sociedades Carnavalescas, ora para festejar como máscaras avulsos. A liberação das ruas estava em concordância com os percursos que as agremiações trilhavam e não raro acontecia o encontro de um desfile com outro ao acessarem diferentes trechos das mesmas ruas, ao mesmo tempo, no que Ferreira (2005) indica que a ocupação das ruas pelos desfiles é “o grande troféu a ser conquistado pelas sociedades” (FERREIRA, 2005, p. 80). Essa questão era apenas um dos desafios para manter a ordem pública, como também a repressão daqueles que excediam a normalidade inserida nos códigos de posturas para os dias de Momo. Para que ocorresse a liberação das ruas, era necessário que os moradores, comerciantes, representantes das Sociedades e Poder Público estivessem em acordo para que as referidas ruas tivessem condições para atração tanto dos grupos como da circulação da população que assistia aos desfiles. Esse movimento representa o caráter duplo dos itinerários simbólicos ao “dar

visibilidade às manifestações públicas” e criar “identidade entre o trajeto, seu conteúdo e um dado grupo ou instituição” (CÔRREA, 2008, p. 25). O trecho seguinte aborda a ornamentação das ruas para os préstitos, em 1901.

Das diversas ruas enfeitadas com um certo *chic*, destacam-se a da Uruguayana no trecho compreendido entre S. Francisco de Assis e Ouvidor, cuja iluminação é deveras surpreendente. Na Rua Sete de Setembro pouco adiante das nossas oficinas ergue-se magestoso coreto, no qual toca uma excelente banda de musica diversas peças populares, que são constantemente bisadas. Nas Ruas da Carioca, Quitanda, Gonçalves Dias, Alfandega e Rosario no quarteirão da Rua dos Ourives e a Gonçalves além da feérica iluminação, vêem-se nos passeios paos com galhardetes allusivos às festas de Momo, escudos, festões e barris com palmeiras. Outras muitas ruas acham-se vistosamente ornamentadas. Em quasi todas as ruas acima descritas estão em diversos pontos collocados elegantes coretos, sendo, porém, dignos de menção os das Ruas Haddock Lobo e Alfandega, que realmente estão bem ornamentados. (Gazeta de Notícias, 18 Fev. 1901).

Os horários das ocupações das ruas se concentravam ao longo da tarde, continuavam pela noite e adentravam a madrugada. Entretanto, devido a questões como transporte e segurança, ocorria a transferência das atividades das Grandes Sociedades e demais Sociedades para os salões privados e teatros. As tardes e as noites refletiam a diminuição do calor se comparadas ao calor e as altas temperaturas observadas no período diurno. Destaca-se que as ruas da cidade, especializadas ou não pelas Sociedades Carnavalescas não representavam a totalidade do que era entendido como o Carnaval do Rio de Janeiro, uma vez que os máscaras avulsos e os brincantes do Entrudo coexistiam com as Sociedades (CUNHA, 2001; FERREIRA, 2004). Logo, os embates pelos horários dos desfiles bem como a utilização das ruas pelas demais manifestações, em coexistência com os famosos préstitos, são caminhos possíveis para o entendimento do embate simbólico em meio à heterogeneidade que compõe os dias de Carnaval. O embate pode ser entendido como uma forma simbólica espacial, conceito apresentado por Côrrea (2007), em que uma das definições possíveis abrange as representações da realidade em que há produção de significados. Visualiza-se na figura 24 um dos carros alegóricos dos Tenentes do Diabo, em 1910, saudados pelo público.

Figura 24: Desfile dos Tenentes do Diabo, em 1910, saudados pelo público



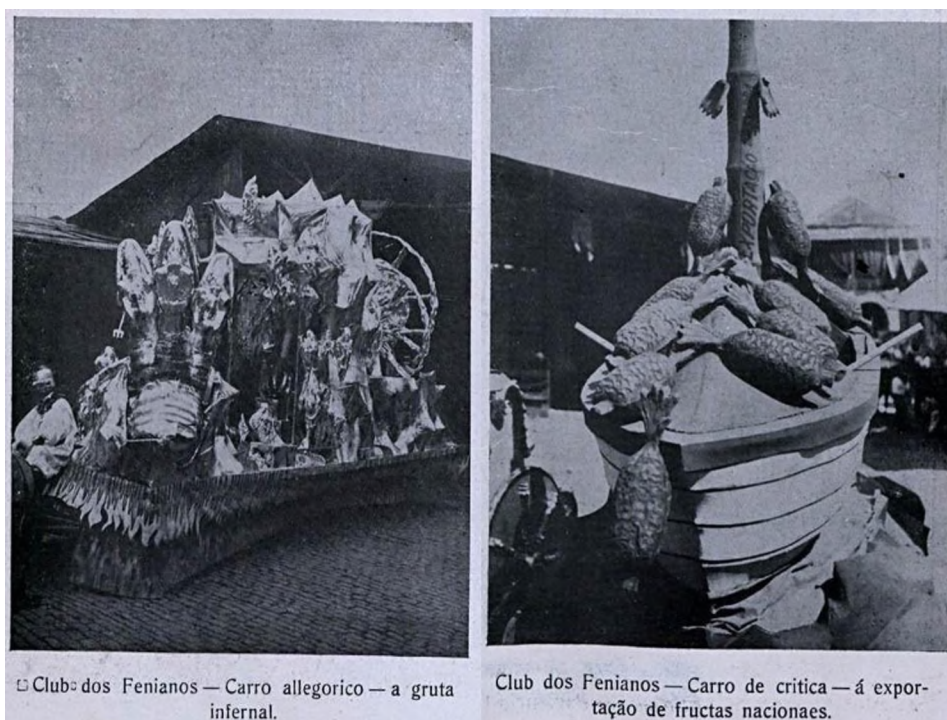
Fonte: Revista Fon-Fon, ano I, n. 07, p. 3. Rio de Janeiro, 12 Fev. 1910⁵⁶.

Os principais dias de ida às ruas pelas Sociedades Carnavalescas eram o domingo e a terceira feira de Carnaval. Nesses dias, especialmente as Grandes Sociedades procuravam divulgar suas ideias e valores. Vale ressaltar que esses dias representavam a especialidade das ruas por essas manifestações, não que as Sociedades não fizessem outras atividades nos demais dias de Carnaval ou ao longo do ano, pontos abordados no capítulo anterior e também serão mais adiante. Os desfiles do domingo eram reconhecidos como o dia dos desfiles das ideias, em que os Clubes procuravam divulgar suas críticas ao contexto atual da cidade e suas noções para a reversão desse quadro, além de propagar signos para a população que os assistiam. No entanto, os desfiles da terça-feira procuravam fazer oposição à crítica ao divulgar imagens de luxo e modernidade para a população de como a sociedade carioca deveria se comportar, tanto no Carnaval como nos demais dias do ano. Essa divisão foi abordada pelos autores que embasam a discussão sobre Carnaval no período e recorte

⁵⁶ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

estudados, como também representada nas diferentes concepções de carros alegóricos das figuras 25 e 26.

Figuras 25 e 26: Carro Alegórico e de Crítica dos Fenianos, em 1910.



Fonte: O Carreta, ano III, n. 89, p.21. Rio de Janeiro, 12 Fev. 1910⁵⁷.

Os demais dias de Carnaval das Grandes Sociedades eram preenchidos pelos bailes e festas tanto em suas sedes quanto nos teatros, com a recorrência de visitas de uma Sociedade a outra e participações nos bailes que concentravam grande número de Pequenas Sociedades. Nelas, não era incomum realizarem homenagens e reconhecimento em seus eventos aos Grandes Clubes. Nesses dias em que as três Grandes não iam as ruas, os espaços das mesmas eram preenchidos por aqueles que assistiam aos festejos das Sociedades e se apropriavam tanto do espaço quanto das características da festa para brincar o Carnaval a seu modo. Ferreira (2000) cita como exemplo dessas manifestações os cordões, os blocos, os cumcumbis e os ranchos. Em suma, o Carnaval se reconfigurava no uso da cidade de acordo com os dias, horários, grupos e manifestações que representavam a sua produção simbólica do espaço. O trecho a seguir relata sobre a segunda feira de Carnaval, em 1904.

⁵⁷ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

Hoje, segunda-feira, é o dia dos cordões. Bem merecem eles, sem duvida, as palmas do cronista, eles, os irreductíveis guardas da tradição popular do carnaval carioca. As grandes sociedades do luxo, da elegancia e do espirito representam a aristocracia carnavalesca. Os cordões são o povo. Sem os deslumbrantes prestitos, o carnaval corre sem animação nas ruas centraes. Sem os cordões, não haveria carnaval, nem a festa chegaria, na sua ruidosa e communicativa loucura, às ruas calmas e longinquas dos arrabaldes e dos suburbios. O carnaval, sem os cordões, seria assim uma coisa artificial e fria como a inolvidavel batalha de flores do campo de Sant'Anna. Graças aos cordões é a unica festa popular; a unica tradição permanece viva, a unica expansão de alegria da alma de conselheiro que tem esta população irritantemente melancolica, um arco-iris fulgurante, aberto de repente sobre a cinzenta monotomia da gravidade do Rio. Viva o cordão! (O Paiz, 15 Fev. 1904).

4.2 Das centralidades da festa

Por estar inserido no contexto da cidade, o Carnaval criou signos e símbolos que se reconfiguravam a cada ano. A aparição, manutenção e desaparecimento das manifestações eram comuns, pois dialogam com as mudanças e avanços que o mundo e, conseqüentemente, a sociedade apreciaram ao longo do século XIX e no começo intenso do século XX. As diferentes manifestações que ocupavam o espaço urbano de forma simbólica criaram centralidades de acordo com o uso de cada conjunto que brincava o Carnaval de forma tanto coletiva como individual. Essas centralidades simbólicas podem ser interpretadas pela seletividade de certos logradouros em detrimento de outros ou pelos diferentes usos dos dias de Carnaval a fim de possibilitar os festejos de Momo como, por exemplo, os préstitos das Sociedades. A formação dessas centralidades surge porque havia definição de localizações e itinerários. Segundo Côrrea (2007), estas são condições necessárias para o surgimento da espacialidade que, nesse caso, tem caráter simbólico.

A centralidade dos festejos de Carnaval reflete a ocupação espacial do Rio de Janeiro com seus percalços e topografia, conforme abordado no primeiro capítulo. As centralidades do Carnaval que ganharam notoriedade eram fruto dos deslocamentos diários e dos usos que as ruas apresentavam para o funcionamento da cidade. Sob essa perspectiva, qualquer alteração proveniente tanto de desastres naturais, como incêndios, quanto de intervenções urbanas teria impactos nas comemorações do Carnaval, uma vez que esses aspectos refletiam o dilema entre o controle urbano e os valores propagados de progresso, conforme Rodrigues (2001) e, conseqüentemente, sua organização, centralidade e cotidiano. No presente caso, as principais ações das Grandes Sociedades – Bailes e Desfiles – passariam a planejar suas atividades de acordo com o contexto que a cidade apresentava para o Carnaval que se aproximava tal qual a liberação das ruas e dos estabelecimentos para a ocorrência das suas

atividades. Logo, as centralidades festivas representam os principais trajetos e circuitos formados espontaneamente ou não para os dias de Carnaval.

Como resultado do processo de produção do espaço pelo viés simbólico, o conceito de formas simbólicas espaciais, definido por Côrrea, 2007, abrange a concepção do Carnaval sobre o viés espacial pela existência das suas ações fora da perspectiva econômica e de trabalho, pois compreendem a localização absoluta (transformação em local de celebração), localização relativa (visibilidade e acessibilidade) e localização relacional (referência sobre um espaço e oposição de outro espaço) (CORRÊA, 2007). Ao retomar a noção abordada no segundo capítulo, as atividades do Carnaval nas ruas da cidade criaram novos usos para a cidade daqueles já conhecidos pela população. Por o Carnaval ser uma data fixa nos calendários, a organização ou espontaneidade das suas ações reafirmam as relações espaciais de itinerário e localização através dos seus atos. Dessa forma, as Sociedades Carnavalescas despontam em grandiosidade e relevância não apenas pelo viés econômico dos seus respectivos sócios, mas sim pelos arranjos e planejamentos criados e pensados previamente em reuniões e comissões, em contraponto aos que brincavam o Carnaval sem se preocupar com regras e editais, pontos estes elencados ao longo da dissertação e relatados a seguir:

[...] Já a cidade é outra. O Carnaval domina. O Carnaval irradia. Viva o Carnaval! Desde hontem, á tarde, a cidade foi se agitando, tornando se nerbosa, febril, convulsa. Mil cornettas, estalos, guizos, pregões, a maré que subia com o cair da noite, e ao accender do primeiro reverbero, á primeira luz brilhando fixamente entre as vibrações polychromas das serpentinas e a chuva de confetti, era bem o Deus querido em plena rua, era Momo dominando tudo no seu delicioso reinado de tres dias. Carnavalescos! Devotos de um santo que não tem inimigos, que impressão deliciosa a do começo, dos prodromos de sabbado: os cordões que vêm chegando a cantar nos bonds, a primeira corrida pela rua, o primeiro carro com fantasias, o primeiro mascara, e essa agitação dos sentidos, essa espera continua de qualquer cousa que vem, que está ahí, que talvez seja o amor... Carnavalescos! Há cousa melhor no mundo? E depois do começo que é bom [...] muita coisa mais: a vertigem dos bailes, a infernal loucura desses locos de prazer, o desespero com se entra nas paginas carnavalescas... O Rio entrou no Carnaval de 1908 estrepitosamente. E o Carnaval ahí está. O reinado ephemro triunpha. Sejamos inteiramente doidos para sermos infinitamente sensatos! (Gazeta de Notícias, 1º Mar. 1908).

A centralidade promovida pelas Grandes Sociedades cabe ser dividida em duas categorias: sedes/teatros e ruas. A primeira categoria exemplifica os denominados pontos (MANGANI, 2002) ou os fixos (CÔRREA, 2008), por se tratarem de estabelecimentos com logradouro já estabelecido, na qual ocorriam os bailes e as festas cuja variação era de acordo com o tamanho, data e temática do evento em questão, na qual as espacializações já foram apresentadas anteriormente, nos mapas do capítulo 2. Em outra concepção, as ruas tinham

seus usos determinados de acordo com os percursos estabelecidos pelos Clubes em que as variações no espaço físico do Rio de Janeiro levaram a adequações nos trajetos escolhidos. Como contraponto à primeira categoria, as ruas podem ser exemplificadas como os circuitos (MAGNANI, 2002) ou fluxos (CÔRREA, 2008), que serão apresentados brevemente nos mapas seguintes em consonância com as plantas da cidade antes, durante e após as intervenções no início do século XX, além das menções abaixo:

Como sempre, os velhos foliões do Poleiro guardam o máximo sigillo sobre a proxima sahida á rua, mas, como nós os auxiliares do Diabinho parecemos mais uns demonios do que qualquer outra coisa, já conseguimos descobrir as tenções dos rapazes, devido às suas constantes conferencias com diversos scenographos. Não se admire o publico se fôr surpreendido na terça-feira de Carnaval pelo pessoal indiabrado do Poleiro, pois, daqui já o avisamos de que algo está sendo arranjado pelos antigos filhos de Momo, que têm a sua tenda na Travessa de S. Francisco de Paula [...]. (Correio da Manhã, 07 Fev. 1903).

E o que ocorria nas ruas:

A nota alegre de um primeiro dia de Carnaval fez encher hontem as ruas da cidade. A Avenida Central e a Rua do Ouvidor eram a passagem obrigada dos clubs e cordões carnavalescos que desfilavam, enchendo de entusiasmo os foliões. Na Avenida, a uma certa hora, o movimento tornou-se demasiado crescido e a gente para se mexer ali via-se em serios apuros. A Rua do Ouvidor não foi menos movimentada. Grupos de rapazes se divertiam e nas janellas estacionavam familias que contemplavam aquelle vae-vem continuo dos foliões, arremessando-lhes confetti às mancheias. As ruas centraes da cidade - Lavradio, Visconde do Rio Branco, Senado, Marechal Floriano Peixoto e as outras não eram menos procuradas pelo povo. Os bondes trafegavam cheios. Até tarde da noite esse movimento durou. (Correio da Manhã, 02 Mar. 1908).

4.2.1 Da cidade colonial

No Carnaval praticado ao longo do século XIX, a Rua do Ouvidor se consolidou como a aparição máxima das atividades das Grandes Sociedades, pois a mesma representava o “desenvolvimento comercial e social da cidade” (GERSON, 1965, p.69). Exemplo desse fato está no pedido dos Tenentes para desfilar na referida rua. Ela representava a vitrine das suas ações, pois qualquer fato que ocorresse na “*Vivienne Carioca*” era motivo para estar narrado nas páginas dos principais jornais no dia seguinte. Um dos aspectos que classificava a Rua do Ouvidor como percurso obrigatório para os desfiles era a concentração das sedes dos jornais ao longo de sua extensão, conforme já mencionado e reafirmado em Ferreira (2004). Outra característica da centralidade da Rua do Ouvidor está presente nas atividades comerciais. Essas atividades se concentram nas lojas com a comercialização de produtos para o Carnaval e no aluguel de imóveis para assistir aos desfiles das sociedades (FERREIRA, 2005). No que diz respeito às lojas, estas comercializavam perucas, calçados, fantasias, adornos, penteados,

ornamentos, entre outros produtos que eram necessários para a criação e reprodução das práticas do Carnaval que foram se moldando na construção da identidade cultural da cidade. .

SECRETARIA DA SOCIEDADE EUTERPE COMERCIAL TENENTES DO DIABO, 14 DE FEVEREIRO DE 1882. Mmo. Senhor, tendo esta sociedade resolvido sahir incorporada a passeio noturno no sabbado 18 do corrente e tambem na tarde de terça feira do 21 corrente, precisa que V. Ex^a conceda licença para poder transitar pela Rua do Ouvidor. Deus guarde a V. Ex^a Illmo. Sr. Dr. Jose Ferreira Nobre M.D. Presidente da Camara Municipal. Carlos Soares – 1^o secretario. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro).

Para que as demais ruas da cidade tivessem a primazia de constarem na programação dos desfiles das sociedades carnavalescas, além da ornamentação e premiações que eram oferecidas, era necessário que houvesse as condições básicas para a ocorrência dos seus préstitos: infraestrutura e público. Cunha (2001) argumenta que a ocorrência dessas condições era uma tarefa complexa que demandava negociações dos sistemas de transportes e o esquema de policiamento para atender ao fluxo de pessoas criado para assistir aos desfiles. A infraestrutura diz respeito às necessidades para que se pudessem ver os desfiles, como iluminação e calçamento, que já foram abordadas anteriormente. Já no que diz respeito ao público, era necessário que houvesse a atração e concentração dos mesmos durante a realização dos desfiles. Uma vez que uma rua não correspondesse a essas condições, não se tornava apazível para que as sociedades as incorporassem nos seus percursos. Abaixo, é relatada uma crítica pela falta de ornamentação na Rua da Quitanda:

[...] As ruas e praças regorgitam de mascaras avulsos a pé e de carruagens, de povo trazendo o stygma carnavalesco do domínio de Momo. [...] A rua Gonçalves Dias é uma das que maior concurrencia apresentam nestes dias, a por com a rua do Ouvidor e é pela sua ornamentação, ainda fresca e viva, pelo aspecto evidente das sacadas embandeiradas umas das que mais se destacam. Outro ponto se póde dizer da rua da Carioca, entre outras, adornada com raro gasto, por festões que a abraçam de um lado a outro, bandeiras que espadanam, galhardetes, folhagens, como uma estrada triumphal. E varias outras ruas se alinharam e se cobriram de galas, para as homenagens ao deus da Folia. E assim, em constante gargalhar, a rir, a divertir-se, passou o povo carioca este tres dias de alegrias intensas. (Jornal do Brasil, 13 Fev. 1907).

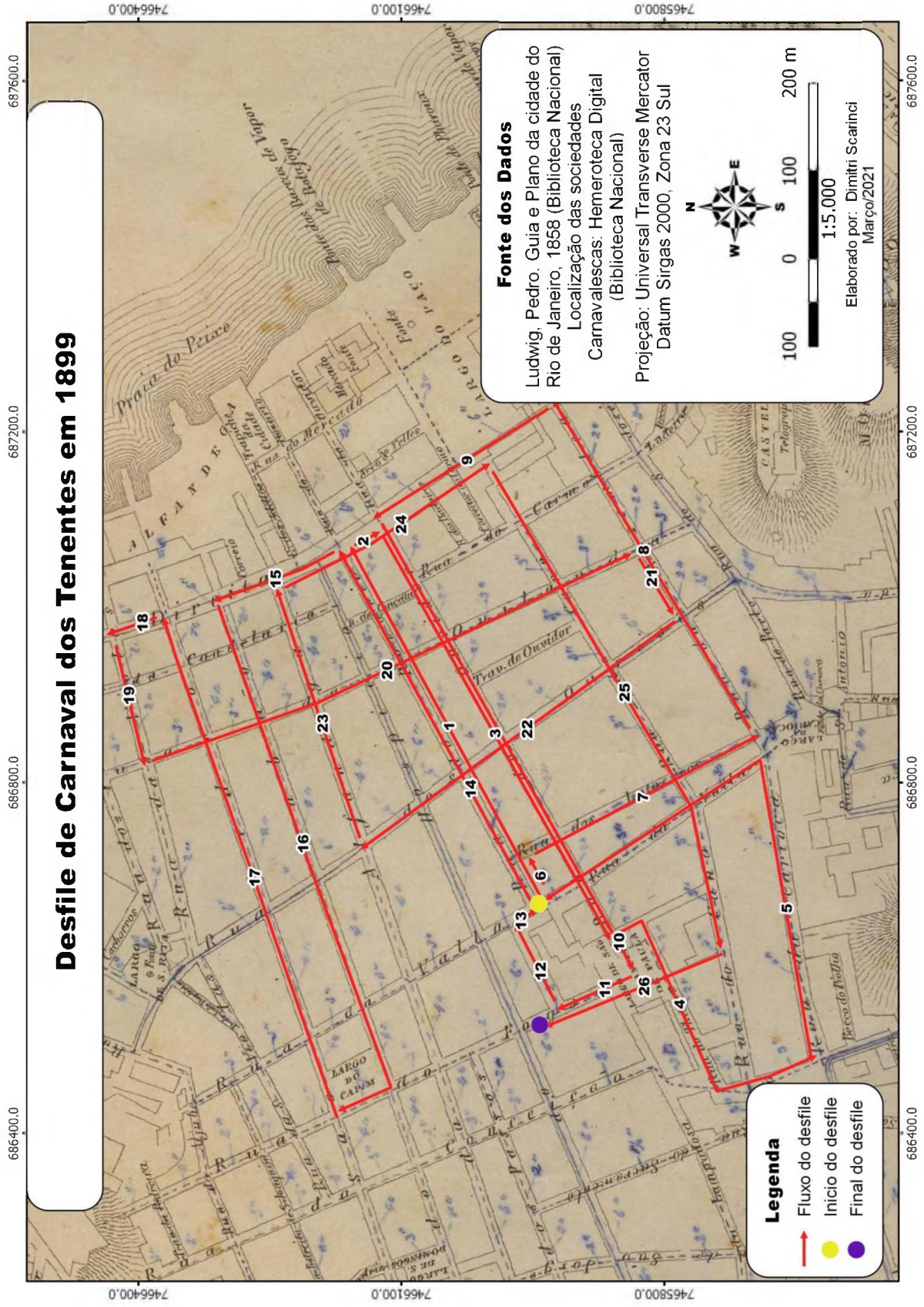
As demais ruas da cidade se organizavam para ornamentar as fachadas das suas casas com adereços, folhagens, entre outras decorações, para que elas estivessem caracterizadas com o luxo e a suntuosidade que as sociedades demonstravam durante os seus desfiles, através de comissões formadas pelos seus moradores e comerciantes, com abrangência de trechos das respectivas ruas ou sua preparação em totalidade. Além da ornamentação, também

eram oferecidas premiações para cada sociedade que se dispusesse a percorrer essas ruas durante os seus cortejos. Esse aspecto configura a construção da identidade que as sociedades, através de suas práticas ao longo dos anos, formaram pela construção da valorização simbólica do espaço. A construção dessa identidade é fruto da organização social, política e espacial (CÔRREA, 2013) que coexistem na cidade. Essa rivalidade é entendida como diferentes apropriações culturais que o Carnaval tem, como a capacidade de produzir identidade ao longo dos desfiles das distintas e famosas sociedades. Exemplos das premiações oferecidas por outras ruas é apresentada no seguinte trecho:

A distinta comissão de festejos da rua da Alfandega, entre Uruguayana e Andradas, deu-nos a incumbencia, por nós aceita com muita satisfação, de entregar aos denodados carnavalescos Democraticos, na sua passagem pela rua do Ouvidor, uma bellissima palma, enfeitada de flores naturaes, tendo na ponta lindissimas fitas com as cores do clube e a respectiva dedicatoria. Daremos à honrosa incumbencia o prompto desempenho que requer, juntamente com os nossos applausos aos valentes carnavalescos. (Correio da Manhã, 11 Fev. 1902).

Os percursos representados nas figuras 27 e 28 exemplificam a utilização das ruas da cidade anteriormente às reformas urbanas. Para efeito de ilustração, o desfile de Carnaval em 1899 e a passeata ocorrida em 1902 ocorreram no traçado das ruas que era comum a passagem das Sociedades desde os eventos iniciados pelas Summidades Carnavalescas em 1855. Ressalta-se a Rua do Ouvidor, chamada no período como Rua Moreira César, como palco de atração desses desfiles, em que no cortejo feito em 1899 esteve presente no começo do passeio pelas ruas em que este logradouro foi percorrido tanto no sentido de ida quanto no sentido de volta de forma ininterrupta sem precisar entrar em outras ruas ou passar por elas em diferentes momentos do cortejo como parte da trajetória para se chegar a outras ruas, como é o caso da Rua do Rosário e da Rua Primeiro de Março. O traçado apresentado na figura 28 representa uma apropriação espontânea das ruas próximas à sede do Poleiro, com passagem por um pequeno trecho da Rua do Ouvidor, em decorrência de uma festa ocorrida nas proximidades do Carnaval.

Figura 27: Desfile de Carnaval dos Tenentes em 1899.

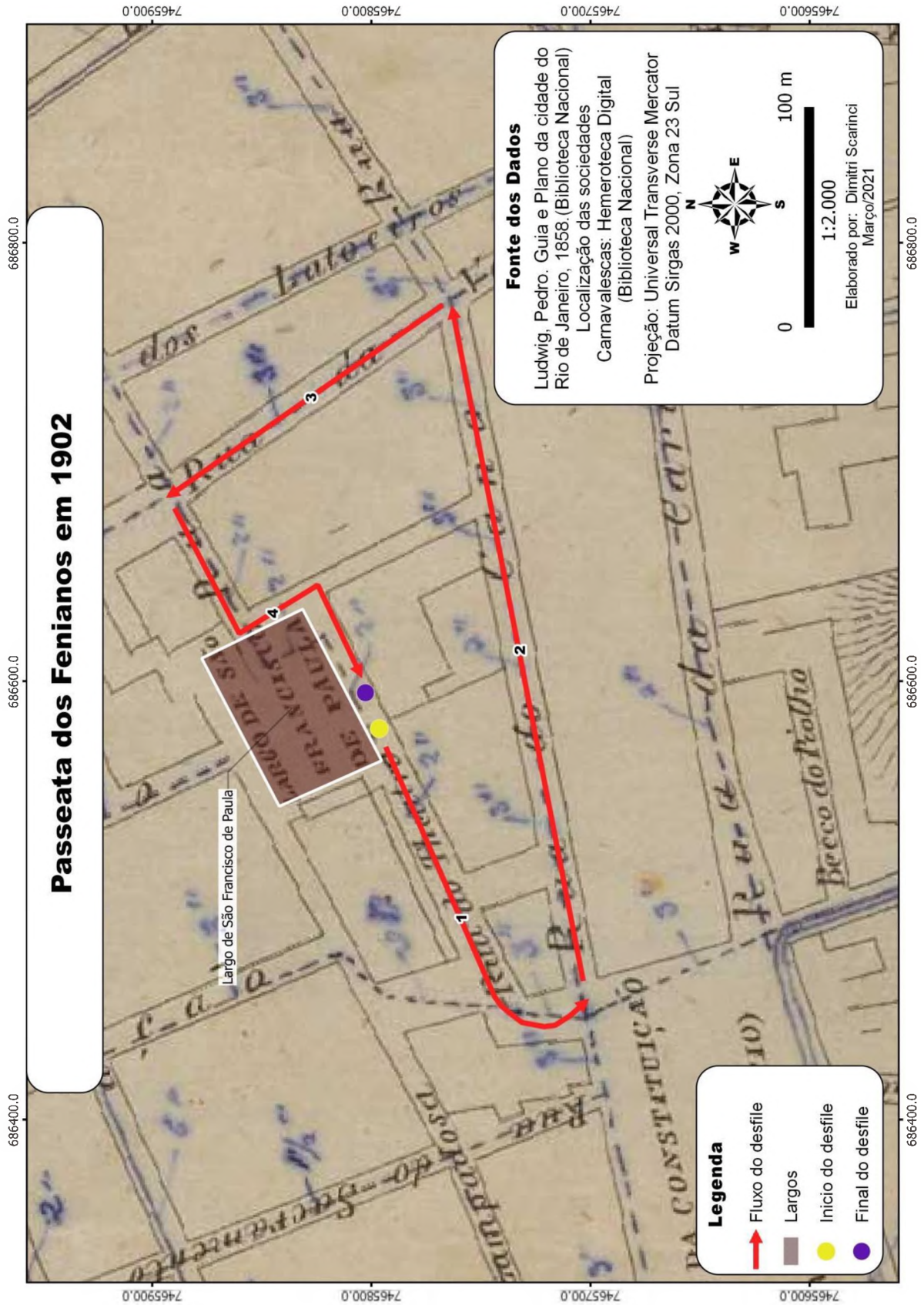


Fonte: O autor, 2021.

O trajeto numerado, do 1 ao 26, na figura acima tem base na passeata divulgada pela Gazeta de Notícias em 14 de Fevereiro de 1899. Esse passeio ocorreria na Terça Gorda de Carnaval como parte dos eventos carnavalescos promovidos por essa Sociedade. Neste dia também foi noticiado os festejos ocorridos na Caverna nos dias anteriores da folia. O percurso foi composto da seguinte maneira:

[...] Estês, os decanos gloriosos do carnaval fluminense, tambem organizaram para hoje uma passeata que partirá da Caverna às 4 horas, e terá mestre Satan em todo o seu infernal esplendor, com o fantastico acompanhamento da magestosa côrte. Já era de esperar que esses valentes carnavalescos viessem também encontrar os seus destemidos companheiros que vão encher a cidade de luz e riso. O itinerario é o seguinte: Ruas do Rosario, Primeiro de Março, Moreira Cesar, praça Tamarindo, rua do Teatro, praça Tiradentes (lado do Derby), ruas da Carioca, Uruguayana, Rosario, Gonçalves Dias, Assembléa, Primeiro de Março, Moreira Cesar, praça Tamarindo, rua dos Andradas, largo do Rosario, ruas do Rosario, Primeiro de Março, General Camara, praça General Osorio (em volta), ruas de S. Pedro, Primeiro de Março, Sete de Setembro, travessa de S. Francisco e Caverna. (Gazeta de Notícias, 14 Fev. 1899).

Figura 28: Passeata dos Fenianos em 1902.



Fonte: O autor, 2021.

A passeata espontânea promovida pelos Fenianos foi noticiada pelo Correio da Manhã em 1902, em decorrência de um evento organizado pelo Grupo dos Vistosos aos sócios presentes no Poleiro, na qual a ida as ruas foi em decorrência do regresso de um sócio veterano da Sociedade aos eventos promovidos por esta. Segue o relato do que ocorreu naquele dia que levou ao traçado da passeata representada na figura 28:

[...] O sympatico e jovem grupo dos Vistosos offereceu a seus convidados um sublime e bem regado cosido, ante-hontem. A' hora marcada, 3 da tarde, era jpa crescido o numero das fenianas presentes ao Poleiro. [...] Não faltaram excellentes vinhos ao cosido, que deixou de si gratas recordações. [...] De regresso ao Poleiro, Açor, o querido e veterano socio do club, lembrou se de effectuar uma passeata. Era necessario uma licença do delegado de dia. Açor, activo como um azogue, foi ter à Central de Polícia, e, de volta, com a licença em punho, foi carregado no salão, tal o prazer causou a sua magnanima ideia. Musica á frente, partiram os heroes carnavalescos pela travessa de S. Francisco, ruas Sete de Setembro, Uruguayana, Ouvidor e Poleiro. Enthusiasticos vivas, estridentes aclamações foram ouvidas durante todo o trajecto. Gentil e bella feniana carregava o estandarte. (Correio da Manhã, 04 Fev. 1902).

4.2.2 Da cidade em reforma

O período em que a cidade passou pelas intensas modificações também criou impactos nos percursos em que as Grandes Sociedades realizavam em seus desfiles. O Bota-Abaixo, compreendido pelas aberturas das novas avenidas e reordenamento viário, fez com que os carnavais entre os idos anos de 1902 a 1906 fossem modificados a fim de garantir a circulação dos desfiles, idas aos eventos nas sedes e teatros e a concentração do público em geral para assistirem os desfiles. Porém, era percebido que as reformas urbanas iriam trazer para os principais Clubes carnavalescos não apenas modificações temporárias, mas sim o indicativo que as Grandes Sociedades, enfim, poderiam desfilar numa cidade que fazia jus à modernidade que era propagada pelas suas ações a partir da fama e reconhecimento adquiridos desde os anos 70 do século XIX; modernidade essa considerada como conservadora, o que Rodrigues (2001) conceitua como o Estado ser o provedor das intervenções para promover a modernidade na cidade. Uma nova cidade nasceria e, com isso, um novo Carnaval precisaria estar adaptado às rápidas transformações em que

[...] o ardor com que toda a gente se prepara: a Avenida Central. E'ahi que o immortal Momo vai mostrar aos cariocas toda a sua fulguração inimitavel. O carnaval da Avenida! Isto era de ha muito uma aspiração. Passear esplendidas allegorias, em carros sumptuosos sem a medida dos arcos das antigas ruas estreitas que tinhamos; ostentar o brilhantismo de magnificas equipagens ornamentadas; dedicar as massas com apuro e gosto das lindas fantasias, abrindo alas por entre as admirações patheticas, isto, numa extensa e larga avenida aristocratica, oh! que bello que isto ha de ser! como vai acordar estimulos, despertar orgulho e prazer! [...] E depois ... que chova a chuva, porque o carnaval ha de irromper atroando os ares com

suas trompas de guerra, com os seus guizos funambulescos, com as suas expansões, com as suas alegrias, com as suas festas ... E a prova, do ardor, do entusiasmo com que elle vai sair este anno - o imortal carnaval na Avenida - ahi têm no seguinte comple renda dos bailes do ultimmo sabbado, esse ensaio geral da grande batalha da exhibição da galhofa e do riso, que em breve se vai travar nesta grande capital. (O Paiz, 19 Fev. 1906).

A principal alteração nos percursos diz respeito às ruas que viraram canteiro de obras após o Bota-Abaixo das edificações que ali existiam. Destacam-se as ruas apresentadas na figura 11, que sofreram desapropriações, tais como São José, Assembleia, Sete de Setembro, Ouvidor, Rosário e demais ruas. Ao se depararem com essas limitações, os percursos passaram a seguir por outras ruas que não interrompessem o fluxo dos percursos e também para que pudessem contar com o público que acompanhava os desfiles, muitas das vezes com deslocamento para a área central com o intuito de assistir a principal atração dos dias de Carnaval: os préstitos das Grandes Sociedades. Salienta-se que com a cidade em obras, novos desafios eram impostos para a possível organização e controle de toda a população que se aglomerava pelas ruas. Um desses desafios está exemplificado em:

O Dr. chefe de policia incubiu hontem o Dr. 2º delegado auxiliar de entender-se com a directoria da Companhia Jardim Botânico para que os fios de tração electrica collocados na Avenida Central fossem modificados a facillitar a passagem dos prestitos carnavalescos nas ruas que atravessam a Avenida. Essa medida parece entretanto escusada, porquanto, segundo soubemos, só a um equivoco pode ser attribuida a noticia de que a Companhia Jardim Botânico não faria as modificações precisas ao livre transitto dos carros carnavalescos. Ao contrario disso, directores da Companhia affirmaram a representantes do Club dos Fenianos que, além da retirada dos fios, será a Rua do Ouvidor nivelada, removendo-se o estrado existente na esquina da Avenida, de modo a não causar obstaculos. (Gazeta de Noticias, 1º Mar. 1905).

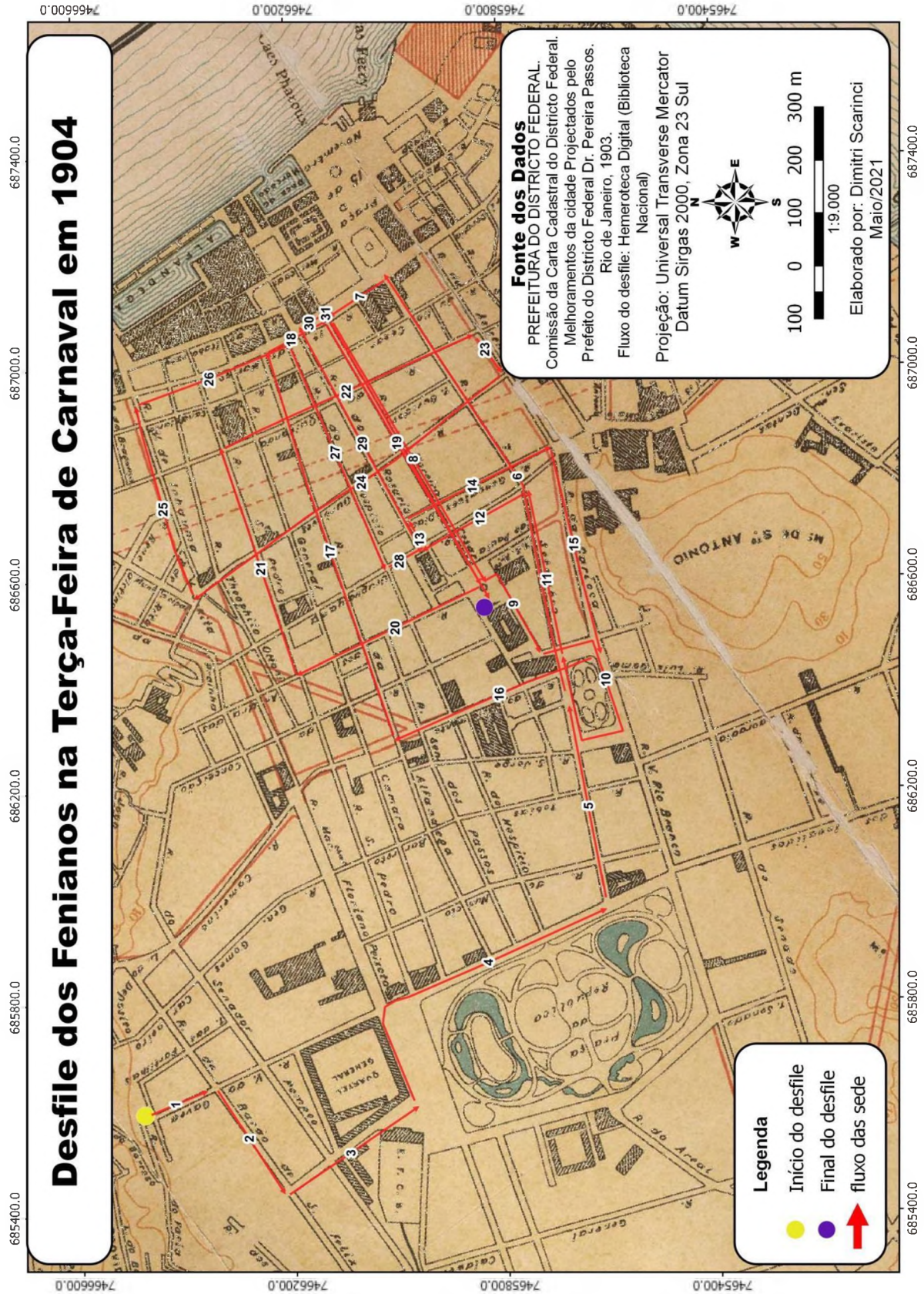
No que diz respeito aos impactos que as reformas proporcionaram às Sociedades, estas podem ser dimensionadas em dois aspectos: manutenção dos eventos internos e adaptações dos préstitos. O primeiro teve como resultado a diminuição da ida às ruas em contingentes, como ocorriam nos desfiles, pois os sócios deslocavam-se em diferentes arranjos (individualmente, em família, pequenos grupos, etc.) para chegar aos endereços aonde ocorriam as atividades. A combinação desses aspectos direciona para a existência das Grandes Sociedades nesse período, com novos arranjos propícios, como a reformulação dos Tenentes e a mudança das sedes dos clubs, assim como o novo momento da festa que estava por vir iria proporcionar às Grandes Sociedades o aspecto e hegemonia modernista na festa (FERREIRA, 2005). Já os desfiles eram pensados para que se mantivesse o fluxo do evento sem descaracterizar completamente a estrutura que essas agremiações incorporaram como a

dimensão dos carros e, assim, garantir a atenção tanto do público como da imprensa. Esses impactos exemplificam como a estrutura espacial da cidade e suas modificações refletem a forma como o Carnaval pode ser praticado, como observado no retorno dos Baetas:

[...] Os gloriosos Tenentes, cheios de tradições gloriosas celebram hoje o primeiro aniversario da sua ressurreição que foi, força é dizel-o uma brilhante renascença. Depois de um largo periodo de obscuridade, vivendo apenas na recordação saudosados que os tinam conhecido na sua apotheose, subito, como um alerta festivo, correu a noticia de que os velhos Tenentes desistiam da aposentadoria e vinham dar o exemplo de ardor á mocidade carnavalescas. E um anno decorrido, ahi estão elles, supportando com galhardia o tremendo peso das immensas glorias dos carnavaes passados. E assim, desde então até cá a vida dos Tenentes tem sido uma verdadeira marcha triumphal. [...] (Gazeta de Notícias, 17 Fev. 1906).

Os percursos apresentados nas figuras 29 e 30 abordam dois desfiles ocorridos em 1904 e 1907, respectivamente, durante o período de intervenções. O evento ocorrido em 1904 foi promovido pelos Fenianos na Terça Gorda de Carnaval, em que o trajeto escolhido percorreu diversas ruas do centro da cidade e trechos em construção do traçado da Avenida Central. Ressalta-se nesse desfile a Rua do Ouvidor em comparação às demais ruas, efeito semelhante representado no percurso da figura 27. O passeio representado na figura 30 aborda uma passeata pré-carnavalesca promovida pelos Tenentes do Diabo, com percurso reduzido se comparado aos cortejos realizados nos dias de Momo. Nesse evento há inserção da Avenida Central no percurso tomado por essa Sociedade, como reflexo do andamento e da inserção das novas avenidas no dia a dia da cidade, uma vez que retrata a preparação para o primeiro carnaval com a existência dessa Avenida e, logo, está sob os impactos finais do período das intervenções urbanas.

Figura 29: Desfile de Carnaval dos Fenianos em 1904.

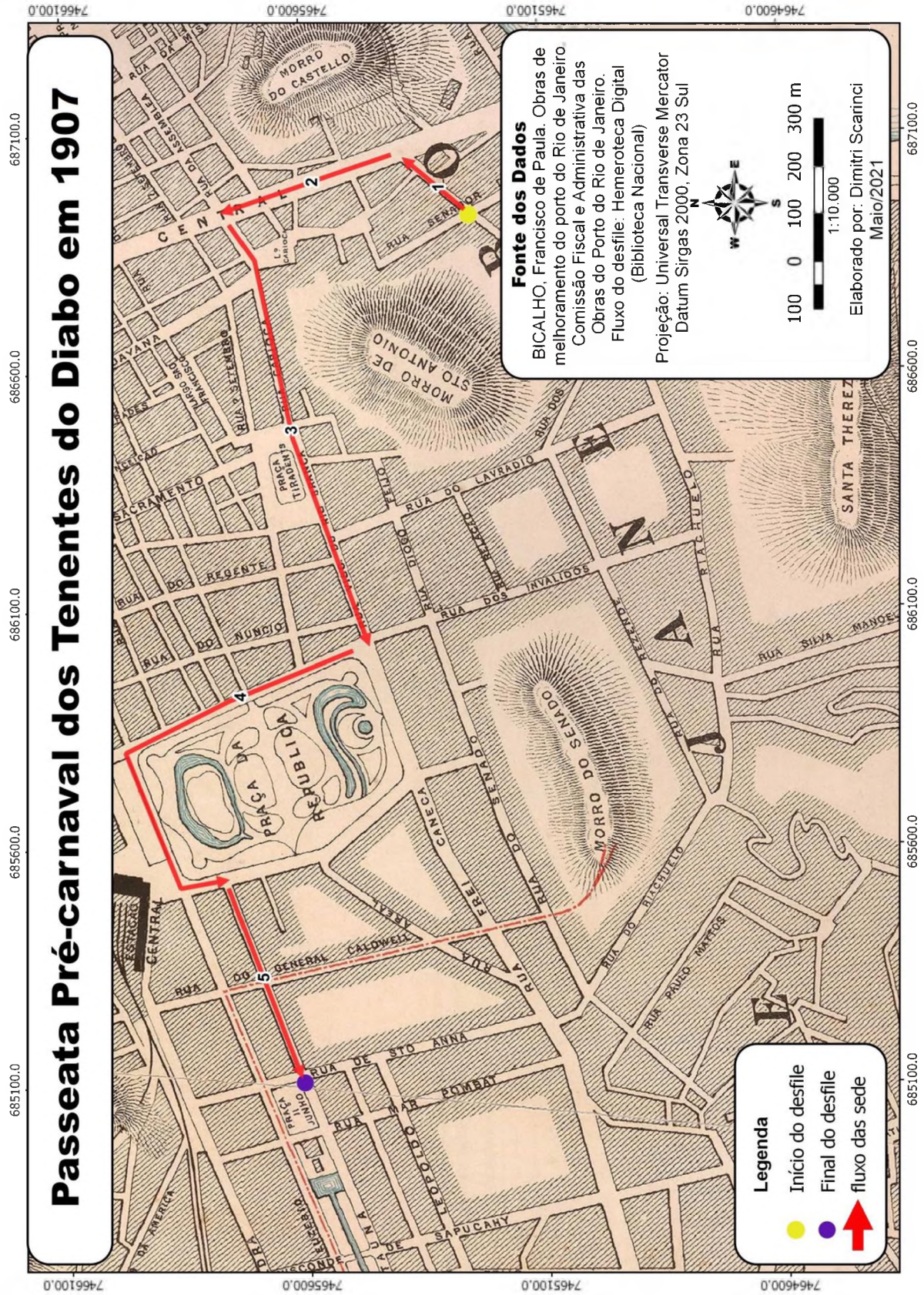


Fonte: O autor, 2021.

O desfile promovido pelos Fenianos na Terça Gorda de Carnaval foi noticiado em 14 de Fevereiro de 1904 pelo Correio da Manhã através do programa completo dos elementos que compõem o préstito. Atenta-se para o trajeto iniciado nos arredores do Quartel General, onde se interpreta ser a localização do lugar aonde foram construídas e armazenadas as alegorias do desfile. Na programação apresentada pelos Gatos, há menções tanto ao público quanto à imprensa na continuidade do reinado de Momo, conforme em:

[...] POVO: Abrai alas e cobri de frenecticas palmas os heirocos FENIANOS que, mais uma vez, deixam o seu celestial Poleiro, para sahir á rua em honra de MOMO e homenagem a este povo que sempre os tem distinguido com os seus applausos. COLOSSAL TRIUMPHO! DEFINITIVO ENLACE DO CLUB DOS FENIANOS COM A GLORIA [...] Agora povo, que estaes senhor do nosso esforço sem limites, e vós, Imprensa, que sempre de tantos generosos applausos nos rodeaes, se ainda desta vez vos merecermos algo, de coração vos pedimos que todas as flôres e côroas de que cobristes o nosso estandarte, nos permittais que façamos larga messe para com justiça offerecei-a aos nossos sympaticos amigos o distincto artista Fiuza, o fecundo e engenhoso machinario Coitinho e a todos os seus dignos auxiliares. Para nós hega-nos o consolo de termos cumprido o nosso dever, não deixando cahir o sceptro de Momo nas mãos cumbais de simples cordões, mais ou menos embonecados com aguias e sardinhas. [...] Eis o nosso itinerario: Travessa das Partilhas, ruas Visonde da Gavêa, Barão de S. Felix, Dr. João Ricardo, Praça da Republica (lado do Senado e Bombeiros), rua da Constituição, Praça Tiradentes, Ruas Sete de Setembro, Primeiro de Março, Ouvidor, Theatro, Largo do Rocio (em volta), ruas Sete de Setembro, Uruguayana, Rosario, Gonçalves Dias, Largo da Carioca, rua da Carioca, largo do Rocio (em volta), ruas do Sacramento, Alfandega, Primeiro de Março, Ouvidor, largo de S. Francisco, rua dos Andradas, S. Pedro, Quitanda, Assembléa, Ourives, Visconde de Inhaúma, Primeiro de Março, Hospicio, Uruguayana, Rosario, Primeiro de Março, Ouvidor e Poleiro, onde terá logar o 2º e ultimo adeus a Momo, na presente temporada. GRALHA, secretario. (Correio do Manhã, 16 Fev. 1904).

Figura 30: Passeata Pré-Carnaval dos Tenentes em 1907.



Fonte: O autor, 2021.

O percurso noticiado em 25 de Fevereiro de 1907 pelo Correio da Manhã trata-se de um evento organizado pelo Grupo dos Dragões da Caverna a fim de apresentar a população os preparativos para o Carnaval que se aproximava através de festejos tanto na Caverna quanto pelas ruas da cidade. Destaca-se que a organização prévia desse cortejo diferencia-se de ações espontâneas conforme o passeio representado na figura 28, e assemelha-se ao que são apresentados nos principais desfiles de crítica e carnavalescos. A preparação desse préstito resulta do

[...] o prometido é devido. Dissemos na nossa nota de ante-hontem que os valorosos foliões preparavam, entre a festa de sabbado e a de 2 de fevereiro uma surpresa. Agora por uma destas indisripções da reportagem podemos dizer que consta a surpresa de que, desde já, o publico fará pequena idéa. Por iniciativa do grupo dos Dragões da Caverna realiza-se no domingo brilhante passeata [...] obedecerá ao seguinte itinerario: Rua Senador Dantas, Avenida Central até General Camara, Assembléa, Carioca, praça Tiradentes, rua Visconde do Rio Branco, praça da Republica, rua Visconde de Itaúna e praça de Touros. Ahí os valentes foliões assistirão à tourada em beneficio do sympathico e arrojado cavalleiro portuguez José Bento de Araújo que dedicou a sua festa artística aos Tenentes do Diabo. [...] (Correio da Manhã, 25 Jan. 1907).

4.2.3 Da nova cidade

Com a inauguração das novas avenidas, com destaque para a Avenida Central, o Carnaval não passou indiferente a esse processo. A existência das festas, paradas e ampla divulgação refletiam a imagem de cidade moderna que o Rio de Janeiro deveria ter para servir de modelo para os núcleos urbanos em consolidação no país, conforme discussão abordada no primeiro capítulo. Esperava-se que, através dos investimentos nas obras, velhos problemas estruturais fossem resolvidos e as relações e experiências na nova cidade se tornassem comuns para aquelas parcelas da sociedade que criticavam a realidade da cidade ou que viviam em meio a condições insalubres, visto que a área central se mantinha como área de moradias precárias das populações pobres (ABREU, 1997). Uma vez que o Carnaval praticado pelas Grandes Sociedades e pelas Sociedades Carnavalescas em geral era a representação do luxo e da elegância em uma cidade colonial, se propunha que desde as inaugurações o Carnaval, de fato, ocorresse em espaços que condiziam com os valores propagados por essas agremiações, uma vez que o simbolismo do Carnaval no espaço da cidade representaria, por essas manifestações, esse modernismo (FERREIRA, 2005). Essa concepção pode ser vista em:

O aspecto da grande e moderna arteria era immensamente lindo. Era, sem exaggero nenhum, indescrítivel! Lançado o olhar para além, para as duas extremidades do mar, de um e do outro lado da Avenida Central, a impressão que se tinha era de que

um tapete movediço havia sido desdobrado alli. Era a massa humana. Calculamos em cerca de oitenta mil as pessoas que enchiam hontem a maghinifica via, por onde atravessaram, ovantes, os sumptuosos prestitos dos heroicos Tenentes, dos Democráticos e dos Fenianos. A' passagem das sociedades, o delírio tinha um eco unisono, ha grita incessante das aclamações, dos vivas entusiasticos! A confusão que houve não é facil de ser descripta em linhas que a penna vae traçando vertigionosamente a mesa a emergir de um alluvido de confetti, lá na rua a atordoar a consciencia e os espirito de todo o mundo, o batuque infernal! Os carros, onde a fina totalidade dos vestuarios impunham a nota do bom viver, mal podiam andar. E havia-os tambem conduzindo fantasias, de erijas beccas o espirito esfusiava, como um perfume embalsamente, que se aspira com gozo. [...] No ar havia um polvilhamento d'ouro. Eram confetti! (Jornal do Brasil, 13 Fev. 1907).

O recorte temporal que compreende as discussões e a execução das reformas coincidiu com o lançamento de novidades e incorporação de hábitos advindos da Europa como, por exemplo, o desenvolvimento cultural da cidade através das livrarias, casas de instrumentos musicais, cafés, confeitarias, entre outros estabelecimentos (RODRIGUES, 2001). As fachadas dos prédios da Avenida Central e, em consequência, o uso desses estabelecimentos procuravam remontar os ares franceses em pleno hemisfério sul. Dessa forma, a Avenida detinha todas as condições para adquirir fama e a concentração que até o presente momento era vista na Rua do Ouvidor. Promulgava-se que o Rio de Janeiro possuiria, a partir de 1906, as condições necessárias para atrair o olhar estrangeiro e, com isso, alavancar novos investimentos, além de ditar como a produção do espaço deveria ser feita na cidade em expansão, principalmente nos bairros escolhidos pelas elites para residir. Essas condições, Azevedo (2003a) as nomeia como o progresso material que as Reformas Urbanas conferiam ao Rio de Janeiro, mesmo que simbolicamente. O trecho a seguir demonstra novas concepções das Grandes Sociedades com o Carnaval a ser praticado na Avenida.

Sem que se esperasse, houve mais um ensaio de Carnaval, hontem á noite na Avenida Central. Por momentos derramou-se um pouco de alegria pela grande arteria, que de politica tem andado cheia. Os Democraticos e os Tenentes improvisaram passeatas, estes em uma fila de carros, com clarins estridentes e fogos de bengalas; aquelles a pé, em um interessante grupo phantasiado, que cantava engraçado côro acompanhado por seis instrumentos de sopro. Depois, passaram os carnavalescos desapareceram as luzes multicôres e a Avenida recahiu na sua sisudez e no ruído dos seus automoveis. [...] (Gazeta de Notícias, 06 Jan. 1910).

Como impactos diretos nas atividades das Grandes Sociedades, a existência da Avenida Central e das outras avenidas criadas de forma concomitante – Avenida Rodrigues Alves e Avenida Beira Mar -, dentro da perspectiva de circulação viária que a cidade carecia, além de outras intervenções nas ruas já existentes, conforme abordado por Azevedo (2003b), possibilitaram o aumento do contingente de alegorias, carros e sócios que desfilavam nos préstitos carnavalescos. No que diz respeito às demais atividades, novas manifestações

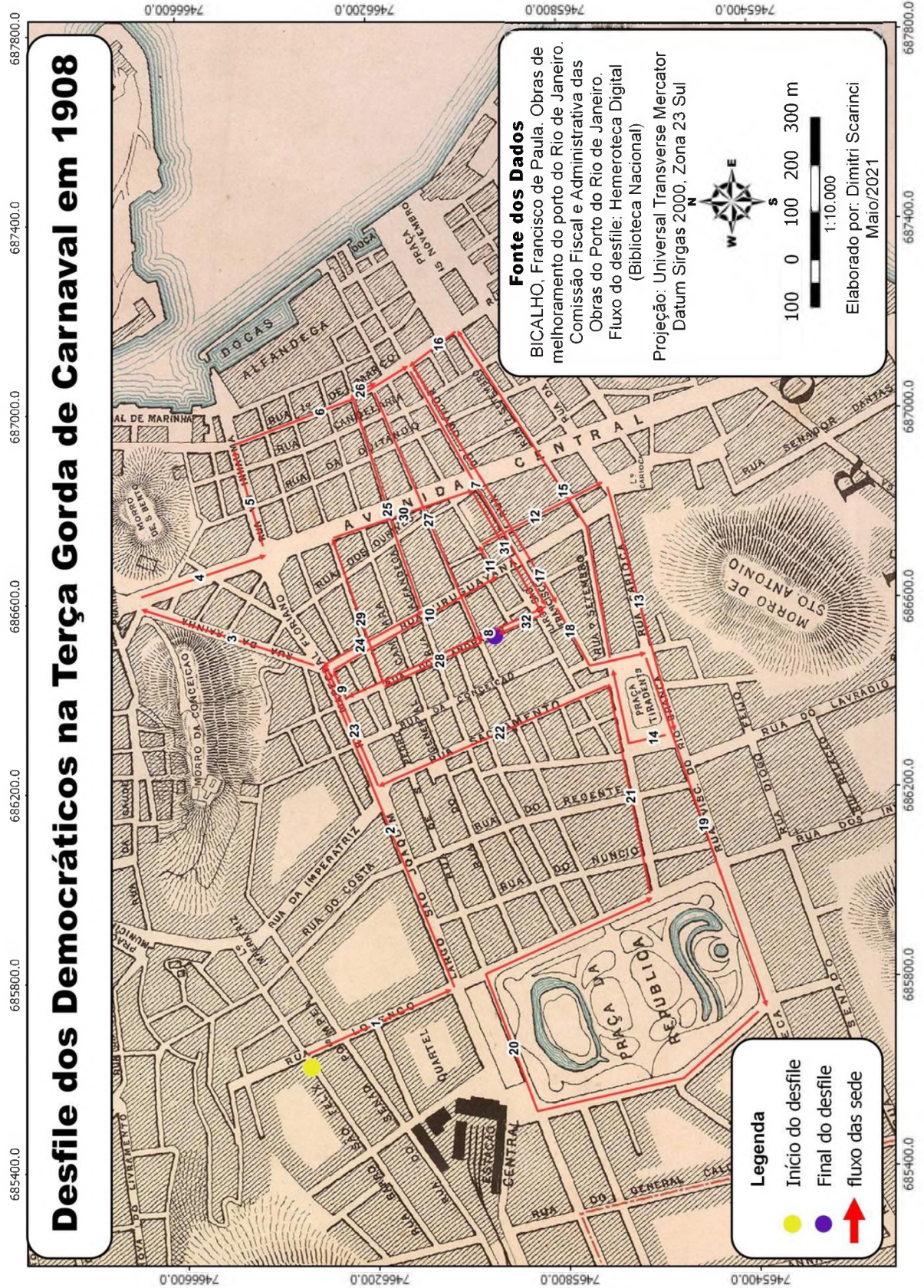
passaram a fazer parte do cotidiano destes grupos como a Batalha de Flores, na Avenida Beira Mar, aos moldes do Carnaval da cidade francesa de Nice e os Corsos Carnavalescos, segundo Ferreira (2004). Sobre os Corsos, esta manifestação será abordada mais adiante.

Com essas novas perspectivas, os Grandes Clubes passaram a dimensionar seus eventos públicos em outras áreas da cidade em franca expansão, como consequência da conversão da área central como local de trabalho, serviços e negócios, na qual a residência tanto das classes abastadas e populares se direcionavam para outras áreas da cidade, conforme indicado por (ABREU, 1997; AZEVEDO 2003a, 2003b; RODRIGUES, 2001) e abordado na discussão do capítulo 1. Esse movimento reflete a expansão da moradia para outras áreas da cidade e, conseqüentemente, o aparecimento de novas manifestações, grupos, máscaras avulsos e Clubes em outras áreas que passam a reproduzir o Carnaval que era vivido na área central. Abaixo é relatado uma dessas atividades na Avenida Beira Mar em 1908.

Na Avenida Beira-Mar, em o trecho da praia de Botafogo, realiza-se na proxima segunda-feira de Carnaval uma grande batalha de confetti. A praia de Botafogo achar-se-á deslumbrantemente ornamentada [...] Não ha entradas pagas. Carros, automoveis, cavaleiros e pessoas a pé, fantasiadas ou não terão livre ingresso. Como é possível que não haja barracas, as familias deverão levar confetti. [...] (Correio da Manhã, 27 Fev. 1908).

Os préstitos representados a seguir nas figuras 31 e 32 já contam com a Avenida Central inserida em seus roteiros, porém há duas distintas. O desfile carnavalesco promovido pelos Democráticos em 1908 não utiliza a extensão da Avenida em sua totalidade, o que representa consonância com o trajeto ilustrado na figura 30, ao indicar a transição e inserção desse logradouro no cotidiano tanto da cidade quanto do Carnaval. Já o passeio apresentado na figura 32 trata-se de um evento de ano novo de 1908 para 1909 em que a Avenida concentra a maior parte do percurso, numa interpretação de caminhar pelo novo logradouro em um ano novo numa nova cidade, fato este que tende a indicar que espacialização simbólica da Avenida pelas Grandes Sociedades acompanhou os impactos e novidades inseridas no Rio de Janeiro como efeito das reformas urbanas.

Figura 31: Desfile de Carnaval dos Democráticos em 1908.

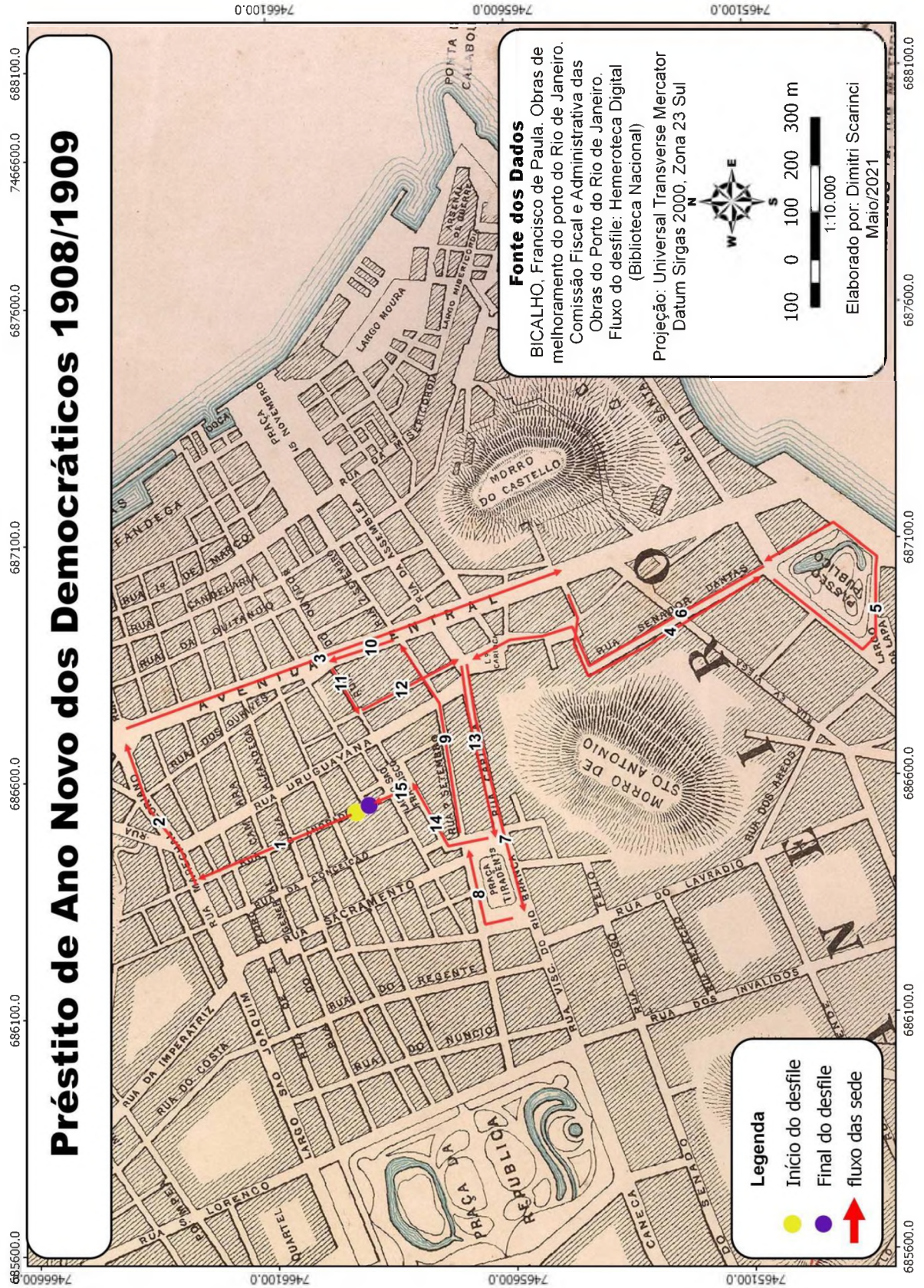


Fonte: O autor, 2021.

O trajeto representado na figura acima trata-se da divulgação dos percursos que as Grandes Sociedades iriam percorrer na Terça Gorda em 1908 que foi noticiado pela Gazeta de Notícias de 02 de Março de 1908. Esse desfile feito pelos Democráticos remonta à divulgação para o público e imprensa daquilo que foi construído para esses dias de desfile, ápice da existência dessas Sociedades. Com o ato de irem para as ruas, as Grandes Sociedades chamam para si a tradição do carnaval carioca em busca da concentração de pessoas assistindo as suas passagens em meio às festas privadas, bailes e ocorrência de outras manifestações que concorriam em ocupar os espaços das ruas em meio à passagem dos Baetas, Gatos e Carapicus. O aspecto da cidade e o itinerário seguido pelos Democráticos estão elencados em

[...] A' noite, a cidade então assumiu o seu esplendido aspeto dos grandes annos dos antigos carnavaes, e era um encanto passeiar e gosar a cidade nesse torvelinho delirante de carros, automoveis, gente, estalos, confetti, serpentinas, gritos, mil barulhos formando um unico e tremendo barulho. [...] Os préstitos dos tres grandes clubs, Tenentes, Fenianos e Democraticos, na ordem da antiguidade, percorrerão os seguintes itinerarios: [...] DEMOCRATICOS. Ruas: Barão de S. Felix, Dr. João Ricardo, praça da Republica (lado do quartel general), Marechal Floriano Peixoto, Acre, Avenida Central (em volta), Visconde de Inhaúma, Primeiro de Março, Ouvidor, largo de São Francisco, Andradas, Marechal Floriano Peixoto, Uruguayana, Rosario, Gonçalves Dias, Carioca, praça Tiradentes (lado do Derby, em volta), Sete de Setembro, Primeiro de Março, Ouvidor, largo de S. Francisco, rua do Theatro, praça Tiradentes (lado do Derby), Visconde do Rio Branco, praça da Republica (lado do Archivo Publico), Constituição, Tiradentes, Avenida Passos, Marechal Floriano Peixoto, Uruguayana, Alfandega, Primeiro de Março, Hospicio, Andradas, praça General Osorio, S. Pedro, Avenida Central, Ouvidor, largo S. Francisco, travessa do Rosario, largo da Sé e Castello. (Gazeta de Notícias, 02 Mar. 1908).

Figura 32: Préstimo de Ano Novo dos Democráticos em 1908/1909.



Fonte: O autor, 2021.

O desfile promovido para celebrar a chegada do ano 1909 e a despedida do ano de 1908 respectivamente, ocasionou a concentração de pessoas pelas ruas para assistir essa passagem dos carnavalescos da Águia Dourada, segundo o Correio da Manhã de 1º de Janeiro de 1909. Indica-se que esse préstito não foi organizado de forma espontânea ou em preparação aos dias de festa que se aproximavam, mas sim pelo entusiasmo do ano que se iniciava e que este fato deveria ser comemorado, conforme

[...] Os heroicos carnavalescos da Aguia Dourada lançaram hontem à rua a primeira nota do brilhante carnaval externo que elles vão fazer nas proximas pugnas de Momo. Desde cedo começou a postar-se em frente aos Democraticos compacta multidão, que ali esperava o desfile da annunciada passeata, e se deliciava com a graça dos paineis affixados à saccada do Club. Eram mais de dez horas da noite quando começou a desfilar o brilhante prestito, composto de lindas carruagens, nos quaes se alteavam gloriosos os estandartes dos varios grupos democraticos. O estandarte social era conduzido pela directoria, em landau artisticamente ornamentado. Sempre applaudidos pelo povo que os esperava nas diversas ruas da cidade, os Democraticos percorreram o seguinte itinerario: Rua dos Andradas, rua Larga de S. Joaquim, Avenida Central, Passeio, em volta, Senador Dantas, Treze de Maio, largo da Carioca, rua da Carioca, praça Tiradentes, em volta, Avenida, Ouvidor, Gonçalves Dias, Carioca, travessa de S. Francisco e rua dos Andradas. Recolhendo-se ao Castello, cerca de uma hora da madrugada, os demoraticos deram inicio ao seu grnade baile de despedida do anno de 1908, sendo indescriptivel o entusiasmo reinante entre os centenares de pares, que valsavam no seu salão, luxuosamente transformado em jardim dos encantos. (Correio da Manhã, 1º Jan. 1909).

4.3 Do Carnaval na Avenida

A Avenida, através da imponência dos seus prédios, da sua extensão e também da sua largura, estimulava o caminhar dos transeuntes que outrora tinham seus percursos limitados às estreitas e tumultuadas velhas ruas da cidade que não condiziam com o movimento em prol da modernidade e civilidade, conforme Rodrigues (2001). Com esses predicados, caminhar pela cidade após as intervenções poderia ser comparado ao *flaneur* praticado nos *boulevares* parisienses. Esperava-se que a caminhada pela avenida fosse um programa agradável, familiar e de interação social em meio às novidades que podiam ser observadas pelas vitrines e pela monumentalidade dos edificios como, por exemplo, o Theatro Municipal, qual inauguração ocorreu em 1909, inspirado na Ópera de Paris. O caminhar pela Avenida condizia com a grandeza da capital federal ao invés de se esgueirar pela concorrida Rua do Ouvidor, em qualquer hora do dia, conforme exemplificado abaixo:

Para alguma coisa havia de servir a louca empreza de D. Morpheu em rasgar ruas e ruas na construcção da apparatusa rua. Era um gosto ver o movimento do povo, pisando o asphalto cimentado com o suor de sangue de exorbitantes impostos. Quem deu sorte na Avenida foi o Frontino, vestido de caixa de demolições, tendo como guarda de honra a sua eterna commissão. Demais o teuf, teuf dos automoveis

dando uma nota europeia á nossa Avenida, as carruagens sem conta que se cruzavam levando gentis senhoritas, tudo isto se casava bem no rumo da Folia, Alegria e Loucura, que se apossou da nossa população nestes tres dias. (Correio da Manhã, 26 Fev. 1906).

E a diferença entre o flunar e o fazer:

Depois do Carnaval, e principalmente depois desses ultimos dias de chuva impertinente e aborrecida, a população carioca que se diverte, e que póde divertir-se, como que sentiu necessidade, nesse primeiro dia verdadeiramente claro e formo, de espairer, de vier ao centro commercial, de flunar pela rua do Ouvidor, de fazer a Avenida. A cidade apresentou hontem um aspecto encantador a que geralmente não estamos acostumados nas quartas-feiras. [...] A animação foi grande. Viam-se senhoras e moças, quasi todas de vestidos claros, fazendas leves, tecidos de verão, sempre com elegancia e distincção, algumas vezes com luxo, passeiando, gosando a belleza do dia, sentindo a alegria de viver, ou, então, na romaria elegante pelos dentistas, armarinhos, cadas de modas e confeitarias. [...] Na Avenida deslizavam automoveis, charrettes, carros cheios de pessoas que chegavam dos arrabaldes, ou que partiam para passeios ao campo, para o regresso dos lares. Bello dia o de hontem, dia animado e chic. (Gazeta de Notícias, 21 Fev. 1907).

Outro aspecto que diferenciava a Avenida das demais ruas da cidade, inclusive as principais ruas que faziam parte dos desfiles das Grandes Sociedades, era o seu aspecto e construção como *boulevard*, com tratamento artístico para as calçadas e para as espécies escolhidas para sua arborização, segundo Gerson (1965). Foram planejadas e inseridas modernidades em diversos aspectos que fizeram a Avenida ter a estética artificial em sua extensão com olhos voltados para os costumes e pensamentos europeus (RODRIGUES, 2001). Evidencia-se que a manutenção dos elementos que compunham a decoração do espaço do referido logradouro estava presente nas exigências para a execução das obras, tal quais as regras existentes para as fachadas nos prédios abordadas no capítulo 1, além de construir símbolos e representação da nação com moldes parisienses, ao invés da herança colonial portuguesa, conforme Abreu (1997) menciona que a data da inauguração da avenida foi realizada no dia do aniversário da instalação da República, em 15 de novembro. Abaixo podem ser observadas críticas sobre os impactos do Carnaval nos jardins da Avenida.

Escrevem-nos: "E' para lastimar que a Prefeitura e a Policia não tivessem zelado devidamente os jardins multando os ignorantes de trepar para cima dos canteiros inutilizando-os. Assim os habituará para o futuro, a respeitarem os jardins. Que fazem os guardas municipaes? Quem escreve estas linhas, indignado viu terça-feira de carnaval espaço sufficiente na Avenida e os pequenos jardins da Avenida Central cheios de gente trepada em cima dos canteiros, por ser ponto mais alto. E de mais a mais são, em geral, individuos sem noção de cousa alguma. " (Gazeta de Notícias, 07 Mar. 1908).

Com tantos requisitos e particularidades para a existência da Avenida Central no cotidiano da cidade, também sobrava para a população que procurava circular pela sua

extensão, ao reafirmar seu viés cosmopolita e excluir qualquer aspecto que não estivesse de acordo com a urbanidade moderna e civilizada que se pensava para a cidade, segundo a abordagem de Rodrigues (2001). A inauguração desse logradouro fez com que houvesse tanta novidade para aquilo que a cidade conhecia como sua área central; ficou famoso o termo “fazer a Avenida”, pois transitar pelo *boulevard* possibilitava vivenciar os ares parisienses em pleno Rio de Janeiro, com a incorporação da arborização na Avenida, as largas calçadas propícias para a circulação de pessoas, entre outros aspectos (AZEVEDO, 2003a). Esses elementos eram tão diferentes do dia a dia que o idioma falado na Avenida era o francês e as vestimentas procuravam reproduzir os padrões vivenciados na Europa, exemplificados na figura 32. Logo, “fazer a Avenida” produzia simbolismos e novas relações com o novo espaço na cidade.

Figura 33: Caricatura do aspecto francês na Avenida



Fonte: Revista da Semana, ano VII, n. 322, p.7. Rio de Janeiro, 15 Jul. 1906 ⁵⁸.

⁵⁸ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional. Diálogo: - Você viu a senhora Suzanne Drespres (de perto)? – Não. Eu vi de longe. (Tradução do Autor).

Através das características existentes e diversificadas da Avenida, estavam criadas as condições para que os desfiles e demais eventos das Grandes Sociedades se apropriassem dela nos dias de Carnaval. Devido ao aumento da largura, tanto da rua quanto das calçadas, aliado ao ordenamento do trânsito e transporte, a concentração e o fluxo de pessoas, tanto nos dias de Carnaval quanto nos outros dias do ano fizeram com que a população que estava espalhada em outras ruas migrasse e utilizasse a Avenida, tal qual Ferreira (2000) argumenta que esse logradouro se tornaria o local de aglutinação das diferentes pessoas e camadas sociais na cidade. Sob essa perspectiva, as calçadas e eventos particulares durante os dias de Momo passaram a ser concorridas em oposição às comissões de ornamentação das ruas preteridas pelas Sociedades, além do fenômeno de criação da centralidade festiva desde os anseios e observação das obras que estavam em curso até a inauguração e utilização do referido logradouro.

Um fator que contribuiu para o aumento da dimensão dos desfiles das Grandes Sociedades foi a expansão da cidade tanto em tamanho quanto em população, pontos já mencionados ao longo deste texto. Por mais que houvesse nesse período a formação de atividades de carnavais em outras partes da cidade, ainda de forma incipiente, os préstitos dos Tenentes, Fenianos e Democráticos adquiriram maior planejamento e produção artística a fim de corresponder ao apoio e fama popular que os referidos grupos tinham, cujas superioridades foram indicadas por Cunha (2001), Ferreira (2004; 2005) e Moraes (1958). Esses eventos das Sociedades estavam tão inseridos no imaginário daqueles que não eram seus sócios que grupos com menor poder aquisitivo desenvolveram manifestações adaptadas às suas realidades a fim de reproduzir o Carnaval organizado para tomar lugar da violência que era vinculada aos festejos dos máscaras avulsos e demais camadas sociais populares. Essas manifestações configuram a festa carnavalesca, em que os Ranchos, Zé Pereira, Cordões e Cucumbis eram representantes das camadas mais pobres e médias, dos moradores tanto do centro como dos subúrbios e exemplificado em:

Tem uma feição completamente diversa do carnaval daqui da cidade, o carnaval dos subúrbios. E' a folia pagã, morlaizada pelo recato familiar. Não figuram nos carros allegoricos as demi-mondaines celebres pela sua belleza, que saem a exhibir pelas ruas, numa evidencia perturbadora, a opulencia das duas formas admiraveis. São encantadoras moças de familia, que gentilmente se prestam a auxiliar os bravos rapazes inimigos das tritezias, na louvavel tentativa de divertir a população. Isso não quer dizer, de modo nenhum, que o carnaval se torne frio, sensaborão e fatigante. Ao contrario, não se póde imaginar entusiasmo mais effervescente. Toda a população se desloca para as ruas por onde os prestitos desfilam no meio do entusiasmo geral. [...] (Correio da Manhã, 14 Jan. 1907).

E a atração do Carnaval na cidade em comparação ao praticado nos subúrbios:

PROGRESSISTAS DO ENCANTADO. Os denodados e valentes Progressistas do Encantado preparam-se para as lutas carnavalescas do corrente anno. [...] Sabbado ultimo saíram á rua em bela passeata e percorreram varias ruas do bairro, fazendo coisas de arrancar o riso a um frade ... de pedra. [...] Os Progressistas virão á cidade comprimentar as sociedades co-irmãs e a imprensa. [...] (Correio da Manhã 04 Fev. 1907).

A implantação de veículos automotores e elétricos, no caso dos transportes por bonde, como substituição aos veículos e bondes de tração animal também acrescentou impactos nos desfiles das Sociedades, além da Avenida ser apropriada para o alto fluxo de carros no lugar da circulação dividida entre pessoas e veículos nas demais ruas. Esse impacto desenvolveu a manifestação carnavalesca do curso, que consistia nos desfiles de pessoas fantasiadas em carros ornamentados e abertos na Avenida Central (FERREIRA, 2000). Os cursos contribuíram para o aumento do tamanho dos desfiles das Grandes Sociedades a fim de ocuparem as ruas da cidade durante seus desfiles. Essa característica nos desfiles fez com que, além das avenidas resultantes das reformas Passos, estivessem incluídas no cotidiano carnavalesco da cidade, como também refletissem as novidades inseridas no dia a dia das Sociedades, quais as ressignificações dos seus eventos; dessa forma, exemplificam que as mudanças de contexto em que o Rio de Janeiro passava, também refletiam em suas existências, como por exemplo:

[...] Parecia que estavamos em pleno dominio de Momo. Centenas de carros e automoveis percorriam o centro da cidade, conduzindo familias com destino á grande arteria, para onde se voltavam todas as atenções nestes dias, e para onde convergem todos os grupos carnavalescos e sociedades, que rendem homenagens a Momo, com festejos externos. [...] De quando em vez, filas extensas de carros e automoveis conduzindo rapazes alegres, agitando sombrinhas com as cores de uma das principaes sociedades carnavalescas, rompiam por entre a massa compacta de povo, entre estrondosos applausos de seus afeiçãoados. [...] (Jornal do Brasil, 15 Fev. 1909).

Com novos logradouros e novas funções para a cidade, os desfiles das Grandes Sociedades passaram a configurar na Avenida Central seu principal palco para suas exibições. Desse processo, a Rua do Ouvidor passou a ser preterida como o principal palco dos préstitos, qual sua relevância foi adquirida pela concentração da imprensa e dos estabelecimentos comerciais, além do fluxo de pessoas que caminhavam por ali todos os dias, por concentrar as principais novidades chegadas ao país (GERSON, 1965). A centralidade da nova avenida dialoga com a imagem da cidade a ser vendida para os visitantes como marco do progresso e da beleza que era viver o urbano em contraponto às mazelas sanitárias e epidêmicas que

coexistiam no Rio de Janeiro, entre outros aspectos abordados por Abreu (1997), Azevedo (2003a; 2003b) e Rodrigues (2001). No que diz respeito ao Carnaval das três Grandes, esse recorte espacial representou a exibição da organização, luxo e civilidade que esses brincantes ansiavam desde 1855, combinados com o aumento da dimensão dos desfiles e concentração do público, conforme o trecho seguinte e as figuras 34 e 35.

Quem pôde descrever o que se passou hontem na Avenida? Todo aquelle borbórinho, toda aquella alegria, todo aquelle rumor, toda aquella estridencia, aquelles sons de zabumbas e caixas, de guizos e paandeiros, ficam unicamente nos nossos ouvidos. Não ficam absolutamente em letra de fôrma. A Avenida teve o seu maior dia, o seu maior triumpho. A Rua do Ouvidor devia estar desesperada. Quem pensava que a velha rua-sita estreita nunca perderia o nome cheio de tradição e de fama, viu-a hontem vencida por essa larga rua, tão nova, mas tão larga. O povo ingratamente quasi que abandonou a Rua do Ouvidor. E a Avenida, fantasticamente illuminada, irradiava nas fulgurações de sua victoria. [...] Quem viu todas aquellas janellas enfeitadas, aquella multidão formidavelmente compacta, a illuminação de um palacio de fada, toda aquella gente ardorasamente enthusiastica, os prestitos, os cordões, aquella porção de mascarados que passavam a pé e a carro, os proprios carros, que nem se podiam mover [...] Os prestitos passam. Há pelo ar uma nota alegre de espirito, uma vibração indescriptivel de entusiasmo. [...] (Gazeta de Notícias, 26 Fev. 1906).

Figura 34: Carnaval de 1906 na Avenida.



Fonte: Augusto Malta, 1906 ⁵⁹.

⁵⁹ Disponível no acervo do Instituto Moreira Sales. Disponível em <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2726>. Acesso em 15 Mar. 2021.

Figura 35: Carnaval de 1907 na Avenida.



Fonte: O Malho, ano VI, n. 231, p.2. Rio de Janeiro, 16 Fev. 1907⁶⁰.

4.4 Da cidade, da Avenida e do seu Carnaval

A produção do espaço simbólico da cidade torna-se fruto dos diferentes eventos e celebrações que ocorrem durante o ano, pois “estes locais são considerados como portadores de significados que valorizam o deslocamento” (CÔRREA, 2012, p. 147). Para tornar viável a exemplificação desses eventos, podem-se dividir essas manifestações em três grupos: Carnaval, Procissões e Paradas, trabalhadas por DaMatta (1997); são constituídos por eventos distintos, mas conferem a espacialidade simbólica ao gerar usos distintos daqueles comuns – trabalho, circulação e economia. Nessa perspectiva, ao usar como exemplo a escala dos logradouros (rua e avenida), são especializados por diferentes manifestações de acordo com os elementos que a constituem dentro das datas pré-definidas ou não, tanto de forma organizada quanto espontaneamente.

⁶⁰ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

Esses três grupos são caracterizados pelos seus ritos e rituais próprios que os caracterizam (DAMATTA, 1997) e permitem observar três dimensões simbólicas de interpretação do espaço: Festa, Religião e Estado. O primeiro tem a inversão das práticas, o ato de fantasiar-se e de preservação da identidade através das máscaras. O segundo grupo tem como símbolos a cerimonialização, a ligação com o divino, o culto religioso em si. Já o terceiro grupo tem a exibição do poder, dos elementos nacionais e a da mensagem política. As interpretações dessas concepções refletem o entendimento da festa, composto por ritos e rituais, de acordo com cada contexto para que tenha as suas distinções, de acordo com Amaral (1998). Dessa forma, esses grupos tornam-se os seus eventos relevantes nos dias em que ocorrem ou não em comparação aos demais dias do ano, onde a economia e o trabalho determinam as ações.

Por sua vez, o espaço festivo configura-se pelas manifestações ocorridas nele. Essas manifestações não compreendem apenas a ocorrência da manifestação, como também a preparação e o pós-realização das atividades. Os festejos de Carnaval abordados ao longo desta dissertação são exemplos dessa atuação. O espaço festivo abrange uma das diferentes funções e composições do espaço simbólico, que são as formas simbólicas espaciais e os itinerários simbólicos, noções apresentadas por Côrrea (2007; 2012). Amaral (1998) aborda que a produção do espaço pelas festas consiste no deslocamento de um objeto de lugar; logo, a existência e ocorrência da festa demandam ritualizar e simbolizar o espaço concomitante. A espacialidade da festa surge desse arranjo e permite a formação das centralidades simbólicas e suas respectivas espacialidades.

A produção do espaço pela festa não se apresenta de forma homogênea, uma vez que diferentes grupos da sociedade podem se manifestar de acordo com a sua tradição, história e realidade. Essa concepção permite interpretar que o estudo das festas, ou de uma única festa, é abrangente e objeto de estudo em aberto, cuja totalidade vai além da observação em dados, da participação nos festejos, da combinação entre a participação e observação, entre outras perspectivas de estudo. Cabe à Geografia desvendar e aprofundar essas abordagens no entendimento da produção, tanto simbólica como festiva do espaço, seu objeto de estudo e existência. Essas concepções refletem que o estudo em torno do espaço, símbolos e significados são, através da espacialidade simbólica, “instrumentos conceituais para tornar inteligível a espacialidade humana” (CÔRREA, 2012, p. 150).

O Carnaval ocorrido nos anos anteriores, durante e após as intervenções urbanas também colaborou com a reforma das formas de se fazer Carnaval pelos Tenentes, Fenianos e Democráticos. As modificações realizadas em suas atividades indicam que a ocupação espacial pelos seus elementos fixos ou móveis impacta nas manifestações e demais práticas culturais que produzem o espaço da cidade simbolicamente. Essa produção ocorre na criação dos lugares e itinerários simbólicos; em outras palavras, fixos e fluxos, conforme Côrrea (2012). Pensar o Carnaval “em reforma” indica os anseios propagados por esses grupos desde os seus primeiros passeios nos anos 50 do século XIX, muito antes das intervenções ocorrerem. Além dessa concepção, as adequações das atividades entre 1902 a 1906 levou à reflexão de como os desfiles das Grandes Sociedades deveriam ocorrer na existência de largas avenidas e *boulevares* como palcos principais dos seus desfiles, conforme ilustrado nas figuras 36 e 37, como também a formação de novas centralidades da festa, ponto este que norteou o desenvolvimento da presente narrativa.

Figuras 36 e 37: Carros Alegóricos dos Democráticos em prol da(s) Refoma(s).



Fonte: Revista da Semana, ano VI, n. 252, p.2. Rio de Janeiro, 12 Mar. 1905⁶¹.

E relatado em:

⁶¹ Disponível em Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

Os tres grandes "leaders" do Carnaval, os Fenianos, os Democraticos e os Tenentes vão trazer para a rua o luxo e a grandeza dos seus prestitos. Vamos ter, pois, a nota artistica nesses tres dias de Folia desenfreada e allucinante, em que o carioca se apossa da verdadeira alegria, dessa alegria que passa sobre todas as dores como se fosse um reposteiro pesado sobre a porta que se fecha a porta da agonia. Com a sahifa dos clubs a cidade enche-se de uma multidão formigante. A Avenida Central, a vastissima Avenida Central, torna-se pequena para todo esse povo que de todos os cantos e recantos da cidade desce ao centro para applaudir os seus clubs queridos, que estão ligados a historia do Carnaval do Rio de Janeiro, com um vinculo de tradições indestructiveis. [...] Mas ha um inconveniente grande é que as sociedade só se preocupam com a sahida á noite por entre a apotheose dos fogos de bengala. E' mais scenographico mas é mais incoveniente para o publico porque muita gente que desce cedo para a cidade fica impossibilitada de vêr os prestitos. [...] A fidalguia exterma das tres sociedades de certo não se tornará surda à nossa solicitação que lhe vai em beneficcio, pois que dará aos seus prestitos duas feições bem distinctas: a de dia, assignalando o valor artistico dos seus carros de fantasia e a de noite, levando-os na apotheose allucinante dos fogos de bengala com todo o encantamento da scenographia intelligente. [...] (Gazeta de Notícias, 04 Fev. 1909).

O Carnaval reformado, ou seja, o Carnaval já produzido e reproduzido ao longo da Avenida Central formulara a imagem da modernidade e civilidade que a capital do país esperava em contraponto às suas problemáticas de infraestrutura diárias, assim como a abordagem esteve presente ao longo da dissertação. O fazer a Avenida nos dias de Carnaval atraía para as largas calçadas do *boulevard* pessoas de diferentes partes da capital e também de outras províncias e outras partes do mundo em que circular por ela seria propício para o comércio e a prestação de serviços (FERREIRA, 2000). Os arranjos realizados pela prefeitura do Distrito Federal e pela Polícia possibilitavam que a Avenida fosse transformada no principal palco dos desfiles, tal qual permitia à população ver as fachadas imponentes dos edificios presentes nesse logradouro como fruto da imagem a ser observada, conforme discutido anteriormente. Outro aspecto diz respeito à ordem e regularidade da festa que era um dilema a ser resolvido desde a inserção das manifestações que viriam representar o legítimo e a forte campanha de descrédito do Entrudo, fato este ainda pertinente no período entre as reformas Passos no Rio de Janeiro, conforme:

Quando se fez o primeiro Carnaval na Avenida Central e a massa consideravel de povo moveu-se durante tres dias na ampla via publica, sem uma desordem nem um atropelo, a imprensa salientou como uma conquista fa grande arteria, o desaparecimento dos turbulentos monomios com que uns tantos foliões de educação hypotetica pertubavam a passagem do publico na rua do Ouvidor e adjacentes, atropelando as senhoras e, não raro, desrespeitando-as com contactos insolentes. Na Avenida ampla (dissemos todos), não havia ensejo para isso, fruto das estreitas ruas da velha cidade. Enganámo-nos: só não ha ensejo para uma brutalidade quando não ha um mal-criado que a queira praticar. E o facto é que o monomio, e com elle os fingidos ataques e as simulações de conflictos, feitos com o intuito grosseiro e desrespeitoso de premirem as familias, ressurgiram este anno na Avenida. Este Carnaval deu-nos uma boa cópia delles, infelizmente. [...] De qualquer modo, o que é preciso é não regressar a uma mao habito, por honra da cidade. (O Paiz, 08 Fev. 1910).

As reformas urbanas não solucionaram todas as problemáticas comuns ao Rio de Janeiro que se arrastavam e se acentuaram no século XIX. Uma vez que a locomoção, a moradia e a salubridade eram os principais desafios a serem superados junto com as aberturas das grandes avenidas e, conseqüentemente, a mudança estética da cidade (ABREU, 1997; AZEVEDO 2003a; 2003b; RODRIGUES 2001). Ao largo disso, novas contradições foram criadas para cidade, conforme Abreu (1997), em que a moradia nas proximidades do centro, tanto em bairros como a Cidade Nova e Gamboa, além do início do processo de ocupação dos morros configuraram a concentração de novos moradores nessas áreas que outrora apresentavam condições insalubres ou outros usos. A existência desses novos espaços permite observar a dualidade e a oposição que eram intrínsecos na cidade e o Carnaval as exemplifica, tal qual o já conceituado pequeno e grande Carnaval, aqui com recortes espaciais e práticas bem delimitadas e descritas em:

[...] A Avenida às 5 horas estava repleta. De extremo a extremo, da ponta da Ajuda a da Prainha, nos pontos mesmo quasi sem construcções, via-se gente a passear, a fazer hora para a passagem dos prestitos; o carnaval emprestava á Avenida um encanto não sentido por muitos até ahi e a multidão que a enchia parecia mais expansiva do que nunca, mais tumultuante do que se mostrou em outros annos, feliz de achar espaço, ar, luz horizonte. Esse movimento estendeu-se por toda a zona central da *urbs*, desde a praça Quinze de Novembro até a praça da Republica, desenvolvendo-se d'ahi pelos bairros que a prolongam para adiante da Cidade Nova. Nessas o movimento foi talvez menor que o dos dois dias primeiros porque a curiosidade dos grandes prestitos que deviam sair hontem, arrastou grande massa de povo para o Centro. [...] (O Paiz, 28 Fev. 1906).

As Avenidas oriundas das intervenções urbanas não foram os únicos novos espaços dos festejos de Momo; entretanto, a produção da centralidade na Avenida Central a configurava como palco principal. Uma vez que tanto os desfiles das Grandes Sociedades e as batalhas na Avenida Beira Mar ocorriam concomitantes com outros espaços da cidade que tinham atração dos brincantes, especialmente aqueles que outrora brincavam o Entrudo às margens das Sociedades Carnavalescas e suas atividades, na dualidade existente na festa. Esses novos espaços também eram consequência da expulsão da população com menor poder aquisitivo que morava nos extintos casarões, ora pelo Bota-Abaixo, ora pela vacinação obrigatória para combater os surtos de febre amarela, tal qual ocorria com a ocupação dos bairros em formação. Os exemplos dos bairros de Botafogo e do Encantado, mencionados nas batalhas de confete ou nos festejos nos subúrbios, e os dias de Momo especializavam simbolicamente a cidade do Rio de Janeiro em meio à (às) reforma(s), tanto urbanas como nas novas formas de brincar o Carnaval.

5 CONCLUSÃO

A discussão sobre as Grandes Sociedades e o Carnaval em si no Rio de Janeiro em seus diversos aspectos apresenta novas perspectivas e estudos a serem aprofundados. O estudo das centralidades festivas em meio às reformas que a cidade passou foi um recorte determinado tanto espacial quanto temporalmente. Surgem desdobramentos da narrativa que foi elencada ao longo dos capítulos anteriores em busca de responder o questionamento e os objetivos que a pesquisa se propôs. Os múltiplos desdobramentos sugerem a abordagem do Carnaval como objeto de estudo pela Geografia em diferentes frentes, como a investigação das espacialidades utilizada, a coexistência com diferentes manifestações carnavalescas, recortes temporais de longa e curta duração, recorte espacial em micro ou em macro escala, tomadas de decisão pré-determinadas de acordo com os procedimentos metodológicos disponíveis e viáveis de mensuração na construção de pesquisas futuras.

A relevância do estudo das Grandes Sociedades possibilita a divulgação da fama e grandiosidade dessa manifestação, tanto para o Carnaval carioca quanto para a cidade do Rio de Janeiro, como pressupostos para a vivência entre a cidade e a festa, ação recorrente até os dias atuais. Espera-se, com a discussão e os resultados apresentados, seja exemplificado o estudo da espacialização e a formação de significados pela prática carnavalesca. A vivência dos dias do Reinado de Momo permite a observação de representações da sociedade através das manifestações carnavalescas que eram incorporadas nesses dias que antecedem o início do tempo quaresmal. Logo, a alegria, os confetes e as serpentinas compreendem o ânimo e a organização ou espontaneidade dos brincantes tanto em grupo quanto avulsos pelas ruas da cidade.

O estudo das centralidades simbólicas das Grandes Sociedades no Rio de Janeiro em reforma fez com que a perspectiva da sincronia espacial, também entendida como a perspectiva da inscrição, ambas pertencentes à Geografia Histórica desenvolvesse a abordagem apresentada nos capítulos anteriores. O emprego das etapas operacionais fez com que a argumentação apresentada possibilitasse a resposta aos objetivos e à problemática da pesquisa; por exemplo, a confecção dos mapas, a fim de representar os elementos, passeios e sedes das Sociedades Carnavalescas, grupos que foram estudados na construção das espacializações e símbolos pela área central da então capital federal, cidade com maior relevância e vitrine para a urbanização em expansão no país no início do novo século em meio ao moderno e cosmopolita, com o ar e o jeito parisiense de cidade.

A “Reforma” do Carnaval das Grandes Sociedades, representadas pelos Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos, expressa um dos mais diversos aspectos sobre as intervenções tomadas tanto pelo governo federal quanto pela prefeitura do Distrito Federal nos anos iniciais, bastante movimentados do início do século XX. A abertura de novas avenidas, além de equacionar a salubridade e a circulação viária, fez com que as atividades das Sociedades tivessem novos palcos para serem percorridos e, com isso, construíram novas espacialidades e significados para esses logradouros. Essas mudanças ocasionaram efeito duplo em relação à criação de novos espaços, como também no que diz respeito à reformulação da dimensão em que as atividades das Grandes Sociedades eram praticadas até então.

Um dos caminhos para observar essas mudanças foi apresentado ao longo deste trabalho dissertativo, com a identificação da construção da centralidade simbólica da Avenida Central, tanto nos desfiles, antes e durante as obras e, posteriormente, no desfilar pelas largas pistas dessa avenida, com capacidade para maior concentração de público e aumento da estrutura dos desfiles. Houve também a inserção de novos elementos, tal como a modernidade trazida por essas intervenções, em que os veículos motorizados servem como exemplo. A existência dessa centralidade no referido logradouro recente no contexto da cidade fez com que, em um curto intervalo de tempo, a imagem da nova cidade com seus *boulevares* e modernidades fosse incrementada de forma prática no espaço urbano e, conseqüentemente, nas atividades das Grandes Sociedades, que já traziam esses elementos em seus discursos e desfiles.

A contextualização do Rio de Janeiro que ocasionou as medidas de intervenção foi elencada como justificativa para os eventos compreendidos entre 1902 e 1906. Condiciona-se que essas obras não resolveram as problemáticas que se arrastavam desde o expansivo crescimento observado ao longo do século XIX. Ressalta-se que as “Reformas” dialogavam com a inserção da modernidade e da visão cosmopolita que a cidade precisava ter; porém, não solucionaram problemáticas como questão habitacional, conflitos sociais e de salubridade que estavam às voltas em eventos conhecidos pelas revoltas desse período. Em suma, as obras realizadas tiveram como objetivo a construção de novas imagens e roupagem para os novos logradouros criados que tinham por premissa se tornar as principais vias da cidade e que absorvessem o fluxo estrangulado nas antigas ruas coloniais.

O surgimento das Sociedades Carnavalescas dialogou com a formação do Carnaval carioca, fenômeno observado ao longo do século XIX e acentuado pela inserção dos bailes de máscaras no interior dos teatros moldados aos costumes franceses. A criação dos cortejos organizados fez com que as ruas passassem a ter relevância e fossem criadas espacialidades por conferir outro uso aos logradouros, além daqueles observados nos demais dias do ano. As Grandes Sociedades são exemplos do crescimento e aperfeiçoamento dessa manifestação com o passar dos anos. A ocupação das ruas pelos Baetas Gatos e Carapicus criou e fortaleceu a imagem do Carnaval carioca, com a construção de símbolos que atraíam público, atenção da imprensa, fama e reconhecimento em comparação à coexistência com as demais manifestações carnavalescas.

Em suma, as práticas variadas desenvolvidas pelas Grandes Sociedades criaram espacialidades simbólicas, compreendidas entre as formas simbólicas e espaciais e os itinerários simbólicos, ações que demonstraram a vivência da cidade com essas práticas, tanto nos dias de Carnaval como nos demais dias do ano. A utilização da cidade pelos Tenentes, Fenianos e Democráticos criaram eventos ao longo do ano, semelhantes a aparições em diferentes datas como o Ano Novo e o Sábado de Aleluia, em que eram divulgados pelos jornais e revistas, como também as reuniões, festas e preparação para os dias de Carnaval, que eram o ápice das suas ações ou de comemorações após os festejos nos dias de momo. Ressaltou-se a centralidade promovida por esses grupos na área central que foram reproduzidas em outras áreas da cidade de forma concomitante com a expansão da moradia no Rio de Janeiro.

As Grandes Sociedades dialogaram para as questões políticas e para a cidade moderna que o Rio de Janeiro ansiava desde meados do século XIX. A existência e recorrência das suas práticas buscavam alastrar os valores que seriam propagados nos projetos e obras realizados para a modernidade da cidade, além de solucionar as velhas problemáticas recorrentes da expansão urbana, acelerada pela instalação da corte portuguesa em 1808 e, posteriormente, com a elevação à sede do império brasileiro e, recentemente, como capital da república recém-proclamada. Por mais que o período das obras ficasse concentrado entre 1902 e 1906, desde a ascensão dos Baetas, Gatos e Carapicus ao longo dos idos anos de 1870 que esses valores e visões de cidade moderna, cosmopolita e civilizada eram propagados como crítica ao modo e estado em que a sociedade carioca vivia.

A criação das sedes e suas mudanças de logradouros por causas diversas, apropriação simbólica das ruas tanto pelos desfiles de Carnaval quanto para as suas demais atividades, bem como a existência da Caverna, Poleiro ou Castello criaram espacialidades além dos dias de Momo, da mesma forma que a concentração de pessoas de outras partes da cidade que se deslocavam para a área central consolidou, com o passar dos anos, o uso simbólico do mesmo. Entretanto, ressalta-se que as Grandes Sociedades não eram as únicas manifestações carnavalescas, porém, ganharam apreço e fama devido à magnitude e luxo dos seus desfiles que, junto aos concorridos eventos tanto em suas sedes como em outros lugares ganhavam a divulgação nas páginas dos jornais e, posteriormente, nas revistas também, inclusive com a presença de desenhos e fotografias, reflexo das novidades que se tornavam comuns no período estudado.

A “Reforma” elencada ao longo destas páginas teve dupla abrangência, tanto para o Carnaval praticado pelas Grandes Sociedades, como também para o Rio de Janeiro que servia como palco dessas manifestações. Ressalta-se que as existências desses grupos permaneciam na vida cotidiana, pela narração das notícias das ações de cada Sociedade Carnavalesca ou da vida social da cidade como também pela relevância que esses eventos tinham em meio aos demais estabelecimentos e acontecimentos sociais que ocorriam. Logo, o ápice das suas atividades durante o Carnaval caracterizou uma adaptação aos novos logradouros e à nova perspectiva de cidade que se esperava após os conturbados anos das intervenções realizadas que conviveram com o Bota-Abaixo e pelos surtos de febre amarela, outras frentes de investigação para entender o Rio de Janeiro no início do século XX.

A relevância da construção da Avenida Central para os desfiles e demais atividades das Grandes Sociedades e, conseqüentemente, na formação das centralidades simbólicas e na apropriação desse logradouro como espacialidade simbólica por essas Sociedades Carnavalescas apresentadas nesta discussão não encerra a abordagem da temática. A investigação das práticas tanto nas demais avenidas inauguradas pelas intervenções urbanas do período, bem como a formação de outras centralidades simbólicas por outras Sociedades e outras manifestações carnavalescas, além da formação de novos bairros na cidade e conseqüentemente, a realização do Carnaval nesses lugares, refletem a pertinência do assunto para novas problematizações e abordagens futuras em outras escalas espaciais e temporais ou em pesquisas para além do arcabouço e ferramentas que a Geografia possibilita compreender.

REFERÊNCIAS

A Grande Avenida. Correio da Manhã. Ano III, n. 917, p. 1. Rio de Janeiro, 15 Dez. 1903.

As Ruas. Jornal do Brasil. Ano XVII, n. 44, p. 3. Rio de Janeiro, 13 Fev. 1907.

_____. O Paiz. Ano XXII, n. 7818, p. 1. Rio de Janeiro, 28 Fev. 1906.

_____. Gazeta de Notícias. Ano XXVII, n. 49, p. 2. Rio de Janeiro, 18 Fev. 1901.

As Sociedades Carnavalescas. Jornal do Brasil. Ano XIX, n. 45, p. 14. Rio de Janeiro, 14 Fev. 1909.

ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Primeira República (1889 - 1930).** Rio de Janeiro: CPDOC, 2015. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br>>. Acesso em 15 Set. 2020.

ABREU, Mauricio de Almeida. Da habitação ao hábitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. **Revista Rio de Janeiro.** n. 10. Rio de Janeiro: UERJ, 2003, p. 210 - 234.

_____. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora IPLANRIO, 1997.

Agradecimento. Diário do Rio de Janeiro. Ano XXXVIII, n. 48, p. 2. Rio de Janeiro, 28 Fev. 1858.

AMARAL, R. de C. M. P. **Festa à Brasileira - Significados do festejar, no país que "não é sério".** 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. 380 f.

Annuncios. Correio da Manhã. Ano VII, n. 2303, p. 11. Rio de Janeiro, 03 Nov. 1907.

Aspecto das Ruas. Correio da Manhã. Ano VII, n. 2423, p. 1. Rio de Janeiro, 02 Mar. 1908.

ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica. **Contemporânea.** n.7. Rio de Janeiro: 2006. p. 45 – 55.

Avenida Beira Mar. O Paiz. Ano XXI, n. 7645, p. 2. Rio de Janeiro, 08 Set. 1905.

Avenida Central. Correio da Manhã. Ano VI, n. 1690, p. 1. Rio de Janeiro, 26 Fev. 1906.

_____. Gazeta de Notícias. Ano XXXII, n. 57, p. 1. Rio de Janeiro, 26 Fev. 1906.

_____. Jornal do Brasil. Ano XI, n. 82, p. 1. Rio de Janeiro, 22 Mar. 1904.

Avenida Central. Rio de Janeiro: Acervo Iconográfico – Biblioteca Nacional, 1905. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=8268. Acesso em 22 Nov. 2020.

AZEVEDO, André Nunes de. **Da Monarquia à República: Um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906.** 2003a. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 327 f.

_____. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**. n.10. Rio de Janeiro: UERJ, 2003b. p. 39 - 79.

AZEVEDO, Aroldo. Vilas e cidades do Brasil Colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva. **Terra Livre**. n. 10. São Paulo: USP, 1992, p. 23 - 78.

AZEVEDO, Artur. **Um Projecto**. O Paíz. Ano XVIII, n. 6231, p. 1. Rio de Janeiro: 30 Out. 1901.

Bailes Carnavalescos. Gazeta de Notícias. Ano IV, n. 65, p. 1. Rio de Janeiro, 05 Mar. 1878.

BARBOSA, Marialva. Imprensa, Poder e Público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). **INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol.20, n.2. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1997, p.87 - 102.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. **A Cidade do Rio de Janeiro nos princípios do século XX, após a reforma Pereira Passos**. 1965 (1910). Place: Fondren Library, Rice University. Disponível em https://library.artstor.org/asset/SS34829_34829_24927767. Acesso em 22 Nov. 2020.

_____. **A Cidade do Rio de Janeiro no meados do século XIX**. 1965 (1852). Place: Fondren Library, Rice University. Disponível em https://library.artstor.org/asset/SS34829_34829_42653866. Acesso em 22 Nov. 2020.

BARROS, Paulo Cezar de. FERREIRA, Fernando da Costa. A importância do estudo da geografia histórica para a compreensão do espaço urbano. **Revista Geo – paisagem**. n.15. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009. p. 1 – 14.

Batalha de Confetti. Correio da Manhã. Ano VII, n. 2419, p. 3. Rio de Janeiro, 27 Fev. 1908.

BAKHTIN, Mikhail. Carnival and the Carnavalsque. In. STOREY, John. (ORGANIZERS). **Cultural Theory and Popular Culture – A Reader**. 4ª ed. Londres: Routledge, 2008. p. 250 – 259.

BENCHIMOL, Jayme Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, DGDI, 1992.

BERMUDEZ, José. **Plan de Buenos Aires y su Fortaleza**. 1708. Disponível em <http://www.histarmar.org/Puertos/BsAs/Riachuelo-1898-1904.htm>. Acesso em 18 Nov. 2020.

BRASIL, Bruno. **CORREIO DA MANHÃ**. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital. 2020. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/>>. Acesso em 15 Set. 2020.

_____. **JORNAL DO BRASIL**. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital. 2015. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>>. Acesso em 15 Set. 2020.

_____. **O PAIZ**. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital. 2015. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>>. Acesso em 15 Set. 2020.

_____. **DIARIO DO RIO DE JANEIRO**. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital. 2014. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em 15 Set. 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. **A Cidade**. 9ª ed, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

_____. **O Espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade**. 1ª ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.

Carnaval. Gazeta de Notícias. Ano XXXVI, n. 06, p. 3. Rio de Janeiro, 06 Jan. 1910.

_____. Jornal do Brasil. Ano XIX, n. 43, p. 13. Rio de Janeiro, 12 Fev. 1909.

_____. Gazeta de Notícias. Ano XXXIV, n. 29, p. 4. Rio de Janeiro, 29 Jan. 1908.

_____. O Paiz. Ano XXIII, n. 8165, p. 3. Rio de Janeiro, 10 Fev. 1907.

_____. Jornal do Brasil. Ano XVI, n. 362, p. 5. Rio de Janeiro, 29 Dez. 1906.

_____. Jornal do Brasil. Ano XVI, n. 58, p. 1 – 2. Rio de Janeiro, 27 Fev. 1906.

_____. O Paiz. Ano XXII, n. 7809, p. 2. Rio de Janeiro, 19 Fev. 1906.

_____. Gazeta de Notícias. Ano VIII, n. 37, p. 2. Rio de Janeiro, 06 Fev. 1882.

_____. Gazeta de Notícias. Ano VII, n. 60, p. 2. Rio de Janeiro, 1º Mar. 1881.

_____. Diário do Rio de Janeiro. Ano LIX, n. 56, p. 2. Rio de Janeiro, 27 Fev. 1876.

_____. Diário do Rio de Janeiro. Ano XLIII, n. 59, p. 1. Rio de Janeiro, 28 Fev. e 1º Mar. 1870.

_____. Diário do Rio de Janeiro. Ano XLIII, n. 51, p. 1. Rio de Janeiro, 21 Fev. 1863.

_____. Diário do Rio de Janeiro. Ano XXXVI, n. 49, p. 1. Rio de Janeiro, 18 Fev. 1857.

_____. Diário do Rio de Janeiro. Ano XXXIV, n. 55, p. 2. Rio de Janeiro, 24 Fev. 1855.

_____. Diário do Rio de Janeiro. Ano XXXIV, n. 25, p. 2. Rio de Janeiro, 25 Jan. 1855.

Carnaval 1908 - O Introito. Gazeta de Notícias. Ano XXXIV, n. 61, p. 5. Rio de Janeiro, 1º Mar. 1908.

Carnaval de 1909 - Primeiro Dia. Gazeta de Notícias. Ano XXXIV, n. 62, p. 1. Rio de Janeiro, 02 Mar. 1908.

CARVALHO, Carlos Delgado de. **História da Cidade do Rio de Janeiro**. Biblioteca Carioca, v. 6. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

CASTILHO, Marcio de Souza. “O amigo incondicional de todos os governos”: a trajetória de João Lage em O Paiz nos primeiros anos da República. **Anais do 9º Encontro Nacional da História da Mídia**. Ouro Preto: 2013. p. 1 – 13.

Chronica Diaria. Diário do Rio de Janeiro. Ano XXXV, n. 06, p. 1. Rio de Janeiro, 06 Jan. 1856.

Chronica de Momo. Correio da Manhã. Ano VIII, n. 2734, p. 3. Rio de Janeiro, 09 Jan. 1909.

Club dos Democráticos. Correio da Manhã. Ano III, n. 623, p. 2. Rio de Janeiro, 24 Fev. 1903.

_____. O Paiz. Ano XV, n. 5208, p. 3. Rio de Janeiro, 08 Jan. 1899.

Club dos Fenianos. Correio da Manhã. Ano IV, n. 979, p. 3. Rio de Janeiro, 16 Fev. 1904.

Correio da Manhã. Ano III, n. 606, p. 2. Rio de Janeiro, 07 Fev. 1903.

_____. Correio da Manhã. Ano II, n. 235, p. 3. Rio de Janeiro, 04 Fev. 1902.

_____. Gazeta de Notícias. Ano XIV, n. 29, p. 4. Rio de Janeiro, 29 Jan. 1888.

Club Tenentes do Diabo. Gazeta de Notícias. Ano XXI, n. 61, p. 5. Rio de Janeiro, 02 Mar. 1905.

_____. Jornal do Brasil. Ano XV, n.30, p. 3. Rio de Janeiro, 30 Jan. 1905.

CLOKE, Paul; COOK, Ian; CRANG, Philip. GOODWIN, Mark. PAINTER, Joe; PHILO, Chris. **Practising Human Geography.** Londres: SAGE Publications Ltd, 2004.

CÔRREA, Roberto Lobato. Processos, interações e formas espaciais. **Revista Brasileira de Geografia.** v. 61, n. 1. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016, p. 127 - 134.

_____. O Urbano e a Cultura: Alguns Estudos. CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia (2).** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 57 - 70.

_____. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CÔRREA, Roberto Lobato. **Olhares Geográficos - Modos de ver e viver o espaço.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 133-155.

_____. Las Formas Simbólicas Espaciales y Política. In: ZUSMAN, P. HAESBAERT, R. CASTRO, H. ADAMO, S. (ORGANIZADORES) **Geografías Culturales: Aproximaciones, intersecciones y desafíos.** Buenos Aires: Editora de la Facultad de Filosofía y Letras, 2011. p. 21 - 48.

_____. A Espacialidade da Cultura. In: ROSENDAHL, Zeny. CÔRREA, Roberto Lobato. (ORGANIZADORES). **O Brasil, a América Latina e o Mundo - Espacialidades Contemporâneas (v.1).** Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 18 - 31.

_____. Formas Simbólicas e Espaço - Algumas Considerações. **Revista GEOgraphia.** Ano 17, n. 17. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007. p. 7 - 18.

_____. **O Espaço Urbano.** 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. O Estudo da Rede Urbana: uma proposição metodológica. **Revista Brasileira de Geografia.** v. 50, n. 2. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1988, p. 107 - 124.

_____. Princípios de Centralidade. **Curso de férias para professores de geografia do ensino médio.** Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, Fundação IBGE, 1970. p. 132 - 141.

Correio da Manhã. Ano IV, n. 995 p. 1. Rio de Janeiro, 04 Mar. 1904.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da Folia: Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DARBY, H. C. On the relations of geography and history. In: GREEN, D. Brooks (ORGANIZERS). **History geography: a methodological portrayal**. Savage: Rowman & Littlefield, 1991. p. 34 – 45.

Declarações. Jornal do Brasil. Ano XVI, n. 244, p. 5. Rio de Janeiro, 01 Set. 1906.

_____. Jornal do Brasil. Ano XVI, n. 41, p. 6. Rio de Janeiro, 10 Jun. 1906.

_____. Correio da Manhã. Ano V, n. 1459, p. 4. Rio de Janeiro, 09 Jul. 1905.

_____. Gazeta de Notícias. Ano XXI, n. 69, p. 4. Rio de Janeiro, 10 Mar. 1905.

_____. Gazeta de Notícias. Ano VIII, n. 26, p. 3. Rio de Janeiro, 26 Jan. 1882.

_____. Gazeta de Notícias. Ano VII, n. 29, p. 4. Rio de Janeiro, 29 Jan. 1881.

_____. Gazeta de Notícias. Ano I, n. 14, p. 3. Rio de Janeiro, 14 Fev. 1875.

DELSON, Roberta Marx. **Novas vilas para o Brasil-Colônia. Planejamento espacial e social no século XVIII**. Brasília: Editora Alva Ltda, 1997.

Democraticos. Correio da Manhã. Ano VIII, n. 2722, p. 2. Rio de Janeiro, 1º Jan. 1909.

Dia Social. Correio da Manhã. Ano V, n. 1385, p. 3. Rio de Janeiro, 26 Abr. 1905.

Diversões. O Paiz. Ano XXIV, n.8626, p.5. Rio de Janeiro, 16 Mai. 1908.

_____. O Paiz. Ano XXI, n.7434, p. 2. Rio de Janeiro, 14 Fev. 1905.

Echos da Semana. Revista Illustrada. Ano VIII, n. 331, p. 3. Rio de Janeiro, 1883.

Echos do Carnaval – Alleluia. Correio da Manhã. Ano VIII, n. 2826, p. 5. Rio de Janeiro, 11 Abr. 1909.

Efeitos do Temporal. Gazeta de Notícias. Ano XXXII, n. 77, p. 4. Rio de Janeiro, 16 Mar. 1906.

Espectaculos. Diario do Rio de Janeiro. Ano XLVIII, n. 53, p. 4. Rio de Janeiro, 02 Mar. 1867.

Estudantes de Heydelberg. Diario do Rio de Janeiro. Ano LIV, n. 52, p. 2. Rio de Janeiro, 21 Fev. 1871.

FERREIRA, F. **Inventando Carnavais – O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **O Livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FIGUEIRA, André Vaz. 1750. **Carta Topographica da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mapoteca do Itamaraty, 1750. Disponível em https://library.artstor.org/asset/SS34829_34829_24928960. Acesso em 18 Nov. 2020.

FURTADO, Janaína Lacerda. **Os dois lados da moeda: a Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro e o discurso de higiene e saneamento no século XIX**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 91 f.

FRIDMAN, Fania. FRIDMAN, Fania. Cartografia fluminense no Brasil imperial. **Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**. Paraty: 2011. p. 1 - 22.

_____. **Donos do Rio em Nome do Rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor e Editora Garamond, 1999.

Gazeta de Notícias. Ano XXXV, n. 35, p. 1. Rio de Janeiro, 04 Fev. 1909.

_____. **Gazeta de Notícias**. Ano XXXIV, n. 67, p. 3. Rio de Janeiro, 07 Mar. 1908.

_____. Ano XXXI, n. 323, p. 3. Rio de Janeiro, 19 Nov. 1905.

_____. Ano XIII, n. 47, p. 4. Rio de Janeiro, 16 Fev. 1887.

GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987 [1936].

Interior - 24 Horas. **Gazeta de Notícias**. Ano XXXIII, n. 52, p. 1. Rio de Janeiro, 21 Fev. 1907.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

Limões de Cheiro. **Gazeta de Notícias**. Ano VII, n. 40, p. 6. Rio de Janeiro, 19 Fev. 1881.

LOS RIOS, Morales de. **Avenidas**. **O Paíz**. Ano XX, n. 7038, p. 1. Rio de Janeiro, 15 Jan. 1904.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. 1ª ed. Brasília: Senado Federal, [1878], 2005.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.17, n.49. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2002. p. 11 - 29.

SILVA, Marcelo Werner da. A Geografia e o estudo do passado: Conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais. **Revista Terra Brasilis**. v.1, n.1. São Paulo: 2012. p.1 – 18.

MALTA, Augusto. **Carnaval na Avenida Central**. Rio de Janeiro: Brasileira Fotográfica – Instituto Moreira Sales, 1906. Disponível em <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2726>. Acesso em 15 Mar. 2021

Melhoramentos da cidade projetados pelo Prefeito do Distrito Federal Dr. Pereira Passos. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal – Comissão da carta cadastral do Distrito Federal. 1903. Acesso em 22 Nov. 2020.

MIGUEL, Adilson. DANSA, Salmo. **Histórias de Carnaval.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Scipione, 2010.

Momo. Correio da Manhã. Ano II, n. 242, p. 2. Rio de Janeiro, 11 Fev. 1902.

MORAES, Eneida. de. **História do Carnaval Carioca.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958.

MORAES FILHO, Mello. **O Entrudo.** Gazeta de Notícias. Ano XIV, n. 48, p. 1. Rio de Janeiro, 12 Fev. 1888.

_____. **Carnaval.** Gazeta de Notícias. Ano XIII, n. 53, p. 1. Rio de Janeiro, 22 Fev. 1887.

Na Avenida Central. Jornal do Brasil. Ano XIX, n. 46, p. 6. Rio de Janeiro, 15 Fev. 1909.

_____. Jornal do Brasil. Ano XVII, n. 44, p. 3. Rio de Janeiro, 13 Fev. 1907.

Nos Subúrbios. O Paíz. Ano XXV, n. 8908, p. 2. Rio de Janeiro, 22 Fev. 1909.

_____. Correio da Manhã. Ano VII, n. 2032, p. 3. Rio de Janeiro, 04 Fev. 1907.

_____. Correio da Manhã. Ano VII, n. 2011, p. 2. Rio de Janeiro, 14 Jan. 1907.

NUNES PEREIRA, Carlos Gustavo. **Porto do Rio 1608 a 2002.** Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2002. Disponível em <http://apps.data.rio/armazenzinho/pages/evolucaoUrbana/?tipo=1&app=porto>. Acesso em 20 Nov. 2020.

O Careta. Ano III, n. 89, p. 21. Rio de Janeiro, 12 Fev. 1910.

O Carnaval de 1909. Revista Fon-Fon! . Ano III, n. 11, p. 26. Rio de Janeiro, 14 Mar. 1909.

O Entrudo e o Carnaval. Gazeta de Notícias. Ano VII, n. 48, p. 2. Rio de Janeiro, 27 Fev. 1881.

Os Fios da Avenida. Gazeta de Notícias. Ano XXXI, n. 61, p. 2. Rio de Janeiro, 01 Mar. 1905.

O Malho. Ano VI, n. 231, p. 2. Rio de Janeiro, 16 Fev. 1907.

O Paíz. Ano XIX, n. 6728, p. 2. Rio de Janeiro, 11 Mar. 1903.

Os primeiros foliões. Jornal do Brasil. Ano XI, n. 49, p. 2. Rio de Janeiro, 18 Fev. 1901.

Ora esta...! . Gazeta de Notícias. Ano XXXIV, n. 3, p. 2. Rio de Janeiro, 03 Jan. 1908.

Palcos e Salões. Jornal do Brasil. Ano XIII, n. 227, p. 3. Rio de Janeiro, 15 Ago. 1903.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O carnaval das letras – Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX.** 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

Projeto de Embellezamento - Capital Federal. O Paíz. Ano XVIII, n. 6366, p. 1. Rio de Janeiro, 14 Mar. 1902.

Publicações a pedido. Gazeta de Notícias. Ano VII, n.59, p. 2. Rio de Janeiro, 28 Fev. 1881.

PIERROT. **Chronica de Momo.** Correio da Manhã. Ano IX, n. 3128, p. 1. Rio de Janeiro, 08 Fev. 1910.

_____. **Chronica de Momo.** Correio da Manhã. Ano IX, n. 3127, p. 1. Rio de Janeiro, 07 Fev. 1910.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **Carnaval Brasileiro – O vivido e o mito.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

REIS, Carlos Frederico da Silva. **Os Tenentes do Diabo: Carnaval, lazer e identidades entre os setores médios urbanos do Rio de Janeiro (1880 – 1932).** Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2012. 135 f.

Revista da Semana. Ano VII, n. 322, p. 7. Rio de Janeiro, 15 Jul. 1906.

_____. Ano VI, n. 252, p. 2. Rio de Janeiro, 12 Mar. 1905.

_____. Ano IV, n. 148, p. 1. Rio de Janeiro, 1903.

Revista dos Jornaes. Diário do Rio de Janeiro. Ano XXXV, n. 39, p. 2. Rio de Janeiro, 08 Fev. 1856.

Revista Fon-Fon! . Ano IV, n. 07, p. 3. Rio de Janeiro, 12 Fev. 1910.

Revista Illustrada, Ano VIII, n. 332, p. 1. Rio de Janeiro, 1883.

_____. Ano VI, n. 332, p. 1. Rio de Janeiro, 1881.

_____. Ano V, n. 195, p. 4. Rio de Janeiro, 1880.

_____. Ano III, n. 132, p. 1. Rio de Janeiro, 1878.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M. Em algum lugar do passado. Cultura e história na cidade do Rio de Janeiro. In: AZEVEDO, André Nunes (org.). **Rio de Janeiro: capital e capitalidade.** Rio de Janeiro: Departamento, 2001. p. 11-43.

SANTOS, Paulo F. Formação de cidades no Brasil Colonial. **Anais do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.** Coimbra, 1968.

Série de grandes obras - A avenida - O projeto do Governo. Revista da Semana. Ano IV, n. 161, p. 1(suplemento). Rio de Janeiro, 1904.

SILVA, Marcelo Werner da. A Geografia e o estudo do passado: Conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais. **Revista Terra Brasilis.** v.1, n.1. São Paulo: 2012. p.1 – 18.

SMITH, Robert C. Urbanismo colonial no Brasil. **Bem Estar.** n. 1. 1958, p. 14 - 22.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

VIERA SOUTO, Luiz Rafael. **O Melhoramento da cidade do Rio de Janeiro - Crítica dos trabalhos da respectiva comissão.** Rio de Janeiro: Lino C. Teixeira & C., 1875.

Tenentes do Diabo. Correio da Manhã. Ano VI, n. 2022, p. 4. Rio de Janeiro, 25 Jan. 1907.

_____. Gazeta de Notícias. Ano XXV, n. 45, p. 1. Rio de Janeiro, 14 Fev. 1899.

Tenentes do Diabo - A Festa da Ressurreição. Gazeta de Notícias. Ano XXXII, n. 48, p. 3. Rio de Janeiro, 17 Fev. 1906.

Uma Volta Desnecessária. O Paiz. Ano XXVI, n. 9253, p. 3. Rio de Janeiro, 08 Fev. 1910.

Viva o Cordão! . O Paiz. Ano XX, n. 7069, p. 1. Rio de Janeiro, 15 Fev. 1904.

WHITE, Paul. Making Use of Secondary Data. In. CLIFFORD, Nick; FRENCH, Shaun; VALENTINE, Gill (EDITORS). **Key Methods in Geography.** Londres: SAGE Publications Ltd, 2010. p. 61-76.